



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA**

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

JOSÉ EVARISTO SILVÉRIO NETTO

*MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DE
ESPORTES EM JOVENS ATLETAS E
FATORES ASSOCIADOS*

Londrina
2010

JOSÉ EVARISTO SILVÉRIO NETTO

*MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DE
ESPORTES EM JOVENS ATLETAS E
FATORES ASSOCIADOS*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Dartagnan Pinto Guedes

Londrina
2010

JOSÉ EVARISTO SILVÉRIO NETTO

MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DE ESPORTES EM
JOVENS ATLETAS E FATORES ASSOCIADOS

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa Associado de Pós-Graduação
em Educação Física - UEM/UEL, aprovada
pela Comissão julgadora em:

_____/_____/2010.

Prof. Dr. Dartagnan Pinto Guedes
Orientador

Londrina
2010

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Dartagnan Pinto Guedes
Orientador

Prof. Dr. José Luiz Lopes Vieira
Membro Interno

Prof. Dr. Ismael Forte Freitas Junior
Membro Externo

DEDICATÓRIA

*Às entidades que interferiram,
interferem, e interferirão nos muitos
momentos da minha existência*

*À minha mãe Neide Aparecida Nery
e meu irmão, Fernando Silvério,
fontes maiores de inspiração, pelo
carinho e ensinamentos, sem os
quais nada seria possível*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Dartagnan Pinto Guedes, por ter me oferecido a oportunidade de estudar a motivação para a prática esportiva, assim como por ter me desafiado a enveredar por tema totalmente novo e intrigante. Sua genialidade e simplicidade na condução dos trabalhos do mestrado ficaram registradas no meu pensar e agir.

Aos meus amigos Ederson Tadeu Barbosa, Eberti Cristovão, Sergio Eduardo Moura, Cassio Gustavo, Jorge Navarrete, pelo carinho e força.

Aos amigos (as) Andréia Kelly Marques, Izabel Cristina Marques, Julio Tumbi Are, e Tiago Tago Elewa, pelo apoio, ensinamentos, carinho, e Luz.

À Mandala e família, nas pessoas Clélia Prestes Zerbini, Cláudio Adão, Cláudia Rosalina Adão, Gildean Panikinho, e Cláudia Prestes, pela infinita Luz, dedicação à amizade sem a qual não seria possível a mim estar nesta condição.

À minha companheira Maria Carolina Gonçalves Venuto, pela inspiração e felicidade que fazem com que a vida seja colorida.

Finalmente, à minha mãe, Neide Aparecida Nery, e ao meu irmão, Fernando Silvério, pela proteção e amor incondicional.

Silvério Netto, José Evaristo. **Motivação para a prática de esportes em jovens atletas e fatores associados.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Esporte. Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2010.

RESUMO

Os objetivos do estudo foram (a) realizar a tradução para o idioma português, a adaptação transcultural e a identificação das propriedades psicométricas do instrumento *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ); e (b) analisar os motivos para a prática de esporte de jovens atletas de acordo com gênero, idade, condição socioeconômica familiar e histórico de treino. Para tanto, inicialmente, dois especialistas bilíngües fizeram a tradução da versão original do PMQ para o idioma português de maneira independente, que após análise resultaram em uma versão de consenso. A seguir, dois tradutores do idioma inglês nativo e bilíngües ficaram encarregados da retrotradução. Um comitê de juízes foi formado para analisar as versões do questionário. O comitê utilizou como critério de análise as equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual. Para identificação das propriedades psicométricas a versão final do PMQ traduzido para o idioma português foi administrado em uma amostra de 1517 jovens atletas (714 moças e 803 rapazes) com idades entre 12 e 18 anos participantes dos Jogos da Juventude do Paraná em 2008. Para identificar as propriedades psicométricas do PMQ traduzido para o idioma português foi realizada análise fatorial exploratória com rotação Varimax e, na seqüência, para análise da consistência interna de cada fator de motivação, foi empregado coeficiente alfa de Cronbach. Quanto ao impacto de gênero, idade, condição socioeconômica familiar e histórico de treino nos escores dos fatores de motivação, recorreu-se aos cálculos da análise de covariância, mediante controle de variáveis independentes. Os resultados mostram que, após discretas modificações apontadas nos processos de tradução, o comitê de juízes considerou que a versão para o idioma português do PMQ apresenta equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual. A análise fatorial exploratória confirmou estrutura de oito fatores de motivação originalmente proposta para o PMQ, explicando 67% da variância total com satisfatórios valores de consistência interna. A

aplicação do PMQ traduzido para o idioma português na amostra selecionada indicou que os fatores de motivação mais importantes para a prática de esporte foram “Competência Técnica” e “Aptidão Física”; porém, diferenças significativas foram observadas quanto ao gênero, idade, condição socioeconômica e histórico de treino. Concluindo, a tradução, a adaptação transcultural e as qualidades psicométricas do PMQ foram satisfatórias, podendo ser recomendado para avaliação dos fatores de motivação para a prática de esporte de jovens atletas.

Palavras-chave: PMQ; adaptação transcultural; propriedades psicométricas; treinamento esportivo; adolescentes.

Silvério Netto, José Evaristo. **Sport motivation in young athletes and associated factors**. Dissertation (Master of Physical Education) – Center for Physical Education and Sport. State University of Londrina, Paraná, Brazil. 2010.

ABSTRACT

The study aimed (a) to translate for the Portuguese language, describe the cross-cultural adaptation and identify the psychometric properties of the Participation Motivation Questionnaire (PMQ); and (b) to analyze the motives for participation in sport among young athlete according to gender, age, socioeconomic status and training history. Initially, two independent bilingual specialists translated the PMQ to Portuguese language, who after discussion, arrived at a consensus version. Later, two independent translators native in the target language and fluent in Portuguese translated this consensus version back into English. A committee of experts was formed to analyze all the versions of the questionnaire. The committee used as criteria the semantic, idiomatic, cultural and conceptual equivalence. The final version translated into Portuguese was administered in a sample of 1517 young athletes (714 females and 803 males) aged between 12 and 18 years who participated in the Youth Games of Paraná, Brazil in 2008. To identify the psychometric properties of the PMQ translated into Portuguese exploratory factorial analysis with Varimax rotation were completed. Cronbach's alpha coefficient was used to assess the internal consistency reliability of each motivational factor. Analysis of covariance, controlling independent variables, was calculated to identify the impact gender, age, socioeconomic status and training history in motivational factors scores. The results showed that after discrete changes evidenced by the processes of translation, the committee of experts considered that the Portuguese version of the PMQ is semantic, idiomatic, cultural and conceptual equivalent. The exploratory factorial analysis confirmed the scale's eight-factor structure originally proposed for the PMQ explaining 67% of the total variance and presenting reasonable values of internal consistency reliability. The application of the PMQ translated into Portuguese in the selected sample indicated that the most important motivational factors for participating in sports were "skill development" and "fitness", but

motivational differences significant were found according to gender, age, socioeconomic status and indicators of training history. In conclusion, the translation, cross-cultural adaptation and psychometric performance of the PMQ were satisfactory, and can be recommended to assess motivational factors within the context of sport for young.

Keywords: PMQ; cross-cultural adaptation; psychometric properties; sport training; Adolescents.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Reciprocidade triádica segundo a Teoria Social Cognitiva	22
Figura 2.	<i>Continuum</i> de autodeterminação exemplificando os estilos regulatórios, <i>locus</i> de percepção de causalidade, e processos regulatórios relevantes	31
Figura 3.	Seqüência motivacional descrita por Vallerand (1997) e o modelo do processo motivacional em Educação Física (Ntoumanis, 2001)	35
Figura 4.	Modelo proposto por Wang e Biddle (2003) de inter-relação entre crença na habilidade, orientações das metas, competência percebida e motivação intrínseca	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Características psicométricas do <i>Participation Motivation Questionnaire</i> (PMQ).....	50
Tabela 2.	Universo de jovens atletas que participaram dos Jogos da Juventude do Paraná no ano de 2008	60
Tabela 3.	Número de jovens atletas analisados no estudo	61
Tabela 4.	Indicadores sociodemográficos e histórico de treinamento da amostra de jovens atletas analisados no estudo	65
Tabela 5.	Análise fatorial exploratória do <i>Participation Motivation Questionnaire</i> (PMQ) traduzido para o idioma português administrado em jovens atletas do Estado do Paraná	67
Tabela 6.	Estrutura fatorial do <i>Participation Motivation Questionnaire</i> (PMQ) traduzido para o idioma português administrado em jovens atletas do estado do Paraná.....	68
Tabela 7.	Informações estatísticas (média \pm desvio-padrão) dos fatores de motivação para a prática de esportes em jovens atletas do estado do Paraná mediante a aplicação do <i>Participation Motivation Questionnaire</i> (PMQ)	70
Tabela 8.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com o gênero dos jovens atletas	71
Tabela 9.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a idade dos jovens atletas	73
Tabela 10.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a classe econômica familiar dos jovens atletas	73
Tabela 11.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a idade de início do treino dos jovens atletas	76
Tabela 12.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com o tempo de treino dos jovens atletas	76
Tabela 13.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a frequência semanal de treino dos jovens atletas	77
Tabela 14.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a duração das sessões de treino dos jovens atletas	77
Tabela 15.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a característica da modalidade esportiva praticada	78
Tabela 16.	Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com o nível de competição dos jovens atletas.....	80
Tabela 17.	Estrutura fatorial do <i>Participation Motivation Questionnaire</i> (PMQ) identificada no estudo original de Gill, Gross e Huddleston (1983) e no presente estudo	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVOS	19
3. JUSTIFICATIVA	20
4. REVISÃO DA LITERATURA	21
4.1. Teoria Cognitiva Social e Auto-Eficácia	21
4.2. Teoria de Autodeterminação e Motivação	29
4.3. Motivos para a Prática Esportiva	39
4.6. Instrumento <i>Participation Motivation Questionnaire</i> (PMQ)	47
4.4. Indicadores Sociodemográficos	50
4.4.1. Cor da Pele/ Etnia	51
4.4.2. Condição Socioeconômica Familiar	54
4.4.3. Escolaridade	55
4.4.4. Gênero	55
5. MÉTODOS	57
5.1. Tradução e Adaptação Transcultural do PMQ	57
5.2. Aplicação do Instrumento Traduzido PMQ	59
5.2.1. Seleção da Amostra	59
5.2.2. Coleta de Dados	61
5.3.1. Tratamento Estatístico dos Dados.....	62
6. RESULTADOS	64
6.1. Tradução, Adaptação Transcultural, e Propriedades Psicométricas do PMQ	65
6.2. Identificação dos componentes motivacionais relacionados à prática de esporte de acordo com gênero, idade, e condição socioeconômica familiar	70
6.3. Impacto do histórico de treino nos componentes motivacionais relacionados à prática de esporte	74
7. DISCUSSÃO	81
7.1. Tradução, Adaptação Transcultural, e propriedades psicométricas do PMQ	81
7.2. Identificação dos componentes relacionados à prática de esporte	87
8. CONCLUSÃO	93
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
10. ANEXOS	104
Anexo 1 – Aprovação do Comitê de Ética	105

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	106
Anexo 3 – Motivos para a Prática de Esporte (PMQ)	107
Anexo 4 – Questionário Sociodemográfico	108
Anexo 5 – Participation Motivation Questionnaire	109

1. INTRODUÇÃO

O esporte, em particular o esporte juvenil, vem sendo cada vez mais objeto de discussão na área da Educação Física, dado o crescimento da sua importância no campo da saúde coletiva. Enquanto um direito de todos de acordo com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte disseminada pela UNESCO, no contexto social, o esporte apresenta três formas de manifestação: 'esporte-educacional', 'esporte-rendimento' e o 'esporte-participação'. O 'esporte-educacional' apresenta caráter de formação mediante princípios educacionais; o 'esporte-rendimento' apresenta caráter de elite por meio de regras específicas das modalidades esportivas, organizações que o regulamenta, patrocínios e institucionalizações; e o 'esporte-participação' promove a interação social e a saúde mediante a promoção do bem-estar, do lazer lúdico e da utilização construtiva do tempo livre (BÖHME, 2003).

A participação esportiva com aspirações de aprimoramento e manutenção da saúde positiva, mediante promoção do bem-estar e da qualidade de vida do praticante, pode ser trabalhado dentro das manifestações educacional e participativa, e encontra respaldo no contemporâneo construto de saúde preconizado pela Organização Mundial de Saúde. Este construto assume a saúde como uma "multiplicidade de aspectos do comportamento humano voltados ao completo bem-estar físico, mental, social" (WHO, 2002).

Segundo Gomes (2006), para os profissionais de Educação Física a educação é um elemento transformador capaz de integrar as pessoas na realidade social com autonomia e agência pessoal; é um instrumento que propicia a melhora da saúde, da qualidade de vida, e do bem-estar. Saúde, assim como o conceito de esporte, possui várias dimensões, a citar conservação da saúde, promoção da saúde, educação para a saúde, prevenção/controle de doenças, e reabilitação da saúde. Em se tratando de saúde pública, trabalhos importantes vêm sendo publicados acerca de doenças ocasionadas por um estilo de vida pouco ativo fisicamente e pouco saudável (HALLAL et al., 2007). A posição da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, no que diz respeito à quantidade mínima de atividade física, é a

defesa de que deve-se manter um dispêndio energético semanal de pelo menos 2000 kcal, para uma pessoa de 70 kg (CARVALHO et al., 1996).

Nas sociedades modernas indivíduos em quantidade crescente, e mais precocemente, assumem comportamentos de risco para a saúde como o consumo de tabaco, de álcool, de drogas psicotrópicas, sendo insuficientemente ativos, entre outros comportamentos deletérios à saúde positiva. Alguns estudos apontam para a importância do esporte na manutenção da saúde positiva dos jovens, mediante níveis de prática habitual de atividade física adequados. Segundo Alves et al. (2005), é importante que políticas públicas incentivem os jovens para a prática esportiva, uma vez que, os hábitos de prática da atividade física na adolescência parece se transferir para a idade adulta.

Embora a literatura não apresente consistência na relação atividade física na adolescência e na vida adulta, pesquisas sugerem que praticas esportivas durante a adolescência contribuem para atividade física de lazer e manutenção de maior dispêndio energético, e diminuição do sedentarismo na vida adulta (AZEVEDO JUNIOR et al., 2006; ALVES et al., 2005). Promover a prática de atividade física no cotidiano de crianças e adolescentes mediante a prática esportiva parece ser mais eficiente na medida em que os jovens demonstram grande afinidade por atividades competitivas, assim como pelo prazer no engajamento em atividades desafiadoras e estimulantes, sendo este um perfil psicológico comum da adolescência.

O esporte possui um valor terapêutico importante, que contribui para o aprimoramento da saúde positiva. Este valor terapêutico está na maior absorção do jovem atleta na atividade esportiva, de modo que, no momento da prática, o jovem não esteja sob a pressão da “vida cotidiana”, ou mesmo não esteja em um estado de auto-análise ou introspecção. De acordo com Lawther (1978), a transição da atenção para fora de si mesmo que ocorre com o jovem atleta em um processo de concentração para a atividade esportiva não é saudável somente do ponto de vista psíquico, como também oportuniza satisfação emocional.

Apesar de o esporte causar grande impacto na saúde pública, e nas sociedades de forma geral, as práticas esportivas no Brasil, tanto nas esferas recreacional como de desempenho competitivo, carecem de abordagens

interdisciplinares que contemplem os múltiplos fatores que interagem para o sucesso, ou fracasso, em determinada modalidade esportiva. Os profissionais do esporte, especialmente o treinador esportivo, em sua maioria subestimam a importância dos aspectos psicológicos e sociais, supervalorizando as ciências biológicas relacionadas ao treinamento esportivo, especialmente fatores fisiológicos e bioquímicos do desempenho competitivo. Este fato prejudica o entendimento do processo de treinamento esportivo, uma vez que o treinamento esportivo é um processo ontológico, sendo fundamental a dialética instrução-educação. Trata-se de um processo pedagógico onde a 'instrução' se refere ao ensino e a aprendizagem de técnicas e táticas esportivas, e a realização de tarefas para atingir as metas. Neste caso, a 'educação' se refere ao desenvolvimento das qualidades da personalidade para o adequado rendimento atlético ou comportamento frente aos desafios inerentes às modalidades de esportes. Este entendimento do processo de treinamento esportivo parece ser fundamental para o sucesso de um programa de treinamento com atletas de todas as idades e níveis de desempenho, uma vez que não se treina o corpo do indivíduo, e sim o próprio indivíduo. Desta forma, os jovens atletas são não somente matéria e energia biológica, mas também sentimentos e pensamentos, porque gostam do que fazem e estão motivados para a atividade esportiva (CASAL, 2000).

A superestimação de fatores fisiológicos acaba por diminuir o caráter lúdico que promove prazer e bem-estar na atividade que se pratica, transformando, por vezes, o esporte em um trabalho desumano, exaustivo e sem sentido. Segundo Freire (2005), a confusão de sentidos entre jogo e trabalho, provocada por profissionais do esporte na prática profissional, causa nos jovens atletas um aborrecimento com o que fazem, dificuldade em alcançar suas metas nos desempenhos, perda da qualidade nos movimentos realizados, além da perda da idéia geral do contexto do jogo, por submeter estes atletas a rotinas de treinos exaustivos que poucos trabalhadores suportariam, descaracterizando o jogo.

A Teoria do Treinamento Esportivo deve, portanto, ser norteada por variáveis sociais, intelectuais, e emocionais, assim como por variáveis biológicas (CASAL, 2000). Bara Filho e Ribeiro (2005) sugerem que são necessários estudos que investiguem a correlação de variáveis psicológicas,

fisiológicas, físicas e sociais, para que se tenha um entendimento científico mais robusto sobre a complexidade do esporte. Pesquisas com o objetivo de melhor entender os processos psicológicos responsáveis por melhores desempenhos são fundamentais neste panorama de supervalorização dos fatores limitantes biológicos do desempenho esportivo.

As federações e as confederações esportivas pouco têm contribuído para mudar este quadro de despreparo entre os profissionais da prática esportiva, de resultados insatisfatórios de programas e projetos de promoção do esporte, como baixa adesão de crianças e adolescentes a prática esportiva, desmotivação e elevado número de abandono, ínfimos resultados dos jovens atletas de desempenho competitivo em competições internacionais importantes, entre outros problemas. Essas entidades esportivas recebem recomendações, quando a modalidade é olímpica, de suas respectivas federações internacionais para as idades adequadas ao início da participação em competições estaduais e nacionais. Porém, de acordo com os achados de Arena e Böhme (2004), tanto federações de modalidades esportivas individuais como coletivas optam por não acompanharem essas orientações, promovendo competições para crianças em média dois anos mais novas do que o que é preconizado pelas entidades internacionais.

É consenso entre acadêmicos e profissionais do esporte que um adequado trabalho de fatores psicológicos, físicos, técnicos e materiais, utilizando instrumentos de análise e metodologia específicos à modalidade esportiva, é determinante ao sucesso do técnico e do atleta (SILVA e RUBIO, 2003). Gouveia (2001) trás a tona uma idéia interessante sobre uma integral compreensão do comportamento motor, explicando que somente mediante a integração e interação de diferentes áreas do conhecimento, a citar a fisiologia, a bioquímica, a psicologia, a educação, e perspectivas sócio-culturais, é possível promover tal entendimento nos contextos do movimento.

No geral, tanto atletas de modalidades esportivas coletivas como individuais, encontram-se sobremaneira despreparados psicologicamente e sem suporte social que lhes garanta uma adaptação positiva ao estresse inerente à carreira esportiva. Desta maneira, parece ser fundamental desenvolver pesquisas que investiguem os aspectos psicológicos dos jovens atletas, e levantem conclusões para o melhoramento da aderência, da adesão,

do aumento da motivação para a prática, e do fomento de atitude positiva frente as dificuldades inerentes à carreira esportiva.

Machado, Piccoli e Scalon (2005) afirmam que a motivação é um elemento básico que faz com que o atleta siga as orientações do treinador e atenda diariamente as rotinas de treinamento. De acordo com Smith (2007), ao entender o que é comportamento motivado e como motivar os atletas, poder-se-ia disponibilizar o melhor ambiente possível em que os atletas poderiam potencializar suas experiências individuais, além de tornarem-se mais positivos e saudáveis em contextos específicos. A motivação para a prática de esportes é um tema crucial para o entendimento do esporte juvenil e suas limitações no que se refere ao indesejado abandono e à aderência dos jovens envolvidos.

Em se tratando de políticas de fomento ao esporte infantil e juvenil, torna-se importante identificar não somente os motivos que levam os jovens a praticarem esportes, mas também os indicadores sociodemográficos e histórico de treinamento esportivo associados a esses motivos que, de uma forma ou outra, podem demonstrar algum impacto no comportamento dos jovens diante das atividades esportivas. De posse dos motivos para a prática de esportes e de sua associação com indicadores sociodemográficos e de histórico de treinamento mais relevantes, aumenta-se a possibilidade de auxílio a intervenções para o incremento da prática esportiva, inclusive oferecendo subsídios na tentativa de encaminhar soluções para possíveis obstáculos que limitam a participação de jovens no esporte.

2. OBJETIVOS

Diante do exposto, o presente estudo analisou os componentes motivacionais relacionados à prática de esporte em jovens atletas. A fim de que as metas estabelecidas para o estudo pudessem ser alcançadas em toda a sua plenitude, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- Realizar a tradução para o idioma português, a adaptação transcultural e a identificação das propriedades psicométricas do instrumento *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ);
- Identificar os componentes motivacionais relacionados à prática de esporte em jovens atletas de acordo com gênero, idade e condição socioeconômica familiar; e
- Verificar o impacto do histórico de treino nos componentes motivacionais para a prática de esporte de jovens atletas.

3. JUSTIFICATIVA

Tanto na atividade física como no esporte, e em qualquer outro âmbito da sociedade, o sucesso depende de muitos atributos relacionados ao campo biológico, sociocultural e psicológico, entre outros, sendo a motivação um dos aspectos mais importantes para o bom desempenho. A motivação atua como um fator regulador da energia e da intensidade empregada para alcançar objetivos previamente estabelecidos (VALDÉZ, 1996 apud AZOFEIFA, 2006).

Segundo Plonczynski (2000), a motivação para o envolvimento em atividades que exigem esforços físicos mais intensos, como é o caso da prática de esporte, é uma preocupação importante devido a natureza complexa da atividade esportiva e a confusão dos muitos métodos disponibilizados na literatura para investigação do tema.

Profissionais do esporte, professores de educação física na função de treinadores e psicólogos que atuam no campo esportivo, para desempenharem suas funções de maneira mais adequada necessitam, cada vez mais, identificar os motivos que levam os jovens a praticar esportes nas diferentes modalidades e a manter por mais tempo possível esta prática. Portanto, estudos relacionados aos aspectos motivacionais para a prática de esporte são tidos como tema relevante, atual e de crítica importância quando necessitamos compreender o esporte infantil e juvenil, e especificamente os fatores que maximizam a participação dos jovens em diferentes modalidades esportivas.

4. REVISÃO DA LITERATURA

A motivação humana é entendida dentro das teorias sócio-cognitivas, estas apresentando em seu cerne algumas subteorias com princípios, pressupostos e hipóteses específicas. Devido à complexidade do tema Motivação para a Prática Esportiva, a organização da revisão de literatura foi esquematizada em função do suporte teórico que a fundamenta, em detrimento do tema em questão.

Desta forma, o primeiro tópico nomeado 'Teoria Cognitiva Social e Auto-Eficácia', estará relacionado com a explicação da Teoria Sócio-Cognitiva que faz-se importante para o entendimento do comportamento e motivação humana, além de ter influenciado a elaboração dos pressupostos da motivação tal qual atualmente são aceitos. O próximo tópico, intitulado 'Teoria de Autodeterminação', estará situando a motivação com seus princípios, pressupostos e hipóteses, dentro da Teoria de Autodeterminação e suas subteorias sobre a Motivação, que se traduzem no construto teórico mais aceito e amplamente testado em diferentes contextos, dentre os quais o esportivo. A seguir, seguem os sub-tópicos 'Motivos Para a Prática Esportiva', 'Instrumento *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ)', e 'Indicadores Sociodemográficos'.

4.1. Teoria Cognitiva Social e Auto-Eficácia

A Teoria Cognitiva Social têm como prerrogativa que o componente emotivo auto-eficácia, é o principal mediador de mudança de comportamento, sendo modulado mediante aspectos cognitivos. Ainda, a cognição é vista como um mediador em mudanças de comportamentos iniciais que envolvem sucesso e subsequente auto-eficácia (PLONCZYNSKI, 2000).

A Teoria Social Cognitiva explica o comportamento humano mediante a inter-relação entre o comportamento, os fatores pessoais e o ambiente, todos agindo como determinantes que se influenciam bidirecionalmente. Segundo Azzi e Polydoro (2006), esta relação é denominada reciprocidade triádica, sendo representada por um triângulo cujos vértices se relacionam em dois

sentidos com forças não necessariamente iguais (figura 1). A Teoria Cognitiva Social oferece um modelo de agência interativa (ação recíproca) onde as pessoas contribuem e afetam suas próprias motivações e ações dentro de um sistema triádico de causa recíproca. Neste modelo, ação, cognição, afeto, fatores pessoais, e eventos ambientais, operam como determinantes da interação (BANDURA, 1989).

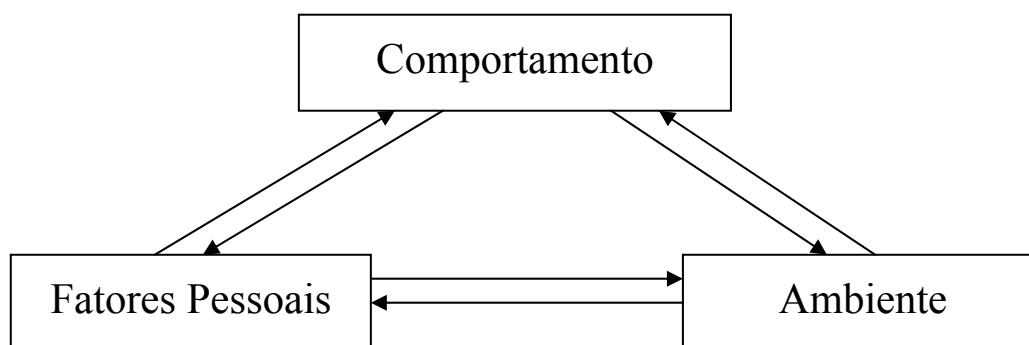


Figura 1. Reciprocidade triádica segundo a Teoria Social Cognitiva.

Segundo Bandura (1989), nenhum mecanismo de agência pessoal é tão penetrante quanto à crença das pessoas sobre sua capacidade de controlar os eventos que afetam suas vidas. A crença de auto-eficácia é utilizada para explicar o comportamento humano em inúmeros contextos sociais, sendo utilizada por diversas áreas do conhecimento, como é o caso da saúde, do esporte, da educação, e do trabalho. Dobránszky e Machado (2001) apontam que a auto-eficácia pode ser utilizada como forma de investigar como o atleta se julga capaz de atingir determinada meta durante treinos e competições, sendo, portanto, específica de determinado momento em determinado contexto, em que o indivíduo avalia a situação e atribui subjetivamente o desempenho que poderá alcançar. O construto da Auto-Eficácia foi criado por Albert Bandura em 1977 e, desde então, veio sofrendo alterações em sua definição seguindo a evolução da Teoria Social Cognitiva (AZZI e POLYDORO, 2006). A Auto-Eficácia leva em consideração a subjetividade do ser humano, e não apenas aspectos objetivos, além das possibilidades de ser o responsável pela organização e execução das estratégias para se chegar a um objetivo, sendo definida por Bandura (1994) como as crenças de uma pessoa em sua

capacidade em produzir determinados níveis de desempenho que exercem influência sobre os eventos e que afetam suas vidas.

Os benefícios do construto da auto-eficácia facilitam o entendimento e o desenvolvimento de comportamentos que auxiliam o sucesso de técnicos esportivos e atletas. Aqueles que apresentam forte senso de auto-eficácia podem ser mais seguros em competições importantes e treinos difíceis, acreditando em suas capacidades para superar as adversidades. Quando as adversidades não são superadas, esses atletas rapidamente podem recuperar o senso de eficácia, atribuindo as perdas como falta de empenho ou conhecimento deficiente, assumindo um comportamento de empenhar-se mais, ou adquirir mais conhecimento (crenças de melhoramento, com orientação das metas à tarefa). Se as perdas ou derrotas não são freqüentes podem reforçar a motivação mais autodeterminada dos atletas, assumindo papel positivo para o desenvolvimento através do reforço de máximos rendimentos, sendo percebido como um desafio estimulante e prazeroso (LAWTHER; 1978). Por fim, estes atletas com forte senso de eficácia podem ser menos estressados e depressivos, assim como lidar com situações adversas crendo em poder controlá-las futuramente. Já os atletas que apresentam um fraco senso de auto-eficácia têm grandes chances de não encarar as dificuldades inerentes das atividades esportivas de forma positiva, sempre as enxergando como situações pessoalmente ameaçadoras. O comportamento desses atletas é propenso a ser de fraco engajamento nas modalidades esportivas, e frente a dificuldades de diminuição do empenho e desistência, tendem a salientar suas deficiências pessoais como falta de aptidão. São pessoas que provavelmente não acreditam que possam melhorar porque vêem a aptidão atlética como um dom e não como resultado de um trabalho bem realizado (crenças de entidades, com orientação das metas ao ego). Por fim, são atletas suscetíveis a altos graus de estresse e depressão.

Segundo Bandura (1989), para a operação da agência humana entendida dentro da 'estrutura de causa interacional' (reciprocidade triádica), a Teoria Social Cognitiva elucida quatro fontes principais na qual a crença na auto-eficácia é desenvolvida, sendo estas as 'experiências diretas', 'experiências vicárias', a 'persuasão social' e os 'estados físicos e emocionais'.

As informações provenientes dessas fontes são interpretadas, auxiliando na construção das crenças de auto-eficácia e operando a agência humana.

A 'experiência direta' de sucesso e superação é a fonte mais forte de desenvolvimento da crença da auto-eficácia, porque é responsável pela construção de uma crença robusta na sua eficácia pessoal. A análise desta fonte baseia-se não apenas no resultado obtido, mas também nas características da tarefa e do ambiente onde se está inserido (AZZI e POLIDORO, 2006). Já as experiências diretas de fracasso são relacionadas à diminuição do senso de auto-eficácia, principalmente se ocorrerem antes de qualquer experiência de sucesso em determinada atividade (BANDURA, 1994). Porém, alguns estudos dizem que experiências de fracasso, ao contrário, podem aumentar a motivação, assim como experiências de sucesso podem desestimular os atletas. Quando as vitórias em eventos esportivos são conquistadas facilmente, não reforçam a motivação dos atletas, e podem até mesmo provocar nestes um baixo engajamento em eventos futuros. Porém, quando as vitórias são conquistadas com dificuldade a tendência é de valorização da conquista e reforço da motivação (LAWTHER, 1978).

A segunda fonte de desenvolvimento do senso de auto-eficácia é a 'experiência vicária', que traduz na observação de um modelo social. Para o esporte esta fonte de influência é extremamente importante uma vez que os atletas mais experientes geralmente são os espelhos dos atletas mais jovens. Quanto mais semelhante for o modelo social em características físicas, modalidade esportiva, estilo de jogo, entre outros fatores que façam com que o indivíduo se espelhe, maior será a influência. Os atletas procuram modelos que possuem as competências que desejam adquirir, e assim, estes modelos sociais conseguem transmitir conhecimento e ensinar aos seus observadores padrões e estratégias de lidar com as demandas do ambiente (BANDURA, 1994). A percepção dos observadores com relação ao impacto social dos modelos altera a força desta fonte de influência, onde professores, técnicos, pais ou ídolos esportivos, oferecem diferentes percepções de prestígio social.

A 'persuasão social' fortalece o senso de auto-eficácia através da persuasão verbal de que o indivíduo possui a capacidade para administrar determinadas demandas da situação. Os incentivos direcionados por pessoas de grande prestígio social ou de grande valor pessoal, conduzem os indivíduos

a se esforçarem muito para obter sucesso, auxiliando o desenvolvimento de um comportamento e senso de eficácia pessoal necessários a superação das adversidades da carreira esportiva. Porém, incentivos não reais e em descompasso com os desempenhos não satisfatórios de um atleta são rapidamente convertidos em descrença nas capacidades pessoais. Orientações e elogios de treinadores esportivos exercem pouca influência sobre o valor das aspirações dos atletas quando estes sentem que seus rendimentos não estão condizentes com o requerido (LAWTHER, 1978).

Por fim, os 'estados somáticos e emocionais' também influenciam no julgamento das suas capacidades. Sensações de estresse, tensão, além de dor física, fadiga e fraqueza, além do humor, são sinais de vulnerabilidade e debilidade física que levarão a um desempenho fraco (BANDURA, 1994). Um atleta obtém maiores percepções de auto-eficácia quando está com um bom humor. Quando está de mau humor, sob forte estresse e tensão, ou com dores no corpo, interpreta seu estado físico de maneira negativa. Os estados somáticos e emocionais podem ocorrer antes ou durante a atividade, funcionando como um filtro para o senso de auto-eficácia (AZZI e POLYDORO, 2006).

A crença de auto-eficácia afeta o comportamento humano através de quatro processos psicológicos: 'processo cognitivo', 'processo motivacional', 'processo afetivo' e 'processo de seleção' (BANDURA, 1994). Assim, influencia as escolhas que fazemos, os esforços que colocamos nas atividades que realizamos, o grau de persistência que mostramos em face das dificuldades, e como nos sentimos ao realizá-la (AZZI e POLYDORO, 2006). Alguns destes processos como estímulo afetivo e padrão de pensamento são importantes na consideração dos próprios acertos, mas não exatamente como influenciadores de intervenção da ação (BANDURA, 1989).

Os cursos de ação para atingir as metas estabelecidas são organizados inicialmente através do pensamento, e, neste processo, as crenças de auto-eficácia auxiliam na construção dos esquemas antecipatórios das situações premeditadas. Os indivíduos que têm elevada crença de auto-eficácia construirão esquemas antecipatórios de sucesso, e organizarão adequados cursos de ação e estratégias (BANDURA, 1989). As pessoas que possuem baixas crenças de auto-eficácia irão construir esquemas antecipatórios de

situações premeditadas de fracasso, visualizarão muitos obstáculos e problemas que não conseguirão resolver, e por isso não conseguirão organizar cursos de ação que as conduzam ao sucesso na situação futura. De acordo com Bandura (1994) com relação às pessoas que são confrontadas com as demandas ambientais de difícil controle, as que possuem dúvidas sobre sua eficácia não conseguem manter um raciocínio analítico regular, estabelecem metas inferiores, e seus desempenhos são piores.

A crença da auto-eficácia afeta a auto-regulação da motivação e determina quanto esforço um indivíduo exercerá na atividade e durante quanto tempo persevera em face dos obstáculos (BANDURA, 1989). As pessoas se motivam e antecipadamente guiam suas ações através de planejamento premeditado, formando as crenças sobre o que podem fazer. Bandura (1994) aponta a existência de três diferentes motivadores cognitivos: 'atribuição causal', explicado pela Teoria da Atribuição; as 'expectativas de resultados', explicadas pela Teoria das Expectativas Avaliadas; e as 'metas de cognição', explicadas pela Teoria das Metas. Na 'atribuição causal', as pessoas com forte crença de auto-eficácia atribuem os seus fracassos a um esforço insuficiente, enquanto aquelas que possuem fraca crença de auto-eficácia atribuem os fracassos a pouca habilidade. 'Atribuições causais' afetam a motivação, o desempenho e as reações, principalmente através das crenças de auto-eficácia (BANDURA, 1994). Com relação às 'expectativas de resultados', a motivação é modulada pela expectativa dos resultados que os cursos de ação organizados produziram, além do valor destes resultados. As pessoas agem baseadas em suas crenças sobre o que podem fazer, assim como sobre os resultados do desempenho. O principal mecanismo cognitivo de motivação, porém, ocorre através do estabelecimento de metas desafiadoras, que são capazes de aumentar e sustentar a motivação. As metas operam pelo processo de auto-influência em vez da regulação da motivação e ação direta (BANDURA, 1994). A motivação baseada no cenário das metas desafiadoras constrói um processo de comparação cognitiva, onde uma experiência de satisfação provoca, em cenários subjacentes de metas semelhantes, a busca desta satisfação e comportamento de perseverar em seus esforços até que as metas sejam cumpridas. Segundo Bandura (1989), as realidades sociais comuns são dotadas de dificuldades, como impedimentos, fracassos, adversidades,

contratempos, frustrações, sendo preciso ter um robusto senso de eficácia pessoal para sustentar um esforço perseverante que é necessário para obter sucesso. No cenário esportivo isso é evidente, uma vez que os atletas tentam a todo o momento ultrapassar seus limites na busca pela obtenção de melhores desempenhos, e superar os adversários em treinos e competições.

Com relação ao 'processo afetivo', a crença de uma pessoa em sua capacidade de perseverar afeta a quantidade de depressão e estresse que ele conseguirá suportar em situações difíceis. Bandura (1989) sugere que as reações emocionais podem afetar as ações de maneira direta e indireta, pela alteração da natureza e do curso dos pensamentos. Pessoas que têm elevadas crenças de auto-eficácia podem controlar as ameaças das atividades e manter os padrões de pensamentos organizados. Porém, aqueles que não crêem em sua capacidade para controlar as demandas ameaçadoras das atividades, desenvolvem elevados níveis de ansiedade e estresse durante a atividade, e têm distúrbios nos padrões de pensamento (BANDURA, 1994). Assim, futebolistas com diminuída crença de auto-eficácia provavelmente realizariam muitos passes errados, se posicionariam mal para as marcações, e finalizariam sem sucesso em situações de "quase gol". Da mesma forma, atletas de modalidades individuais que não crêem em si na execução do gesto motor provavelmente não conseguiriam executar a técnica correta do movimento, devido ao excesso de ansiedade e estresse. Não apenas as crenças na capacidade de perseverar afetam a ansiedade e o estresse, mas também, a crença na capacidade de controlar os pensamentos é fator chave neste processo (BANDURA, 1994) onde quando um indivíduo se percebe como ineficaz em desenvolver estratégias e controlar os pensamentos ("*coping*"), desenvolve altos níveis de distração subjetiva, estímulos autonômicos, e secreção de catecolaminas plasmáticas (BANDURA, 1989). Experiências reais de controle e sucesso, segundo a Teoria Cognitiva Social, é o principal meio de interiorizar um robusto senso de eficácia para perseverar (suportar).

As pessoas são, em parte, produto do meio em que freqüentam. Porém, as crenças de auto-eficácia podem formar o caminho de suas vidas levado pela influência dos tipos de atividade e ambiente que estas pessoas selecionam (BANDURA, 1994). As pessoas evitam situações onde crêem que não possuem capacidade de suportar as adversidades, e selecionam situações e

atividades onde crêem possuir capacidade de perseverar diante dos desafios. Indivíduos podem exercer alguma influência no curso de suas vidas pela seleção e construção do meio-ambiente (BANDURA, 1989).

A motivação para a prática de esportes é um tema fundamental a ser trabalhado junto a profissionais do esporte, em equipes esportivas de todos os graus de desempenho, pois contêm construtos teóricos que fornecem importantes fatores limitantes do desempenho atlético que não são levados em consideração atualmente na prática esportiva. As necessidades psicológicas básicas devem ser contempladas para uma aderência consistente dos atletas à modalidade esportiva, e empenho máximo destes atletas para superação das dificuldades inerentes do esporte de desempenho. Atletas jovens que não têm contempladas as necessidades psicológicas de autonomia, senso de competência e relacionamento, possivelmente não perceberão o locus interno de causalidade das motivações e, por isso, serão motivados por tipos menos autodeterminados.

Atletas que crêem na sua capacidade de tomar cursos de ação que os levem a vitória e sucesso são aqueles que melhor lidarão com os fracassos e obstáculos que a carreira esportiva impõe e, provavelmente, são os que conseguirão avaliar adequadamente as situações de desafio e estresse durante um jogo, tomando cursos de ação satisfatórios. Deste modo, é importante desenvolver as crenças de auto-eficácia nos atletas, para que consigam lidar bem com as pressões sociais que estão submetidos, e com os desafios e obstáculos da vida atlética. Atletas com fortes crenças de auto-eficácia possuem, conseqüentemente, tipos motivacionais mais autodeterminados, e suas metas são orientadas á tarefa (MURCIA e GONZÁLES-CUTRE, 2006).

A aplicabilidade dos construtos motivacionais e de auto-eficácia precisam ser o alvo de pesquisas no cenário esportivo brasileiro, assim proporcionando maior aderência dos atletas de desempenho e recreacionais à prática da sua modalidade. A autodeterminação da motivação depende de fortes crenças de auto-eficácia, e traduz-se em um importante aspecto para o desenvolvimento de comportamentos de aderência e resiliência frente aos obstáculos do esporte, além de serem fundamental para a evolução esportiva e manutenção da excelência esportiva no caso de atletas de elite.

4.2. Teoria de Autodeterminação e Motivação

A motivação é o principal fator a ser trabalhado em atletas que visam desempenho esportivo ou manutenção e melhoramento do estado de saúde, uma vez que os fatores motivacionais são responsáveis pela manifestação da ação como um todo, ou seja, pelas escolhas, orientação a objetivos, esforço e perseverança (GUIMARÃES e BZUNECK, 2002). Azofeifa (2006) aponta que é fundamental para profissionais da Educação Física, treinadores esportivos e instrutores de exercício físico, conhecer os principais motivos que levam os sujeitos sob sua responsabilidade a praticarem atividade física, para terem como subsídios na elaboração adequada de planos de trabalho para a manutenção da aderência, a promoção do prazer na execução, o aumento do ciclo de vida ativo e o afastamento de comportamentos sedentários. Murcia e Gonzáles-Cutre (2006) afirmam que a motivação pode determinar a eleição de uma ou de outra atividade física e modular a intensidade com que a sua prática é realizada. Nesta mesma direção, Ryan e Deci (2000) ressaltam que a motivação tem sido questão central no campo da psicologia por estar no cerne das regulações biológica, cognitiva e social.

Os recentes achados dos pesquisadores conduzem a três necessidades psicológicas inatas, inerentes a qualquer sujeito – necessidades de ‘competência’, de ‘autonomia’ e de ‘relacionamento’ – que, quando satisfeitas, resultam no aumento da auto-motivação e da saúde mental, e quando não satisfeitas, diminuem a motivação e o bem-estar.

No contexto esportivo, a motivação associada com outras variáveis psicológicas como estresse, ansiedade e outras emoções, é dependente da interpretação e atribuição que o indivíduo faz sobre suas capacidades técnicas, estratégias, análise do adversário, e todas as diversas habilidades que fazem parte dos processos cognitivos (DOBRÁNSZKY e MACHADO, 2001).

Portanto, os fatores que levam os jovens a praticarem determinada modalidade esportiva são múltiplos, e, por conseguinte, apresentam experiências e conseqüências muito variadas, e desta maneira a motivação é tratada como um construto singular (RYAN e DECI, 2000). Lawther (1978) destaca que muitos jovens gostam de testar a si próprio, para saber o que são

capazes de fazer do ponto de vista físico, na tentativa de dimensionar qual é a sua capacidade potencial.

A motivação possui duas fontes, intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca diz respeito a participação voluntária em uma atividade, sem a preocupação com recompensas e/ou pressão externa, além de interesses individuais advindos unicamente da atividade, como buscar novidades, desafios e prazer (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005). O jovem atleta motivado intrinsecamente possui orientação das metas à tarefa e, teoricamente, apresenta maior grau de satisfação com a atividade e menor grau de estresse e ansiedade, além de apresentar maior aderência no esporte. Em contrapartida, a motivação extrínseca diz respeito a interesses externos, como obter prestígio social, ganhar prêmios ou evitar cobranças. Assim, o jovem atleta motivado extrinsecamente possui orientação das metas ao ego, é influenciado por recompensas, busca prestígio social, apresenta menor aderência ao esporte praticado, e teoricamente concebe o esporte como um meio para alcançar tais metas.

Deci e Ryan (1985) com o objetivo de elucidar o mecanismo da motivação intrínseca elaboraram a Teoria da Autodeterminação e delinearam um caminho fundamental para os estudos em motivação humana, mediante construtos teóricos (sub-teorias) mais coerentes e sólidos para explicar as motivações humanas, inclusive no campo das atividades físicas e esportivas. Neste caso, estes construtos são Teoria da Avaliação Cognitiva, Teoria da Integração Orgânica, Teoria das Necessidades Básicas e Teoria das Orientações de Causalidade.

A Teoria da Avaliação Cognitiva (sub-teoria) entende que o ser humano comporta-se baseado na motivação intrínseca, extrínseca ou na desmotivação (DESCHAMPS e DOMINGUES FILHO, 2005), e tem o objetivo de explicar a variabilidade da motivação intrínseca, analisando as necessidades básicas de autonomia e competência, e sua inter-relação com os prêmios, e outros aspectos da motivação extrínseca (MURCIA e MARTINEZ, 2006). Segundo Pelletier et al. (2001) de acordo com a sub-teoria da Avaliação Cognitiva, quando o sujeito percebe o seu comportamento como um comportamento induzido por agentes externos, ocorre a condução da percepção do *locus* de causalidade interna para externa.

Por meio da Teoria de Autodeterminação, desenvolveu-se uma nova linha de pesquisas que entende a motivação intrínseca e extrínseca mediante um *continuum* de autonomia dentro de diferentes níveis de regulação e diferentes *lócus* de causalidade percebido (figura 2). Quando os sujeitos percebem o comportamento dentro do *lócus* de causalidade interna, desenvolvem ações autodeterminadas, e quando o comportamento se encontra dentro do *lócus* de causalidade externo, a ação se inicia por influência de fatores externos. Quando ocorre a condução do *lócus* de causalidade percebido interno para o externo, os sujeitos deixam de participar da atividade simplesmente pelo prazer em executá-la, e passam a atuar de acordo com entidades externas, por exemplo, como um prazo estabelecido (PELLETIER et al., 2002).

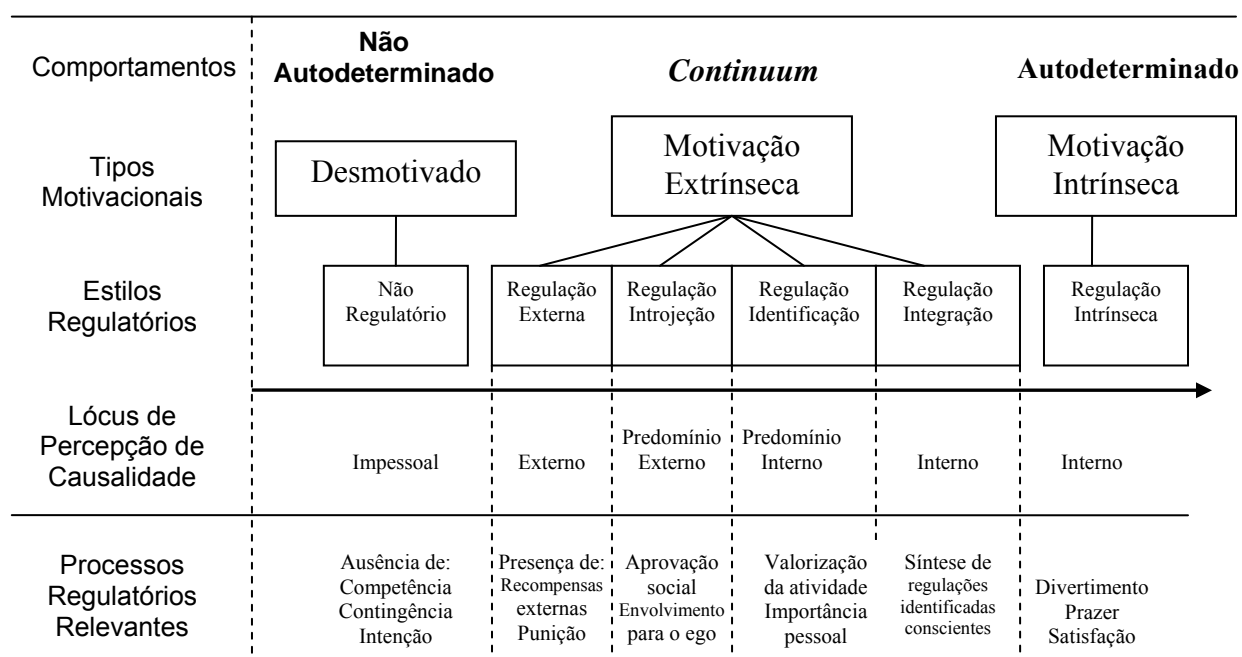


Figura 2. *Continuum* de autodeterminação exemplificando os estilos regulatórios, *lócus* de percepção de causalidade, e processos regulatórios relevantes.

Neste *continuum* de autodeterminação, existem três tipos de motivação: ‘desmotivação’ (ou amotivação), ‘motivação extrínseca’ e ‘motivação intrínseca’. A ‘amotivação’ está no extremo menos autodeterminado do *continuum*, e se caracteriza pela ausência de motivação extrínseca e intrínseca, no qual o indivíduo deixa de valorizar uma atividade, perde a intencionalidade para atuar (RYAN e DECI, 2000), não percebe contingência

entre os resultados e suas ações (NTOUMANIS, 2001), não se sente competente, ou mesmo não crê que o resultado será o planejado ou o esperado (MURCIA e MARTINEZ, 2006). São iniciados e regulados por forças além do controle intencional do indivíduo (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005).

A 'motivação extrínseca' se caracteriza por diferentes tipos motivacionais de acordo com sua regulação, consistindo em conjunto de comportamentos objetivando um fim que não a sensação do prazer e do divertimento oferecidos pela própria atividade (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005), ou satisfazendo uma demanda externa ou contingência de recompensas (RYAN e DECI, 2000). Segundo Ntoumanis (2001), os comportamentos extrinsecamente motivados tornam-se evidentes quando a atividade é realizada como um meio para atingir um fim, e não pelo seu próprio benefício. A Teoria (sub-teoria) da Integração Orgânica detalha os tipos de motivações extrínsecas e os fatores contextuais que auxiliam ou dificultam a internalização e integração da regulação destes comportamentos (RYAN e DECI, 2000), e aponta quatro tipos de motivações extrínsecas: 'regulação externa', 'regulação introjetada', 'regulação identificada', e 'regulação integrada'.

A 'motivação extrínseca de regulação externa' é a forma menos autodeterminada e mais básica da motivação extrínseca, onde a regulação é feita pela imposição de demandas externas por outras pessoas (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005) se caracterizando por ter um *lócus* de controle externo (MURCIA e MARTINEZ, 2006), e sendo o comportamento controlado por recompensas ou ameaças (NTOUMANIS, 2001).

A 'motivação extrínseca de regulação introjetada' é mais afetiva do que cognitiva, onde os comportamentos são originados de pressões internas (culpa e ansiedade) mediante impulsos conflituosos (fazer ou não fazer) (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005), ou para atingir os assessórios do ego tais como o orgulho (RYAN e DECI, 2000) na tentativa de demonstrar habilidade para manter os sentimentos de valor (auto-estima). São comportamentos que começam a ser internalizados; porém, não são amplamente autodeterminados (NTOUMANIS, 2001).

A 'motivação extrínseca de regulação identificada' é mais autodeterminada do que a 'motivação extrínseca de regulação introjetada', pois

a identificação, segundo Ryan e Deci (2000), reflete uma valorização consciente de uma meta comportamental, de maneira que a ação é adotada como pessoalmente importante. Porém, embora o comportamento seja regulado internamente, o indivíduo coloca importância não na atividade em si, mas nos benefícios que esta pode trazer a sua condição. Segundo Ntoumanis (2001), este tipo de comportamento é feito com menor pressão, mesmo a ação não sendo muito agradável, e o resultado é muito valorizado.

A 'motivação extrínseca de regulação integrada' é a forma mais auto-regulada de motivação extrínseca, onde há a possibilidade de escolha, mas a ênfase não se limita a própria atividade, sendo que o indivíduo busca um auto-reconhecimento ou um bem estar pessoal. Neste tipo de regulação da motivação extrínseca, regulações identificadas são amplamente assimiladas para si, o que significa que estas foram avaliadas e alocadas em congruência com outros valores e necessidades (RYAN e DECI, 2000). Guimarães e Bzuneck (2002) afirmam que as condições ambientais que incluem estratégias de ensino adequadas podem conduzir o indivíduo da 'motivação externa' até possivelmente a 'motivação externa de regulação integrada'.

A 'motivação intrínseca', assim como a 'motivação extrínseca de regulação integrada', possui um *locus* de percepção de causalidade interno. Porém, diferente da motivação extrínseca, na motivação intrínseca a ênfase está na própria atividade em vez de nos resultados da atividade, além da busca pelo desafio (NTOUMANIS, 2001), e o indivíduo sente prazer e satisfação na sua realização. A 'motivação intrínseca' é importante para comportamentos autodeterminados ou autônomos, e é relacionada à satisfação das necessidades de sentir-se competente (RYAN e DECI, 2000), pertencer ou estar vinculado a outras pessoas (GUIMARÃES e BZUNECK, 2002), sendo considerado o construto motivacional chave para percepção de competência (WANG e BLIDE, 2003).

Guimarães e Bzuneck (2002) afirmam que a satisfação das necessidades psicológicas básicas de autonomia, de competência, e de relacionamento ou de estar vinculado a outras pessoas, reforça a 'motivação intrínseca', enquanto que falhas na satisfação de tais necessidades implicam em um decréscimo ou um impedimento do seu surgimento. Sobre a necessidade de sentir-se competente, o conceito de auto-eficácia desenvolvido

dentro do modelo da Teoria Cognitiva Social de Bandura, fornece valiosas informações. Para Murcia e Martinez (2006), as necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento, de acordo com a teoria de autodeterminação, atuam como mediadores psicológicos dos diferentes tipos de motivação.

De acordo com Ntoumanis (2001) os tipos 'regulação externa' e 'regulação introjetada' são considerados formas controladas de motivação, enquanto que os tipos 'regulação identificada', a 'regulação integrada' e a 'regulação intrínseca' são formas auto-reguladas de motivação. O contexto social exerce um forte impacto nas motivações autodeterminadas e no processo de internalização. Pelletier et al. (2001) afirmam que os contextos sociais que dão suporte a autonomia individual facilitam a motivação autodeterminada, ao passo que os contextos que dificultam a autonomia, como são os casos dos contextos controlados, são responsáveis por minar a motivação autodeterminada.

Vallerand (1997) criou um padrão de seqüência da motivação para explicar as relações entre 'fatores sociais', 'moduladores motivacionais', 'tipos de motivações' e 'conseqüências' (figura 3). Diferentes tipos motivacionais são influenciados por 'fatores sociais', contudo as influências destes 'fatores sociais' são manifestadas através da satisfação de necessidades psicológicas. Finalmente os diferentes 'tipos motivacionais' conduzem a importantes 'conseqüências' cognitivas, afetivas e comportamentais.

Ntoumanis (2001) testou a seqüência motivacional no contexto desenvolvido por Vallerand (1997) e encontrou as seguintes relações entre os 'moduladores psicológicos' e os 'tipos motivacionais': 1) relação negativa entre modulador 'competência percebida' e 'desmotivação' (-0,64), além de uma relação positiva entre modulador 'competência percebida' e 'motivação intrínseca' (0,90); 2) relações positivas, porém fracas, entre modulador 'relacionamento' e os 'tipos motivacionais' 'motivação intrínseca' (0,11), 'motivação de regulação identificada' (0,17), e relação forte entre 'relacionamento' e 'motivação de regulação introjetada' (0,79); e 3) relação negativa e fraca entre modulador 'autonomia' e 'motivação de regulação externa' (-0,12). Ntoumanis (2001) teve de ajustar o modelo original, uma vez que no resultado do teste não se verificou relação entre o modulador

psicológico 'autonomia' e 'motivação intrínseca', e nem a relação entre 'motivação de regulação identificada' e a consequência 'esforço'. Entre os tipos motivacionais e as consequências, os resultados foram os seguintes: 1) a 'motivação intrínseca' se relacionou fortemente com o 'esforço' (0,93), e moderadamente com 'intenção' e 'tédio', 2) a 'motivação de regulação externa' teve fraca relação com 'tédio' (0,12), e 3) a 'desmotivação' teve fraca relação com o 'tédio' (0,29).

De acordo com o modelo de seqüência motivacional descrita por Vallerand (1997) testado pelo modelo motivacional para o contexto de Educação Física de Ntoumanis (2001), o modulador psicológico 'percepção de competência' possui grande importância para determinar comportamentos intrinsecamente motivados, pois se relaciona com todos os tipos motivacionais, favorecendo os comportamentos auto-regulados.

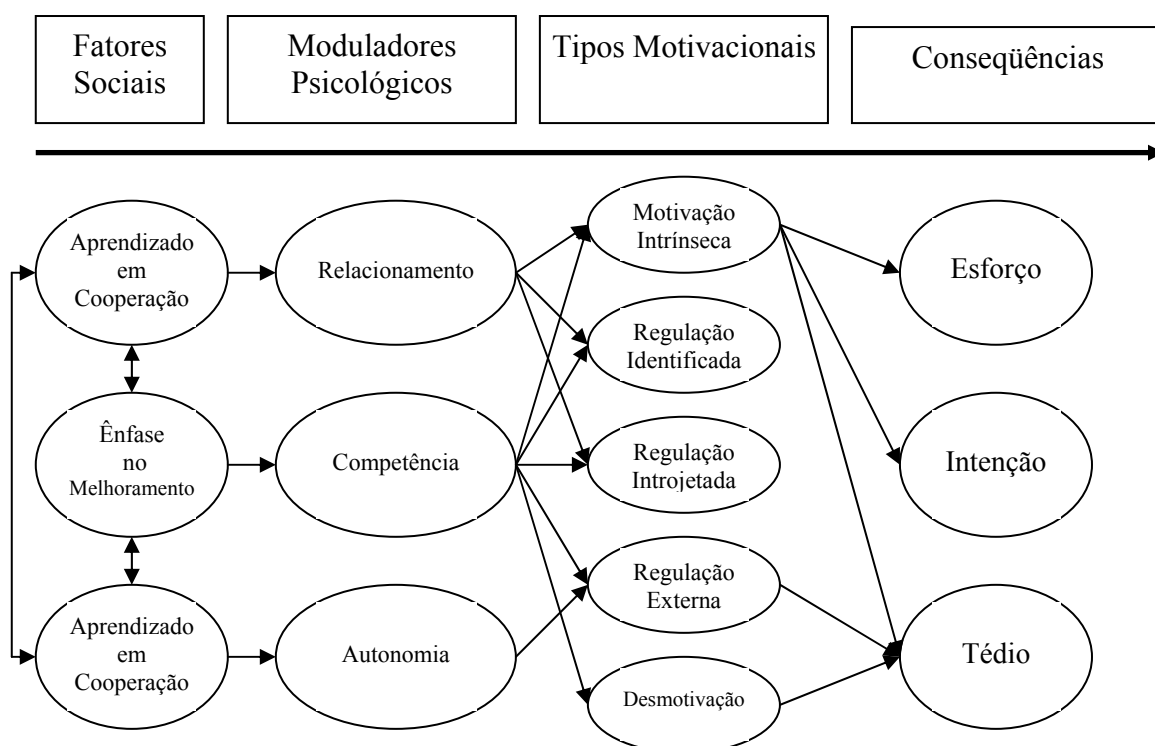


Figura 3. Seqüência motivacional descrita por Vallerand (1997) e o modelo do processo motivacional em Educação Física (Ntoumanis, 2001).

Sobre os fatores sociais, o modelo suporta a tese de que estes são importantes para determinar tipos motivacionais autodeterminados. Por exemplo, no contexto esportivo das rotinas de treinamento diárias e em

situações de campeonato, existem numerosos fatores sociais que são determinantes para a motivação intrínseca, ou para a motivação extrínseca mais autodeterminada dos atletas.

A prática esportiva na contemporaneidade se configura em um meio de atingir prestígio social, recompensas financeiras e materiais, além de poder político. Silva e Rubio (2003) afirmam que, uma vez conquistadas vitórias e recordes, o atleta é premiado com grande prestígio e poder social dentro e fora do seu país, além de vultosas retribuições financeiras, melhorando sua condição social e favorecendo sua inserção em espaços sociais desejados.

Esta busca por recompensas materiais e reconhecimento social traduz a orientação ao ego, e motivação extrinsecamente regulada dos atletas. Isto se explica porque o esporte contemporâneo se constitui em um meio de vida, uma atividade profissional, inclusive sendo norteado por leis trabalhistas. Neste sentido entende-se que os atletas iniciam no esporte recreacional por prazer em praticar determinada modalidade, e se profissionalizam almejando construir uma carreira profissional de sucesso. Daí a grande dificuldade dos técnicos e atletas, em conseguirem desenvolver um desejo de treinar e competir desvinculado dos fatores extrínsecos supracitados. As recompensas passam a ser a tônica da atividade, o motivo. Lawther (1978, p.46) coloca que os atletas jovens buscam ganhar reconhecimento, aprovação e prestígio, além de investirem em uma prática esportiva para escaparem das ansiedades e monotonia da rotina das tarefas diárias.

A motivação é altamente influenciada pela mídia e a torcida, através da expectativa sobre o nível de desempenho do atleta, interferindo na auto-eficácia e, por conseguinte, aumentando ou diminuindo a motivação intrínseca. Porém, segundo Damatta (2003), o esporte enfatiza comportamentos sociais ligados a área do lazer, que, para nós, é definido em contraste relativo com o trabalho. Corroborando com esta idéia, estudos trazem que ao deixar-se absorver por um jogo ou um esporte, os atletas podem, pelo menos temporariamente, se livrar de eventuais frustrações em outras áreas da vida, ou mesmo descarregar sentimentos acumulados como irritações e agressividades, através da difícil prática esportiva (LAWTHER, 1978). Talvez seja correto pensar que o lazer esteja intimamente relacionado com a motivação intrínseca ou motivações mais auto-reguladas segundo o *continuum*

de autodeterminação, uma vez que o lazer nos dá a idéia de bem-estar. Assim, o trabalho estaria relacionado com motivações mais determinadas por fatores externos, sociais, como prestígio social, poder aquisitivo, entre outras motivações. Porém, o lazer na sociedade moderna também é obrigatório, pois para passear, se divertir, viajar, é preciso investir, e se você não realizar estas atividades acaba sendo excluído, vítima dos elementos de compulsão, de coerção, da sociedade moderna.

Embora a quantidade de publicações sobre motivação seja grande, a aplicação das teorias no contexto prático é uma tarefa extremamente difícil. Plonczynski (2000) mostra que existe grande deficiência no campo da psicologia do esporte que é a utilização de modelos cognitivos que não são adequados para explicar ou prever os comportamentos do exercício físico, em razão de serem criados em outros contextos.

Wang e Blide (2003) destacam que os atletas que crêem que a habilidade esportiva é um dom ou algo comum à condição de ser atleta (crença de entidade), possuem 'orientação das metas' para o 'ego' e menor grau de 'motivação intrínseca'. Ao contrário, os atletas que crêem que a habilidade é determinada pela aprendizagem (crença na melhora) possuem 'orientação das metas' voltada para a 'tarefa' e maior grau de 'motivação intrínseca'. Estes pesquisadores criaram um modelo de relação entre concepções de crenças na habilidade esportiva, orientação das metas, competência percebida e motivação intrínseca, onde a 'crença na melhora' influencia a orientação das metas para a 'tarefa', que por sua vez influencia ambas as 'competência percebida' e a 'motivação intrínseca'. Por sua vez, a 'crença na entidade' influencia a orientação das metas para o 'ego', que finalmente influencia a 'competência percebida' (figura 4). Segundo a Teoria de Orientação das Metas, um indivíduo orientado à 'tarefa' coloca maior esforço para atingir os objetivos pessoais porque sabe que quanto mais se esforçar mais perto de obter êxito estará, percebe o nível de habilidade comparando consigo mesmo. Já um indivíduo orientado ao 'ego' se compara as outras pessoas, colocando como meta superar o desempenho de outros indivíduos e não o seu próprio desempenho, percebendo habilidade através de comparação social (AZOFEIFA, 2006).

Portanto, existem dois grupos de crenças em que as pessoas constroem suas visões de maleabilidade de qualidades ou atributos: as ‘crenças de entidades’ e ‘crenças de melhoramento’. A ‘crença de entidades’ se refere à visão que uma qualidade particular é fixa, ou relativamente estável. Já a ‘crença de melhoramento’ diz respeito a visão de uma qualidade particular que é mutável e aberta a se desenvolver. Segundo Wang e Blide (2003), as ‘crenças de entidades’ são mais próximas às metas para o ‘ego’ (externamente referenciadas), enquanto as ‘crenças de melhoramento’ têm sido mais ligadas às metas para a ‘tarefa’ (auto-referenciadas).

No contexto esportivo, atletas com elevados níveis de ‘crença em melhoramento’ possuem grandes possibilidades de desenvolver comportamentos que os levam ao sucesso, considerando que esses atletas têm grandes chances de assumirem atitudes positivas frente às adversidades inerentes a carreira esportiva; portanto, apresentando forte aderência ao esporte, além de apresentar elevada auto-eficácia e altos níveis de tipos motivacionais mais autodeterminados.

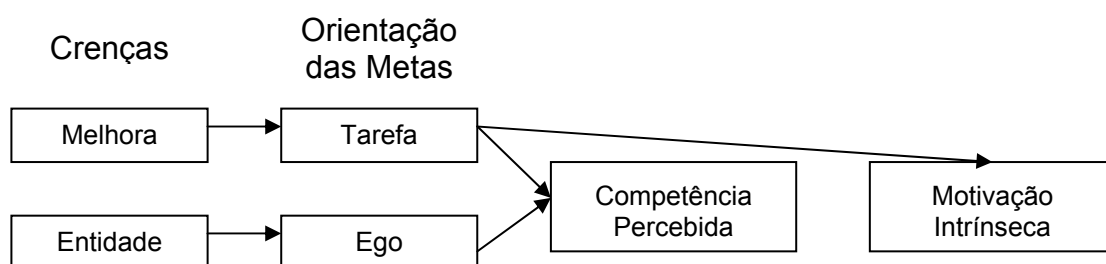


Figura 4. Modelo proposto por Wang e Biddle (2003) de inter-relação entre crença na habilidade, orientações das metas, competência percebida e motivação intrínseca.

Neste sentido, a ‘crença de melhoramento’ influenciando a orientação das metas à ‘tarefa’, a auto-eficácia, e por fim, a motivação, forma um sistema de retro-alimentação positiva em que, quanto mais o atleta se encontra motivado intrinsecamente, mais desenvolverá ‘crenças de melhoramento’, potencializando sua percepção de eficácia pessoal, e aumentando a motivação à prática esportiva, e assim sucessivamente.

Desta maneira, entendendo o mecanismo de funcionamento da motivação, e aliado à quantificação e identificação dos principais motivos para a prática de esportes, é possível lançar mão de estratégias de intervenção para

a promoção de tipos motivacionais mais autodeterminados, e/ou aumentar a intensidade da motivação de jovens engajados em programas esportivos ou de atividade física. Fatores extrínsecos à atividade esportiva, em especial fatores sociais de acordo com a teorias e sub-teorias supracitadas, são influenciadores de primeira ordem da motivação, de modo que a investigação de indicadores sociodemográficos configura em uma importante estratégia para o entendimento mais profundo dos motivos para a prática de esportes em jovens atletas.

4.3. Motivos para a Prática de Esportes

Nas últimas décadas, e mais intensamente a partir dos anos 1990, a importância dos motivos para a participação em atividade física e esporte cresceu substancialmente devido ao reconhecimento da importância da motivação para o aumento da participação e da aderência de jovens em programas esportivos. Porém, ainda hoje, torna-se difícil confrontar os resultados das pesquisas publicadas devido aos diferentes procedimentos de análise e instrumentos dos trabalhos desenvolvidos, além das diferenças sócio-culturais das populações analisadas, o que dificulta a comparação dos motivos para a participação esportiva entre diferentes populações.

García, Weis e Valdivieso (2005) analisando os motivos para a participação esportiva de crianças brasileiras sulistas no basquetebol, mediante a versão brasileira do *Participation Motivation Questionnaire* (GILL, GROSS E HUDDLESTON; 1983) traduzido, adaptado e validado por Scalon, Becker e Brauner (1999), constataram que os itens considerados mais importantes pelas crianças foram 'melhorar minhas habilidades técnicas', 'estar alegre e divertir-me', 'gosto pelos esportes de equipe' e 'gosto por fazer exercícios'. Os itens supracitados caracterizam os tipos motivacionais de regulação intrínseca de execução (em que o sujeito se compromete no esporte pelo prazer de melhorar ou superar a si próprio), e de regulação intrínseca de estimulação (em que o sujeito se compromete para experimentar sensações associadas aos seus próprios sentidos). Por outro lado, os itens menos considerados pelas crianças no estudo foram 'gosto pelos esportes individuais', 'gosto em participar, não

importando a vitória', 'gosto de se sentir importante e famoso' e 'desejo de viajar'.

De maneira geral, as crianças reunidas no estudo consideraram importante as recompensas como a vitória, que representam o tipo motivacional de regulação extrínseca introjetada e identificada. Porém, quando as idades foram estratificadas em três grupos, verificou-se que o grupo de menos idade (8-10 anos) demonstrou maior importância às motivações voltadas às recompensas externas, quando comparado com os outros dois grupos (11-13 anos e 14-16 anos). Porém, Azofeifa (2006), mediante estudo de revisão da literatura, não encontrou consistência à tese de que crianças de menores idades apresentam motivações voltadas às recompensas, uma vez que os resultados das publicações discutidas em seu trabalho de revisão mostram que ambas as motivações, extrínsecas e intrinsecamente reguladas, são destacadas como importantes para os sujeitos mais jovens.

Ainda, no estudo de Garcia, Weis e Valdivieso (2005) foram extraídos através da análise fatorial exploratória cinco fatores principais: 'reconhecimento social', 'afiliação, diversão e excelência', 'amizade e saúde', 'ação-emoção' e 'competência'. Analisando as pontuações médias atribuídas pelos jovens reunidos no estudo aos itens do instrumento nos fatores supracitados, observou-se que, considerando os três grupos etários, o fator 'afiliação, diversão e excelência' foi o mais importante: 8-10 anos (3,62 pontos), 11-13 anos (3,57 pontos), e 14-16 anos (3,74 pontos), seguido dos fatores 'reconhecimento social': 8-10 anos (3,49 pontos), 11-13 anos (3,10 pontos), e 14-16 anos (3,00 pontos), e 'amizade e saúde': 8-10 anos (3,45 pontos), 11-13 anos (3,30 pontos), e 14-16 anos (3,30 pontos).

Cecchini, Méndez e Muñiz (2002) analisaram os motivos para a prática de esportes em escolares de oito a dezoito anos e, utilizando para tanto questionário idealizado pelos próprios autores, e encontraram mediante uma escala Likert de três pontos ('nada importante' (1), 'bastante importante' (2) e 'muito importante' (3)) que os principais motivos foram 'ficar saudável' (2,80 pontos), 'manter a forma' (2,74 pontos), 'ter progresso e melhorar o nível esportivo' (2,73 pontos) e 'melhorar minhas habilidades' (2,72 pontos). Embora tanto os rapazes como as moças tenham apontado os mesmos motivos como mais importantes, a ordem de importância diferiu entre os gêneros. O motivo

‘ficar saudável’ foi para as moças mais importante que para os rapazes (2,83 e 2,76 pontos respectivamente), e o motivo ‘melhorar minhas habilidades’ foi mais importante para os rapazes que para as moças (2,77 e 2,68 pontos respectivamente). Porém, os motivos menos importantes foram ‘ser famoso e popular’ (1,28 pontos), ‘porque os esportistas são atraentes para o sexo oposto’ (1,35 pontos) e ‘ter mais êxito com o sexo oposto’ (1,42 pontos).

Os autores ainda identificaram nove fatores onde os motivos para a prática de esportes foram alocados através da análise dos fatores principais, sendo omitidas as cargas fatoriais abaixo de 0,40. Os fatores criados para a população total foram ‘Condição física/Aparência corporal’, ‘Heterossexualidade’, ‘Equipe’, ‘Diversão/Amizade’, ‘Habilidade’, ‘Vencer’, ‘Relaxamento’, ‘Saúde’, e ‘Aprovação social’, não ocorrendo diferenças para a identificação dos fatores separados por gênero, sendo que, os rapazes apresentaram oito fatores, ao invés de nove fatores, em razão dos fatores ‘Condição Física/Aparência’ e ‘Saúde’ terem sido combinados em um único fator (CECCHINI, MÉNDEZ e MUÑIZ, 2002).

Embora no trabalho de Cecchini, Méndez e Muñiz (2002) as crianças e os adolescentes, em geral, identificarem o motivo ‘ficar saudável’ como o mais importante, uma revisão de literatura conduzida por Allender, Cowburn e Foster (2006), analisando o resultado das pesquisas qualitativas publicadas entre 1990 e 2004 em ampla rede de bases de dados eletrônicas, mostrou que mesmo muitos jovens reconhecerem os benefícios para a saúde associados à prática de atividade física, esta não é a principal razão para a participação. De acordo com os autores, outros fatores como a manutenção do peso, o prazer, a interação social e o apoio foram razões mais comuns para que os jovens se mantenham ativos fisicamente. Assim, entre os estudos que analisaram os motivos para a participação em crianças, foram identificados como principais motivos a ‘experimentação’, as ‘atividades não-usuais’, o ‘apoio dos pais’, e a ‘segurança do ambiente’. Nesta mesma população, foram identificados como barreiras para a participação os ‘esportes de competição’ e as ‘atividades altamente estruturadas’. Em contrapartida, entre as moças adolescentes foi identificado como motivações ‘estética do corpo’, ‘manutenção do peso’, ‘nova rede social’, ‘apoio da família’; e como barreiras ‘experiências negativas na escola’, ‘pressão dos pares’, ‘conflito de identidade’, ‘uniformes de Educação

Física', 'domínio dos rapazes na classe', 'classe competitiva', e 'variedade de apoio do professor' (ALLENDER, COWBURN e FOSTER, 2006).

Guzmán Lujan e Carratalá Deval (2006) analisando os tipos de motivação de judocas em situação pré-competitiva e sua relação com a percepção de autonomia, competência e relacionamento com os demais (variáveis independentes), verificaram diferenças estatisticamente significantes quando as percepções foram estratificadas em altas e baixas, utilizando para a coleta dos dados a Escala de Motivação Esportiva, traduzida do instrumento *Sport Motivation Scale* (PELLETIER et al. 1995). Através da prova dos efeitos inter-sujeitos verificou-se que dentro do fator 'percepção de competência' apenas o tipo motivacional externo de 'regulação externa' não apresentou diferença estatisticamente significante entre os estratos de alta e de baixa percepção. No fator 'percepção de autonomia' foram identificadas diferenças estatisticamente significantes apenas entre os estratos nos tipos motivacionais de 'regulação intrínseca de conhecimento', de 'estimulação' e de 'execução'. Por fim, dentro do fator 'percepção de relações sociais' não ocorreram diferenças significantes nos tipos motivacionais 'extrínseca de regulação introjetada' e 'amotivação'.

Outro objetivo do estudo foi testar o modelo hierárquico da motivação, em que a participação de fatores sociais mediados pela percepção de competência, de autonomia e relacionamento social influenciaram os tipos motivacionais. Os resultados concordaram em parte com o modelo hierárquico, uma vez que foi observado que dentro dos fatores os estratos 'altas percepções' e 'baixas percepções' não se diferiram no tipo motivacional de motivação externa de 'regulação externa', sugerindo que quanto maior a percepção de 'autonomia', de 'competência' ou 'relação social', maior será este tipo de motivação, sendo que o modelo defende o contrário. Uma provável explicação deste resultado segundo os pesquisadores é que a situação de pré-competição estimula os judocas a querer recompensas sociais associadas às vitórias, e que esses tipos motivacionais são importantes em atletas de desempenho (GUZMÁN LUJAN e CARRATALÁ DEVAL, 2006).

Jones, Mackay e Peters (2006) analisando os motivos para a prática de diferentes modalidades de artes marciais de 75 sujeitos ingleses, identificaram que o *continuum* dos fatores, dos mais importantes para os menos importantes,

foram 'afiliação' (mais importante), 'aptidão', 'desenvolvimento de habilidades', 'amizade', 'status/recompensa', 'situacional' e 'competição' (menos importante). Os autores investigaram nestes nomeados fatores motivacionais, diferenças relacionadas ao gênero, à experiência na prática das artes-marciais e quantidade de horas de treinamento/semana, não sendo identificado qualquer diferença significativa. Também foi investigado eventuais diferenças relacionadas entre os itens gênero, experiência na prática das artes-marciais e quantidades de horas de treinamento/semana, e oito questões individuais que investigavam importância percebida de tradição, progressão através dos níveis, aprendizagem de habilidades de autodefesa, habilidade técnica dos instrutores, custos da participação, desenvolvimento de confiança, suporte filosófico e estilo de instrução. Os resultados identificaram um efeito principal significativo para quantidade de horas de treino/semana e suporte filosófico das artes-marciais. Desta forma, aqueles indivíduos que treinavam artes-marciais por mais do que 4 horas/semana identificaram o suporte filosófico como mais importante do que os indivíduos que treinavam menos que 4 horas/semana (JONES, MACKAY e PETERS, 2006).

Breese (1998) buscando identificar os motivos para a prática do taekwondo, relativos às diferentes graduações de faixas e ao tempo total de prática, analisaram as respostas de 72 indivíduos submetidos a um questionário de questões abertas construído para o estudo. As categorias motivacionais gerais da amostra, extraídas das respostas às perguntas abertas, foram 'aptidão' (ficar em forma ou estar forte), 'poder pessoal e controle' (ter o controle de si e das influências dos outros), 'competência' (aprender e melhorar habilidades e alcançar metas), 'afiliação' (estar com amigos ou fazer novos, benefícios familiares, ter interação social e camaradagem), 'prazer' (ter diversão e experiências prazerosas), 'atividade' (um interesse que dá propósito para a vida e proporciona ao indivíduo algo para fazer) e 'fatores contextuais' (fatores que são especificamente associados a participação no taekwondo). Com relação aos indivíduos com diferentes graduações de faixas, a 'aptidão' foi a principal categoria motivacional em indivíduos de faixas brancas e amarelas (faixas iniciais), com 34% dos indivíduos tendo citado como primeiro fator em grau de importância. Porém, em indivíduos de faixas verdes e azuis (faixas intermediárias) a importância da

'aptidão' reduziu, com 23% dos indivíduos tendo citado como primeiro fator em grau de importância. Ao contrário, a categoria 'poder pessoal e controle' ganhou importância com o aumento da graduação de faixas, sendo que, foi citada como primeira em grau de importância por 19% dos indivíduos de faixas brancas e amarelas, 23% dos indivíduos de faixas verdes e azuis, e 33% dos indivíduos de faixas vermelhas, pretas e acima das faixas pretas. Com relação ao tempo total de prática do taekwondo, o comportamento das respostas foi semelhante às respostas organizadas segundo às graduações das faixas, sendo que, quanto maior o tempo de prática menos a 'aptidão' foi percebida como mais importante e mais a categoria motivacional 'poder pessoal e controle' foi percebida como mais importante.

Os motivos de 450 indivíduos adultos para a participação de atividades físicas de um centro de lazer de Nottingham (Reino Unido) foram investigados por Trembath, Szabo e Baxter (2002), através do *Participation Motivation Questionnaire* (GILL, GROSS, e HUDDLESTON, 1983). As razões mais importantes apontadas pelos sujeitos foram 'fazer exercício físico', 'estar em forma', 'estar fisicamente ajustado' e 'ter diversão', em ordem de mais para menos importante. As razões menos importantes foram 'ganhar status', 'gosto do instrutor', 'pais e amigos me querem lá' e 'ser popular', em ordem de menos para mais importante. Análise dos componentes principais foi realizada em que somente os fatores com *eigenvalues* igual ou superior a 1 foram retidos para a rotação final. Foram encontrados oito fatores principais com 60,5% do total de variância, sendo 'orientação de equipe' (23,8% da variância, alfa Cronbach 0,83), 'orientação de aptidão' (8,9% da variância, alfa Cronbach 0,72), 'orientação de realização' (6,9% da variância, alfa Cronbach 0,75), 'fatores extrínsecos' (5,5% da variância, alfa Cronbach 0,62), 'diversos' (incluiu razões de recompensas, liberação de tensão e uso de equipamento, com 5,1% da variância e alfa Cronbach 0,61), 'evitar enfado' (3,6% da variância, alfa Cronbach 0,60), 'popularidade' (3,5% da variância, alfa Cronbach 0,63), e 'auto-melhoramento' (3,4% da variância, alfa Cronbach 0,62).

Em um estudo sobre a natação Andrade, Salgueiro e Márquez (2006) investigaram os motivos para a prática esportiva de 425 nadadores pertencentes às categorias mirim, petiz, infantil, juvenil, júnior e adulto, de diferentes níveis competitivos. Para a coleta dos dados foi utilizado a versão

portuguesa do *Oregon Swimming Questionnaire* de Brodtkin e Weiss (1990), questionário com 35 itens, em que os respondentes são submetidos a uma escala *Likert* de cinco pontos: 1 referente a “nada importante” até 5 “muito importante”. Através da análise fatorial os pesquisadores encontraram oito principais fatores com *eigenvalues* superiores a 1 unidade e alfas de Cronbach superiores a 0,60, sendo: ‘status social’, ‘cooperação’, ‘competição’, ‘diversão/movimento’, ‘forma física’, ‘influência alheia’, ‘socialização’ e ‘habilidade motora’. No que se refere à variável gênero, os pesquisadores encontraram distribuição similar entre homens e mulheres, sendo ‘habilidade motora/saúde’, ‘cooperação’ e ‘socialização’ os mais pontuados em ambos os casos. Quanto à variável categoria competitiva houve diferenças significativas em três dos oito fatores motivacionais. O fator ‘competição’ obteve aumento dos valores com o aumento da idade e os fatores ‘influência alheia’ e ‘habilidade motora/saúde’ apresentaram diminuição da pontuação com o aumento da idade.

Zanetti, Lavoura e Machado (2008) através de questionário estruturado composto de apenas uma questão, sobre os motivos para a procura da modalidade de voleibol, encontraram que, em amostra de 30 atletas entre 12 e 19 anos, foram apontados os seguintes motivos: ‘prazer’ (28,9%), ‘influência da família’ (13,3%), ‘ser um(a) grande atleta’ (11,1%), ‘aprender a trabalhar em equipe’ (8,9%), ‘fazer uma atividade física/esporte’ (6,7%), ‘influência dos amigos’ (6,7%), e ‘outros motivos’ (24,4%).

Lopes e Nunomura (2007) analisaram em 20 ginastas femininas, os motivos para a escolha pela ginástica artística, assim como para continuarem praticando a modalidade, os objetivos e metas das ginastas e o tempo que as ginastas pretendem dedicar ao treinamento, a mobilização para o máximo rendimento e a motivação para treinar após resultados positivos e negativos. As pesquisadoras utilizando para a investigação uma entrevista semi-estruturada com posterior análise de conteúdos, em que os dados foram categorizados e quantificados a partir de frequência de ocorrências, encontraram que 55% das ginastas tiveram como motivo da escolha da modalidade ‘gosto através da visualização da atividade’, 30% das ginastas relataram ‘incentivo dos pais’ como motivo da escolha, e 15% das ginastas relataram ‘seleção por escolas de esportes’. No que se refere aos motivos de

permanência na modalidade ginástica artística, 55% ginastas foram organizadas na categoria 'gostam devido às características da prática', 20% das ginastas foram enquadradas na categoria 'praticam por necessidade fisiológica e psicológica', 10% das ginastas foram colocadas na categoria 'gostam porque preenchem o tempo livre' e 15% restante das ginastas colocadas nas categorias 'gostam porque é diferente', 'gostam porque têm amigas praticando' e 'gostam devido às conseqüências materiais'.

Paim e Pereira (2004) analisaram a motivação para a prática da capoeira em 18 adolescentes escolares da cidade de Santa Maria – RS mediante o Inventário de Motivação para a Prática Esportiva (GAYA e CARDOSO, 1998) em escala *Likert* de três níveis de importância: 'nada importante', 'pouco importante' e 'muito importante'. Os autores do estudo classificaram os motivos em 'competência esportiva', 'saúde', e 'amizade/lazer'. Os resultados apontaram que o motivo 'saúde' foi o que obteve maior frequência de respostas 'muito importante', seguido do motivo 'amizade/lazer', e o menos freqüente foi o motivo 'competência desportiva'.

Murcia et al. (2007) investigaram o impacto do gênero, da idade e da frequência de prática esportiva na percepção do clima motivacional, orientação das metas, mediadores motivacionais, automotivação e prazer de 394 sujeitos (156 mulheres e 238 homens) ativos fisicamente e não-atletas. Utilizando a Escala de Percepção do Clima Motivacional dos Iguais (CMI), Escala de Orientações de Meta no Exercício (GOES), o Questionário de Regulação da Conduta no Exercício Físico-2 (BREQ-2) e a Escala de Desfrute na Atividade Física (PACES). Os resultados apontaram que: (a) os homens perceberam maior clima motivacional voltado ao ego, estavam mais orientados ao ego, pontuaram mais na satisfação de competência e que as mulheres pontuaram mais na necessidade de relacionar-se com os demais; (b) o grupo de praticantes com mais idade (24-54 anos) pontuou mais na satisfação da necessidade de relacionamento com os demais do que os grupos de idade intermediária (19-23 anos) e menor idade (12-18 anos), o grupo de maior idade (24-54 anos) também pontuou mais em prazer e autodeterminação que os outros dois grupos de menor idade; (c) os indivíduos que praticavam mais de três dias por semana apresentaram maior orientação da metas voltadas à tarefa que os sujeitos que praticavam esporadicamente.

Sobre os efeitos que fatores sociodemográficos produzem nos motivos para a prática esportiva, verificaram em sujeitos espanhóis fisicamente ativos e não-atletas que, com relação ao fator gênero, as mulheres apresentaram valores mais altos que os homens em 'prazer', 'aparência', 'social' e 'aptidão'. Com relação ao fator idade, o grupo com idade 16-24 anos apresentou maiores valores médios em 'aparência' em comparação com os grupos de idades 25-34 e 35-73 anos. Em 'aptidão' o grupo de maior idade (35-73 anos) apresentou maior pontuação que os grupos 25-34 anos e 16-24 anos (MURCIA et al., 2007).

Chantal et al. (1996) investigaram em atletas búlgaros, através do instrumento *Sport Motivation Scale* (SMS), a influência do nível de desempenho esportivo e do gênero nos tipos de motivação descritos pela Teoria de Auto-Determinação: motivação intrínseca, motivação extrínseca auto-determinada, motivação extrínseca não auto-determinada e amotivação. Com relação ao desempenho, encontraram que a 'motivação extrínseca não auto-determinada' e a 'amotivação' foram significativamente afetadas pelo 'nível de desempenho', em que quanto maior o 'nível de desempenho', menos auto-determinado foi o tipo de motivação. Os atletas de 'alto rendimento' apresentaram pontuação média de $3,49 \pm 0,65$ e $2,25 \pm 0,84$, 'motivação extrínseca não auto-determinada' e 'amotivação' respectivamente, enquanto os de 'baixo rendimento' apresentaram média de $3,21 \pm 0,62$ e $1,93 \pm 0,61$ respectivamente, para a 'motivação extrínseca não auto-determinada' e 'amotivação'. Entre estes dois tipos de motivação não auto-determinada, a 'amotivação' foi a que mais sofreu influência do 'nível de desempenho esportivo', levando a crer que atletas de elite desenvolvem tipos motivacionais não autodeterminados, em comparação com atletas de menor nível atlético. Com relação ao gênero, os pesquisadores encontraram efeitos significantes no tipo 'motivação intrínseca', na 'motivação extrínseca auto-determinada', não ocorrendo diferenças significativas entre homens e mulheres atletas.

4.4. Instrumento Participation Motivation Questionnaire (PMQ)

No início dos anos 1980, Gill, Gross e Huddleston (1983) com o objetivo de suprir a carência de modelos de pesquisa em motivação para a prática de

esportes em jovens atletas e a necessidade de estabelecer padrão metodológico de mensurações neste campo de pesquisa, propuseram o instrumento específico *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ). O intuito principal dos pesquisadores foi auxiliar os profissionais do esporte no desenvolvimento de modelos de pesquisa e bases conceituais que melhor explicassem a motivação para a prática esportiva de jovens atletas, e também auxiliar no desenvolvimento de um padrão de mensuração da motivação para a prática de esporte em jovens atletas que poderia ser utilizado em uma variedade de projetos de pesquisa e planejamentos de programas esportivos.

O PMQ foi desenvolvido baseado nos resultados de dois estudos-piloto. O primeiro estudo foi conduzido envolvendo acadêmicos de graduação do curso de Psicologia do Esporte da Universidade de Waterloo, Ontário, Canadá, em que cada acadêmico se incumbiu de entrevistar cinco jovens praticantes de esportes e cinco adultos envolvidos com programas de esportes para jovens. A amostra neste primeiro estudo foi composta por 750 jovens praticantes de esportes, que indicaram as razões para sua participação, e 750 adultos envolvidos com programas de esportes para jovens, que indicaram os objetivos dos programas mediante questionário aberto. No segundo estudo os pesquisadores construíram, utilizando as respostas abertas do primeiro estudo e informações disponibilizadas na literatura, um questionário inicialmente contendo 37 itens (afirmações), que foi administrado em 27 rapazes e 24 moças com idades entre 12 e 16 anos, participantes de programa comunitário de futebol em Waterloo, Ontário, Canadá. Modificações foram realizadas no questionário, resultando em versão final contendo 30 itens denominado PMQ (GILL, GROSS e HUDDLESTON, 1983).

Após os dois estudos pilotos o PMQ foi concebido, em sua primeira versão, questionário com 30 itens equivalentes ao elenco de motivos que leva os jovens atletas a praticar esportes. Neste caso, assumiu-se o pressuposto de que essas seriam todos os motivos que os jovens atletas poderiam apresentar para participar de programas esportivos. Em cada motivo (item) os respondentes indicam o grau de importância que mais se aplica a sua condição, mediante escala de medida tipo *Lickert* de três pontos: 1 'importante'; 2 'pouco importante'; e 3 'nada importante'. Desta forma, quanto menor a

pontuação indicada, ou a média de pontuação, mais motivado o praticante esta para a prática de esporte.

Gill, Gross e Huddleston (1983) aplicaram inicialmente o PMQ em 720 rapazes (9-18 anos) e 418 moças (8-18 anos), que participavam de diferentes programas de esportes coletivos e individuais de uma escola de esportes de verão. Mediante análise fatorial foi identificado, tanto para amostra de rapazes, como para amostra de moças, e para amostras combinadas, os mesmos oito fatores:

Fator 1 – *Realização e Status Social*: equivalentes as principais razões relacionadas a vencer, sentir-se importante, ser popular, ganhar status, fazer o que é bom e recompensas.

Fator 2 – *Trabalho em Equipe*: equivalente as razões do trabalho em equipe, espírito de equipe e estar em uma equipe.

Fator 3 – *Aptidão Física*: equivalente à estar em forma, fazer exercício físico e desenvolver-se fisicamente.

Fator 4 – *Gasto Energético*: equivalente a alcançar dispêndio energético, liberação de tensão, algo para fazer, viajar, e sair de casa.

Fator 5 – *Fatores Situacionais*: equivalente as razões relacionadas aos parentes e amigos íntimos, técnicos, e equipamentos e facilidades.

Fator 6 – *Desenvolvimento de Habilidades*: equivalente as razões relacionadas ao aprimoramento das, aprender novas habilidades e ir para um alto nível.

Fator 7 – *Afiliação*: equivalente a estar com amigos e fazer novos amigos.

Fator 8 – *Diversão*: equivalente a ter diversão, ação e excitação.

A consistência interna dos oito fatores foi examinada pelos pesquisadores utilizando análise de correlação sobre todos os possíveis pares de itens (motivos) dentro de cada fator. A confiança foi calculada utilizando a análise de variância (ANOVA), sendo o alfa de *Cronbach* calculado para cada fator – tabela 1.

Os idealizadores do PMQ constataram mediante os testes psicométricos que os valores de consistência interna dos fatores foi boa, sendo que os fatores

'Realização/Status', 'Equipe' e 'Aptidão' apresentaram muito-elevado valores de alfa de *Cronbach*, e o fator 'Amizade' foi o que apresentou consistência interna mais frágil (GILL, GROSS e HUDDLESTON, 1983).

Tabela 1. Características psicométricas do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ).

Fator	Consistência Interna	Alfa de <i>Cronbach</i>
1. Realização/Status	0,34	0,76
2. Equipe	0,54	0,78
3. Aptidão	0,51	0,75
4. Dispendio de Energia	0,28	0,65
5. Outros	0,25	0,49
6. Habilidades	0,25	0,44
7. Amizade	0,14	0,30
8. Diversão	0,28	0,55

Fonte: GILL, GROSS e HUDDLESTON, 1983.

Na seqüência, para atender praticantes de esportes no meio universitário, Dwyer (1992) realizou uma adaptação na escala de medida original do PMQ, ampliando as opções de valores para cinco pontos e reduzindo as dimensões motivacionais para seis fatores: trabalho em equipe, realização/status social, aptidão física, afiliação, desenvolvimento de habilidades e diversão/excitação/desafio.

4.5. Indicadores Sociodemográficos

Indivíduos com menores graus de percepção de competência, como por exemplo, os grupos sociais marginalizados, tendem a apresentar menores níveis de motivação intrínseca e de intenção para prática esportiva (FERNANDES e VASCONCELOS-RAPOSO, 2005). Uma vez não satisfeitas as necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e afiliação ou pertencimento, cria-se uma situação onde dificilmente os atletas conseguirão desenvolver formas motivacionais intrinsecamente reguladas. As pessoas normalmente possuem sentimentos de inferioridade e necessitam ter êxito, popularidade e admiração de seus pares nos eventos da vida cotidiana. O esporte cumpre este papel, uma vez que os êxitos esportivos, segundo Lawther (1978, p. 44), levam a uma melhor aceitação dos seus pares em seu

grupo, além de desenvolver nos indivíduos um sentimento de segurança dentro do grupo social, sendo esta necessidade muito comum entre os adolescentes.

Os fatores sociodemográficos são alvos de investigações tendo como objetivo verificar o impacto na prática habitual de atividade física. Pesquisas têm conduzido a robustas relações entre atributos familiares, fatores ambientais e nível de prática de atividade física (RICHMOND et al., 2008). Palma et al. (2006) investigaram a associação entre participação em programas de exercícios físicos e indicadores sociodemográficos em residentes da cidade do Rio de Janeiro, e encontraram influência das faixas etárias, gênero, estado civil, quantidade de filhos e apoio da família, na prática de exercícios físicos.

4.5.1. Cor da Pele e Etnia

Para Munanga (1999), o racismo surgiu na Europa no século XV quando os europeus, durante a dominação de outras terras, começaram a incutir seu pensamento sobre as sociedades violentadas. Desde então, o racismo se constitui em instrumento de dominação e controle de um povo sobre outros, gerando desigualdades, violência, e diminuição dos níveis de saúde das populações acometidas. De acordo com a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, ocorrida em Durban – África do Sul no ano de 2001, o racismo é uma grave ameaça para a segurança e estabilidade de todos os países, sendo uma realidade de todas as sociedades (SANÉ, 2002).

O racismo e o preconceito étnico/racial são concepções e ações que, no Brasil, promovem a idéia de que o indivíduo negro é inferior ao não-negro (RANGEL, 2006). Esta concepção e ação provocam uma alteração psicológica importante tanto em indivíduos negros como em não-negros; porém, no primeiro, um prejuízo do senso de auto-estima, auto-imagem, auto-eficácia, de modo que são levados a crer que não são capazes de cumprir algum curso de ação pelo fato de serem negros. Souza (2003) adverte que as sociedades que fundamentam suas desigualdades sociais no fenótipo dos indivíduos promovem, nas crianças em momento de introspecção, a atribuição de um significado social à cor da pele, pelos sinais dos adultos de aprovação ou

desaprovação. Segundo Rangel (2006), o valor depreciativo dos controladores da mídia colocando atores negros em papéis como os de empregada doméstica, motorista, e escravo, aliado ao modo como na escola a história do Brasil era estudada sob a ótica do colonizador promovendo exemplos extremamente negativos, contribui para que a criança negra possua pouca expectativa de ascensão social. Deste modo, indivíduos negros percebem, desde a infância, o baixo prestígio que ele e o seu grupo de referência possuem perante a sociedade (Souza, 2003).

As relações interpessoais no Brasil, nas mais variadas esferas sociais, são reguladas por valores racistas que provocam assimetria nas relações entre as pessoas negras e não-negras e, embora o racismo se traduza em uma grande limitação ao desenvolvimento humano, há pouco comprometimento da comunidade acadêmica no sentido de entender profundamente seus mecanismos de atuação, ou de superar seus efeitos no comportamento das pessoas vitimadas.

O construto de auto-eficácia construído por Albert Bandura (1977) dentro da Teoria Social Cognitiva, utilizado para a análise do movimento do corpo humano em vários contextos, como saúde, educação, esporte e trabalho, explica o movimento do corpo humano através da inter-relação entre o comportamento, fatores pessoais e fatores ambientais, todos agindo como determinantes do comportamento humano, e que se influenciam bidirecionalmente, sendo esta relação nomeada de reciprocidade triádica (AZZI e POLYDORO, 2006). Os benefícios do construto de auto-eficácia facilitam o entendimento e o desenvolvimento de comportamentos que auxiliam o sucesso em atividades nas quais as pessoas estejam engajadas. Pessoas com forte senso de auto-eficácia podem ser mais seguras em situações consideradas desafiadoras, persistindo frente a obstáculos e tendo adequada avaliação das dificuldades e facilidades inerentes da situação, por acreditarem em sua capacidade para organizar cursos de ação que os conduzam ao sucesso.

No Brasil, considerando o racismo como presente e norteador das relações humanas, atividades básicas como procurar emprego, trabalhar, estudar, se divertir, muitas vezes configuram-se em eventos extremamente desafiadores e difíceis para as pessoas vitimadas, dependendo das situações ambientais, locais, fatores pessoais, experiências pregressas, entre outros

fatores contidos na reciprocidade triádica que regula o comportamento humano segundo a Teoria Social Cognitiva. O racismo responde por muitos efeitos deletérios ao comportamento humano, como diminuição da auto-estima e da motivação, efeitos estes que contrariam os provocados por um forte senso de auto-eficácia. Os fatores motivacionais recebem forte influência do senso de auto-eficácia, ou percepção de competência (NTOUMANIS, 2001; BANDURA, 1994; LAWOTHER, 1978), de modo que indivíduos que não se percebem capazes de cumprir tal tarefa em uma atividade não se encontrarão fortemente e intrinsecamente motivados para a sua execução.

As condições pelas quais crescem e amadurecem os jovens negros, devido as discriminações e vulnerabilidades específicas, e da necessidade de demarcações identitárias raciais, apresentam especificações próprias evidentes e preocupantes (UNESCO, 2004, p.28). Segundo o Censo (2000), em se tratando de variáveis sociodemográficas dos jovens brasileiros, existem desigualdades muito intensas entre os jovens considerando a cor da pele e a origem urbana ou rural. Tratando-se dos jovens estudantes que vivem em situações de exclusão social, 69,2% são pretos e pardos. Segundo Castro e Abramovay (2002), tratando-se da vulnerabilidade dos jovens quanto ao trabalho, foi elencado entre as dificuldades mais comuns para se conseguir emprego o preconceito racial.

Diferentes estudos têm demonstrado a existência de disparidades étnico-raciais nos níveis de atividade física de adolescentes (RICHMOND et al., 2008). Tais disparidades podem ser fruto de situações ambientais como a pouca oferta de locais para a prática de esportes nos bairros periféricos onde a maioria dos moradores são negros, diminuída disponibilidade de serviços de promoção da saúde e reabilitação de doenças, níveis elevados de violência nos bairros específicos, dentre outros fatores como a baixa auto-estima e baixo senso de auto-eficácia provocado por experiências de exclusão social e discriminação étnico/racial. Os atletas negros, dentro deste panorama social adverso, podem apresentar um perfil motivacional diferentes dos seus pares não-negros, e isso pode seguramente influenciar a assunção de um comportamento positivo frente às adversidades inerentes a carreira esportiva, além da aderência ao esporte.

4.5.2. Condição Econômica Familiar

A condição econômica familiar é um aspecto crucial para determinação do comportamento individual, uma vez que, este apresenta forte impacto dos valores sociais vigentes, principalmente entre indivíduos jovens. Neste sentido, o 'ser jovem' possui diferentes significados se considerados diferentes estratos sócio-econômicos, e se manifesta de formas diferentes de acordo com contextos e circunstâncias (UNESCO, 2004, p. 25).

Estudos têm investigado o impacto da renda familiar, condições de moradia e do bairro, entre outros fatores econômicos, no nível de prática habitual de atividade física e na realização de exercícios físicos de pessoas envolvidas com programas esportivos. Salles-Costa et al. (2003) identificaram em funcionários de uma universidade localizada no Rio de Janeiro, que tanto homens quanto mulheres apresentaram níveis mais elevados de prática habitual de atividade física no tempo de lazer quando a renda *per capita* (renda familiar do último mês dividida pelo número de dependentes desta renda) era maior. Entre as mulheres esta associação foi mais sensível do que entre os homens.

No Brasil, país que ocupa a oitava pior distribuição de renda do mundo, as chances de ascensão social são pequenas, e uma grande parcela das crianças e jovens sonham em ser atletas de sucesso como um meio de conquistar melhores condições e qualidade de vida. As famílias dos jovens com menor poder aquisitivo inseridos em programa esportivo acabam por incentivar a seguirem a carreira esportiva, por sentirem que esta é uma das poucas maneiras de evoluírem no campo econômico, depositando nestes jovens uma grande responsabilidade. A situação de grande pressão familiar, aliada à grande responsabilidade de promover a ascensão social, podem desenvolver tipos motivacionais situados em um *locus* de controle externo, com orientação das metas ao ego, e baseados em recompensas advindas do sucesso na carreira esportiva. Torna-se portanto, extremamente difícil desenvolver tipos motivacionais intrinsecamente motivados dentro de um quadro de favorecimento do desenvolvimento de motivações extrinsecamente reguladas pelo desejo de ascensão e reconhecimento social.

A percepção do *locus* de causalidade da motivação externa implica em tipos motivacionais baseados em aprovação social, envolvimento para o ego, recompensas, pressão social, e outros motivos que não traduzem o prazer na própria atividade (NTOUMANIS, 2001).

4.5.3. Escolaridade

Jovens atletas que possuem altos níveis de escolaridade possuem maior entendimento da sua condição de saúde e da importância de manter comportamento de promoção da saúde para além do melhoramento do desempenho esportivo. Em estudo com amostra representativa dos adolescentes norte-americanos, Richmond et al. (2008) verificaram que diferenças no nível de participação de adolescentes moças de grupos étnicos diferentes em práticas esportivas identificadas em diversos estudos prévios, são explicadas por diferenças das escolas que freqüentam. Garotas negras, brancas e hispânicas quando freqüentavam mesmas escolas relataram níveis similares de atividade física; no entanto, quando freqüentavam escolas que apresentavam quadro de segregação racial (proporcionalidade de alunas negras, brancas e hispânicas desiguais) obtiveram níveis de prática de atividade física diferentes.

Palma et al. (2006) verificaram em indivíduos com mais de 20 anos de idade, residentes do município do Rio de Janeiro, que o nível educacional pode estar associado significativamente ao sedentarismo. Sugere-se, ademais, que tal fato pode ser proveniente do comprometimento da qualidade e quantidade de informações sobre saúde, além do modo positivo às baixas condições gerais do indivíduo. Deste modo, parece que o nível de escolaridade pode exercer alguma influência na prática esportiva dos jovens, através do que estes jovens sabem sobre saúde, qualidade de vida, e fatores de risco à saúde.

4.5.4. Gênero

As moças jovens constituem-se em um grupo social que vêm se destacando no imaginário social, principalmente se considerarmos as sociedades latino-americanas contemporâneas (UNESCO, 2004). Os

movimentos por direitos humanos, em especial os movimentos feministas, têm conquistado muitas vitórias, sendo responsáveis pela quebra de diversos paradigmas machistas. De acordo com Salles-Costa et al. (2003), na época do surgimento das práticas esportivas entre as mulheres na Europa no final do século XIX, a sociedade julgava imoral e negativo tudo o que desviava as mulheres da condição de mães dedicadas exclusivamente ao lar, ao passo que, para os homens, o sucesso esportivo significava *status* social. Apenas na primeira metade do século XX a mulher começou a se aproximar do esporte competitivo, sendo que nos anos 50 e 60 houve uma ocupação efetiva deste espaço esportivo pelas mulheres (RUBIO e SIMÕES, 1999).

Um estudo de Murcia et al. (2007) enfatizou diferenças entre gêneros com relação à orientação das metas, sendo que os homens apresentavam relações positivas com orientações das metas ao 'ego', enquanto que as mulheres apresentaram relações positivas com orientações das metas à 'tarefa'. Esta diferença tem grande implicação na motivação para a prática do esporte, uma vez que indivíduos orientados ao 'ego' possuem tipos motivacionais menos autodeterminados, e aqueles que são orientados à 'tarefa' possuem tipos motivacionais mais autodeterminados.

Salles-Costa et al. (2003) constataram que as mulheres apresentam uma prática significativamente menor de atividade física quando comparadas aos homens. Segundo os autores, isso pode ser reflexo das jornadas triplas de trabalho que contribuem para a limitação do tempo destinado ao lazer. Também verificaram que, entre a população masculina, os esportes mais praticados foram de modalidades coletivas como o futebol e o voleibol; e de força muscular, como a corrida e a musculação. Já entre a população feminina, as atividades praticadas individualmente foram as preferidas, com destaque para a caminhada, a ginástica, a dança e a hidrogenástica.

5. MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos do estudo apresentaram dois momentos distintos, porém, relacionados entre si. Primeiro, procedimentos equivalentes à tradução e à adaptação transcultural da versão original do instrumento *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ). Segundo, procedimentos equivalentes à coleta dos dados para identificação das propriedades psicométricas da versão traduzida do PMQ e análise dos aspectos motivacionais relacionados à prática de esporte em jovens atletas.

5.1. TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO PMQ

Os protocolos de tradução e adaptação transcultural acompanharam procedimentos sugeridos por Guillemin, Bombardier, Beaton (1993). Uma tradução inicial do idioma original (inglês) para o português foi realizada de maneira independente por dois docentes universitários com entendimento detalhado do instrumento PMQ. Os dois docentes têm como idioma nativo o português; contudo, ambos têm amplo domínio do idioma inglês, inclusive com experiência em traduções de textos acadêmicos. Além da tradução em si, foi solicitado que os tradutores registrassem aquelas expressões que eventualmente poderiam oferecer dúvida interpretação.

Na seqüência, grupo bilíngüe formado por três pesquisadores da área do esporte comparou ambos os textos traduzidos, uniformizando o uso de expressões divergentes, produzindo uma única versão do questionário que sintetizou as duas versões anteriores. Depois, ocorreu a retrotradução do questionário por dois outros tradutores que também atuaram de maneira independente. No entanto, neste caso, os tradutores escolhidos têm como idioma nativo o inglês; porém, com domínio do idioma português, atuando como docente universitário em Instituição brasileira. Novamente, foi solicitado aos tradutores que

registrassem aquelas expressões que pudessem gerar dúvidas no processo de retrotradução. O grupo bilíngüe comparou ambos os textos retrotraduzidos, produzindo uma única versão.

A próxima etapa foi realizada a partir da formação de um comitê que analisou o processo de tradução e os resultados alcançados nas etapas anteriores. O comitê foi formado por nove membros, incluindo os autores do estudo, tradutores que participaram do processo de tradução/retrodução e três docentes universitários da área do esporte, todos bilíngüe inglês-português. A atuação do comitê foi realizar a revisão das sete versões do instrumento PMQ disponível: versão original em língua inglesa, as duas versões traduzidas para o idioma português, a versão síntese de ambas as traduções para o idioma português, as duas versões de retrotradução e a versão síntese de ambas as retrotradução.

Além disso, o intuito do trabalho do comitê foi realizar a apreciação dos tipos de equivalência entre o questionário original e a versão no idioma português. Para tanto, os membros do comitê receberam orientações por escrito sobre o objetivo do estudo e as definições adotadas para as equivalências. Cada membro do comitê respondeu individualmente a um formulário de análise que compara cada uma das questões com as respectivas opções de resposta do questionário original, da versão síntese traduzida para o idioma português e da versão síntese de retrotradução, em relação às equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual. O formulário de análise foi estruturado mediante escala diferencial com as alternativas discretas 'inalterada', 'pouco alterada', 'muito alterada' e 'completamente alterada'.

A última etapa do processo de tradução e adaptação transcultural foi a testagem do questionário traduzido para o idioma português, com intuito de verificar as eventuais dificuldades e sugestões dos jovens quanto à compreensão das questões. O questionário foi aplicado experimentalmente pelos autores do estudo em 70 jovens com idades entre 14 e 18 anos (31 moças e 39 rapazes), praticantes de esportes de entidades esportivas de Londrina, Paraná. As

dificuldades e sugestões apresentadas pelos jovens foram consideradas após nova apreciação pelos membros do comitê de análise bilíngüe.

5.2. APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO TRADUZIDO PMQ

Para elaboração do estudo foi utilizado banco de dados construído a partir de levantamento descritivo de corte transversal, envolvendo informações relacionadas a características selecionadas sociodemográficas, ao histórico de treinamento esportivo e aos fatores motivacionais para a prática de esportes em jovens atletas.

A coleta dos dados foi realizada no mês de setembro de 2008 e os protocolos de intervenção utilizados foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Londrina (Processo nº 086/08 – CAAE - 0163.0.268.000-08) e acompanharam normas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisa envolvendo seres humanos – Anexo 1.

5.2.1. Seleção da Amostra

A população de referência para o estudo incluiu jovens atletas do Estado do Paraná, de ambos os gêneros, com idades entre 14 e 17 anos, participantes dos Jogos da Juventude do Paraná no ano de 2008. De acordo com informações apresentadas pela Secretaria de Esportes do Estado do Paraná, participaram da competição cerca de 9692 jovens atletas, em 6 modalidades coletivas (3220 jovens atletas) e 10 modalidades individuais (6472 jovens atletas), representando 104 cidades – tabela 2.

Para a seleção da amostra utilizou-se método não-probabilístico casual. Para tanto, previamente ao início das competições, todos os técnicos e dirigentes participantes dos Jogos da Juventude do Paraná no ano de 2008 foram contatados e informados quanto à natureza, aos objetivos do estudo e convidados para participarem da coleta dos dados. Mediante confirmação pelo termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2), 1510 jovens atletas (708 moças e

802 rapazes) concordaram em participar do estudo, o que representa 15,6 % do universo de participantes da competição – tabela 3.

Tabela 2 – Universo de jovens atletas que participaram dos Jogos da Juventude do Paraná no ano de 2008.

Modalidades	Moças	Rapazes	Total
Coletivas	1292	1928	3220
Basquetebol	276	312	588
Voleibol	312	300	612
Handebol	336	364	700
Futsal	300	312	612
Futebol	-	572	572
Vôlei de Praia	68	68	136
Individuais	2846	3626	6472
Atletismo	810	1085	1895
Ciclismo	175	400	575
Ginástica Rítmica	165	-	165
Natação	416	480	896
Tênis de Campo	40	64	104
Judô	378	432	810
Karatê	171	264	435
Tênis de Mesa	55	95	150
Xadrez	168	234	402
Taekowdo	468	572	1040

Fonte: Secretaria de Esportes do Estado do Paraná.

Tabela 3 – Número de jovens atletas analisados no estudo.

Modalidades	Moças	Rapazes	Total
Coletivas	428	505	930
Basquetebol	88	101	189
Voleibol	82	95	177
Handebol	162	131	290
Futsal	66	75	141
Futebol	-	63	63
Vôlei de Praia	30	40	70
Individuais	286	298	580
Atletismo	64	49	112
Ginástica Rítmica	21	-	21
Natação	73	69	141
Tênis de Campo	7	15	22
Judô	15	22	37
Karatê	23	44	67
Tênis de Mesa	21	20	41
Xadrez	32	34	65
Taekowdo	30	45	74
Total	714	803	1517

5.2.2. Coleta dos Dados

A coleta dos dados foi realizada mediante instrumento de medida constituído de duas seções: indicadores sociodemográficos e histórico de treinamento esportivo, e fatores motivacionais para a prática de esportes em jovens atletas – Anexo 3. Na seção relacionada aos indicadores sociodemográficos foram levantadas informações quanto ao gênero, à idade e à classe econômica familiar. Para classificação do nível econômico familiar

recorreram-se as diretrizes propostas pela Associação Nacional de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2007). No caso do histórico de treinamento esportivo foi utilizado instrumento elaborado especificamente para este propósito, envolvendo informações relacionadas à modalidade esportiva praticada, ao tempo de treinamento na modalidade, à frequência semanal dos treinos e ao resultado esportivo mais significativo.

As informações quanto aos fatores motivacionais para a prática de esportes em jovens atletas foram obtidas mediante a aplicação do instrumento *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ), originalmente idealizado em língua inglesa (Gill, Gross, Huddleston, 1983), traduzido e adaptado transculturalmente no presente estudo. Trata-se de um questionário com 30 afirmações, em que os jovens atletas indicam o grau de importância destas afirmações para a sua prática esportiva, disponibilizado em uma escala *Lickert* de 5 pontos (0 'nada importante' até 5 'muito importante').

O instrumento de medida com as três seções foi aplicado em um único momento, individualmente para cada jovem atleta, por um único pesquisador e no próprio local e horário das competições. Os participantes do estudo receberam o instrumento com instruções e recomendações para o seu preenchimento, não sendo estabelecido limite de tempo para o seu término. As eventuais dúvidas manifestadas pelos respondentes foram prontamente esclarecidas pelo pesquisador que acompanhava a coleta dos dados.

5.2.3. Tratamento Estatístico dos Dados

Os dados coletados foram analisados utilizando-se do pacote estatístico computadorizado *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 17.0. Foram empregados os recursos da estatística descritiva para caracterização sociodemográfica e histórico de treinamento esportivo da amostra, envolvendo o cálculo da proporção de distribuição em cada estrato considerado.

Para identificação das propriedades psicométricas do instrumento PMQ foram empregados dois procedimentos estatísticos. Para análise e confirmação da

estrutura fatorial originalmente proposta por Gill, Gross, Huddleston (1983) foi empregada à análise fatorial exploratória, por intermédio da técnica de componentes principais com rotação ortogonal (*varimax*) e normalização de *Kaiser*, seguindo critério de exclusão daqueles itens com carga fatorial inferior a 0,40 ou que estejam representados em mais de um fator. Para a investigação quanto à consistência interna os itens foram analisados mediante a estimativa do α *Cronbach*.

Para análise dos aspectos motivacionais relacionados à prática de esporte na amostra de jovens atletas selecionada, inicialmente, foi testada a distribuição de frequência por intermédio do teste de *Kolmogorov-Smirnov*. Considerando que os dados mostraram distribuição de frequência normal, recorreu-se aos recursos da estatística paramétrica, mediante cálculo de média e desvio-padrão e, posteriormente, para identificação de diferenças entre os estratos formados a partir das variáveis independentes, à análise de covariância acompanhada do teste de comparação múltipla de *Scheffe* para identificação das diferenças específicas.

6. RESULTADOS

Detalhamento quanto ao gênero, à idade, à classe econômica familiar e ao histórico de treinamento esportivo dos jovens atletas selecionados para o estudo esta descrito na tabela 4. Dos 1517 jovens atletas envolvidos no estudo, 47% são moças e, considerando ambos os gêneros, 49,3% deles têm entre 15 e 16 anos e proporção similar se distribui em idades ≤ 14 anos e ≥ 17 anos. Contudo, identifica-se maior proporção de rapazes (30,9%), em comparação com as moças (18,5%), em idades ≥ 17 anos. No que se refere à classe econômica familiar, com proporções similares em ambos os gêneros, 25,2% são categorizados na classe A (maior nível econômico) e 2,8% na classe D (menor nível econômico). Nas classes intermediárias B e C são identificados 48,7% e 23,3% dos jovens atletas selecionados na amostra.

No que se refere ao histórico de treinamento esportivo, proporções similares de moças (28,7%) e rapazes (31,3%) iniciaram os treinos em idades ≤ 9 anos; no entanto, mais elevada proporção de rapazes iniciaram os treinos em idades ≥ 14 anos (23,4% versus 13,7%). Quanto à experiência de treino, identifica-se menor tempo de treino entre as moças, sendo que, 30,8% delas apontaram ter ≤ 2 anos de treino em comparação com 18,1% dos rapazes. Com experiência de treino ≥ 7 anos observa-se 15,2% das moças e 25,5% dos rapazes. De maneira similar em ambos os gêneros, maior proporção de atletas jovens reunidos na amostra (44,6%) treina ≥ 5 vezes/semana e 14,1% relataram frequência de treino ≤ 2 vezes/semana. Com relação à duração das sessões de treino, 68,3% apontaram treinar 1 - 2 horas/sessão e 22,6% 3 – 4 horas/sessão. Constata-se predomínio de treino em modalidades coletivas (61,5%) e 84,7% dos jovens atletas demonstram experiência em competições de abrangência regional e estadual. Do restante, 10,9% e 4,4% relataram experiência em competições nacionais e internacionais, respectivamente.

Tabela 4 – Indicadores sociodemográficos e histórico de treinamento da amostra de jovens atletas analisados no estudo.

	Moças (n = 714)	Rapazes (n = 803)	Ambos os Gêneros (n = 1517)
Idade			
≤ 14 Anos	243 (34,0%)	145 (18,1%)	388 (25,6%)
15 – 16 Anos	339 (47,5%)	409 (51,0%)	748 (49,3%)
≥ 17 Anos	130 (18,5%)	248 (30,9%)	378 (25,1%)
Classe Econômica Familiar			
Classe A (Maior)	183 (25,6%)	200 (24,9%)	383 (25,2%)
Classe B	334 (46,8%)	405 (50,4%)	739 (48,7%)
Classe C	173 (24,2%)	180 (22,4%)	353 (23,3%)
Classes D (Menor)	24 (3,4%)	18 (2,3%)	42 (2,8%)
Idade de Início do Treino			
≤ 9 Anos	205 (28,7%)	251 (31,3%)	456 (30,1%)
10 – 11 Anos	210 (29,4%)	168 (20,9%)	378 (24,9%)
12 – 13 Anos	201 (28,2%)	196 (24,4%)	397 (26,2%)
≥ 14 Anos	98 (13,7%)	188 (23,4%)	286 (18,8%)
Tempo de Treino			
≤ 2 Anos	220 (30,8%)	145 (18,1%)	365 (24,1%)
3 – 4 Anos	203 (28,4%)	191 (23,8%)	394 (26,0%)
5 – 6 Anos	183 (25,6%)	262 (32,6%)	445 (29,3%)
≥ 7 Anos	108 (15,2%)	205 (25,5%)	313 (20,6%)
Frequência de Treino			
≤ 2 vezes/semana	115 (16,1%)	98 (12,2%)	213 (14,1%)
3 – 4 vezes/semana	290 (40,6%)	337 (42,0%)	627 (41,3%)
≥ 5 vezes/semana	309 (43,3%)	368 (45,8%)	677 (44,6%)
Duração do Treino			
≤ 1 hora/treino	55 (7,7%)	49 (6,1%)	104 (6,9%)
1 – 2 horas/treino	460 (64,4%)	576 (71,7%)	1036 (68,3%)
3 – 4 horas/treino	180 (25,2%)	163 (20,3%)	343 (22,6%)
≥ 5 horas/treino	19 (2,7%)	15 (1,9%)	34 (2,2%)
Modalidade Esportiva			
Individuais	286 (40,1%)	298 (37,1%)	584 (38,5%)
Coletivas	428 (59,9%)	505 (62,9%)	933 (61,5%)
Nível de Competição			
Internacional	21 (2,9%)	45 (5,6%)	66 (4,4%)
Nacional	63 (8,8%)	103 (12,8%)	166 (10,9%)
Estadual	293 (41,1%)	329 (41,0%)	622 (41,0%)
Regional/Municipal	337 (47,2%)	326 (40,6%)	663 (43,7%)

6.1. Tradução, adaptação transcultural e propriedades psicométricas do PMQ

A versão traduzida do PMQ pode ser conferida no anexo 3. Discretas divergências no uso de expressões foram observadas durante as diferentes etapas do processo de tradução. As eventuais divergências foram sempre discutidas no comitê de análise, prevalecendo as expressões de mais fácil compreensão e de uso freqüente entre os jovens, na tentativa de facilitar seu entendimento. Dos 30 itens que compõe o PMQ, em 24 deles (80%) os membros

do comitê de análise apontaram “*inalterado*” simultaneamente nas equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual. Nos 6 itens restantes (20%) os membros do comitê apontaram “*pouco alterado*” em pelo menos uma das equivalências consideradas. Ainda, nenhum item da versão traduzida do PMQ apresentou “*muito alterado*” ou “*completamente alterado*” em comparação com a versão original.

Por ocasião da aplicação experimental do instrumento traduzido no grupo-alvo, os jovens atletas não manifestaram maiores dificuldades quanto à clareza e ao entendimento das expressões empregadas; contudo, a maioria deles sugeriu suprimir as expressões “*Eu quero*” e “*Eu gosto*” que originalmente iniciava a frase de cada item, na tentativa evitar a monotonia de repetir constantemente expressões idênticas e tornar a leitura mais imediata para o preenchimento do instrumento. Em vista disso, o comitê de análise optou por modificar a tradução *ipsis literis* da versão original do instrumento, e o conjunto dos 30 itens passou a ser precedido da afirmação “*Eu pratico esporte para*”. Neste caso, a grafia de cada item passou a ser um complemento da afirmação inicial, em que o respondente assinala na escala de medida o grau de importância para sua decisão em praticar esporte.

Quanto às propriedades psicométricas, considerou-se, inicialmente, a adequação para se realizar a análise fatorial exploratória com o conjunto dos 30 itens que compõe o PMQ. Para tanto, recorreu-se aos testes estatísticos de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de esfericidade de Bartlett, o que permite identificar a existência de correlações lineares significativas entre os itens, condição *sine-qua-non* para a realização adequada da análise fatorial exploratória. O valor do teste de KMO é equivalente a 0,930 e o teste de esfericidade de Bartlett $\chi^2_{(435)} = 17003,867$ ($p = 0,000$), apontando para a legitimidade da realização da análise fatorial.

Mediante a realização da análise fatorial exploratória com rotação ortogonal, de acordo com o critério de normalização de Kaiser, encontram-se 8 fatores de motivação com *eigenvalues* superior a uma unidade, que contribuem para explicar conjuntamente por volta de 67% da variância total. As informações

dos fatores extraídos e das respectivas proporções de variância explicada podem ser observadas na tabela 5.

Após a extração dos 8 fatores de motivação identificou-se a estrutura fatorial do PMQ na amostra de jovens atletas selecionada no estudo. Neste caso, considerando que nenhum dos itens apresenta carga fatorial inferior a 0,40 ou estejam representados em mais de um fator, todos os 30 itens são contemplados na estrutura fatorial do PMQ traduzido para o idioma português. A consistência interna de cada fator é analisada mediante a estimativa do alfa de Cronbach (α). A definição da estrutura fatorial encontra-se exposta na tabela 6.

Tabela 5 – Análise fatorial exploratória do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) traduzido para o idioma português administrado em jovens atletas do Estado do Paraná.

Fatores Extraídos	<i>Eigenvalues</i>	Proporção de Variância Explicada (%)	
		Individual	Acumulada
Fator 1	11,021	33,67	33,67
Fator 2	6,298	7,23	40,90
Fator 3	3,936	6,90	47,80
Fator 4	2,916	5,45	53,25
Fator 5	1,973	4,01	57,26
Fator 6	1,486	3,87	61,13
Fator 7	1,294	3,43	64,56
Fator 8	1,157	2,92	67,48

O fator 1 é composto pela maior quantidade de itens. Os sete itens que compõe este fator apresentam saturação individual entre 0,816 (*Ser conhecido*) e 0,701 (*Fazer algo em que é bom*). O valor calculado *eigenvalue* é de 11,021, proporção de variância explicada de 33,67% e índice de consistência interna de 0,827. A estrutura fatorial encontrada sugere denominar este fator de “Reconhecimento Social”.

Quatro itens representam o fator 2, com diferenças na saturação individual extremas bastante discretas: entre 0,805 (*Satisfazer treinador/professor*) e 0,753 (*Trabalhar em equipe*). O valor calculado *eigenvalue* reduziu-se para 6,298, por

conseqüência a proporção de variância explicada para 7,23%. No entanto, o índice de consistência interna se manteve bastante elevado (0,790). Em razão dos itens reunidos por este fator, parece inequívoca sua denominação de “Atividade em Grupo”.

Tabela 6 – Estrutura fatorial do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) traduzido para o idioma português administrado em jovens atletas.

Fatores de Motivação / Itens	Peso Fatorial	Alfa de Cronbach
Fator 1 – Reconhecimento Social		
25. Ser conhecido	0,816	0,827
28. Ser reconhecido e ter prestígio	0,813	
21. Ter a sensação de ser importante	0,782	
14. Receber prêmios	0,744	
19. Pretexto para sair de casa	0,730	
3. Ganhar dos adversários	0,712	
12. Fazer alguma coisa em que é bom	0,701	
Fator 2 – Atividade em Grupo		
27. Satisfazer treinador/professor	0,805	0,790
18. Desenvolver o espírito de equipe	0,790	
22. Pertencer a um grupo	0,771	
8. Trabalhar em equipe	0,753	
Fator 3 – Aptidão Física		
6. Manter a forma física	0,828	0,753
24. Estar em boas condições físicas	0,827	
15. Fazer exercício físico	0,803	
17. Ter ação	0,755	
Fator 4 – Emoção		
7. Procurar emoções fortes	0,749	0,744
13. Controlar tensões	0,710	
4. Liberar energia	0,682	
Fator 5 – Competição		
20. Competir	0,793	0,722
26. Enfrentar desafios	0,764	
Fator 6 – Competência Técnica		
10. Aprender novas habilidades	0,776	0,693
23. Atingir nível esportivo mais elevado	0,750	
1. Melhorar as habilidades esportivas	0,701	
Fator 7 – Afiliação		
2. Estar com os amigos	0,873	0,640
11. Fazer novas amizades	0,842	
22. Ser influenciado pela família e amigos	0,797	
Fator 8 – Diversão		
30. Utilizar instalações e equipamentos esportivos	0,804	0,543
5. Viajar	0,726	
16. Ter alguma coisa para fazer	0,666	
29. Divertir	0,661	

O fator 3 também reúne quatro itens e recebe a denominação de “Aptidão Física”. Apresenta saturação entre 0,828 (*Manter a forma física*) e 0,755 (*Ter ação*), valor calculado de *eigenvalue* de 3,936, explicando 6,90% da variância total. O índice de consistência interna é equivalente a 0,753.

O fator 4 concentrou três itens que, em comparação com os demais fatores, apresenta as menores saturações. O item 7 (*Procurar emoções fortes*) apresenta saturação de 0,749, enquanto o item 4 (*Liberar energia*) apresenta saturação de 0,682. O valor calculado *eigenvalue* é de 2,916, equivalente à explicação de 5,45% da variância total, com índice de consistência interna de 0,744. Este fator recebe a denominação de “Emoção”.

Com dois itens reunidos em sua estrutura e com saturação de 0,793 (*Competir*) e 0,764 (*Enfrentar desafios*), o fator 5 recebe a denominação “Competição”. O valor calculado de *eigenvalue* é de 1,973, equivalente a uma proporção de variância explica de 4,01%. O índice de consistência interna deste fator corresponde a um alfa de Cronbach de 0,722.

O fator 6 é formado por três itens e apresenta uma estrutura que indica a denominação “Competência Técnica”. As saturações individuais variam de 0,776 (*Aprender novas habilidades*) a 0,701 (*Melhorar as habilidades esportivas*). Este fator apresenta valor calculado de *eigenvalue* de 1,486, explicando 3,87% da variância total, com índice de consistência interna de 0,693.

Com uma estrutura que aponta a denominação “Afiliação”, o fator 7 também reúne três itens com saturações de 0,873 (*Estar com os amigos*) a 0,797 (*Ser influenciado pela família e amigos*). O valor calculado *eigenvalue* é de 1,294 com capacidade explicativa da variância total de 3,43%. O índice de consistência interna apresenta magnitude de 0,640.

Agregando quatro itens com a mais elevada amplitude de variação entre as saturações individuais, o fator 8 é denominado de “Diversão”. A saturação de seus itens varia de 0,804 (*Utilizar instalações e equipamentos esportivos*) a 0,666 (*Ter algo para fazer*). O valor calculado de *eigenvalue* é bastante próximo de uma unidade (1,157), o que equivale a uma capacidade explicativa de 2,92% da

variância total. O índice de consistência interna é o mais baixo entre os fatores extraídos no estudo (0,543).

6.2. Identificação dos componentes motivacionais relacionados à prática de esporte de acordo com gênero, idade e condição socioeconômica familiar

A tabela 7 apresenta valores equivalentes à média e ao desvio-padrão de cada fator de motivação extraído mediante a análise fatorial exploratória do PMQ traduzido para o idioma português, administrado nos jovens atletas reunidos no estudo. Ao considerar a hierarquia dos valores médios encontrados para cada fator de motivação, verifica-se que os fatores mais importantes são característicos de um contexto de motivação intrínseca relacionada à “Competência Técnica” ($4,22 \pm 0,83$) e à “Aptidão Física” ($4,09 \pm 1,02$). Por outro lado, os fatores menos importantes se identificam em um contexto de motivação extrínseca ao sujeito, estando relacionada à “Diversão” ($2,86 \pm 1,22$) e ao “Reconhecimento Social” ($2,78 \pm 1,15$). Os quatro outros fatores de motivação são reunidos em posição intermediária em que os valores médios observados nos fatores “Amizade” ($3,90 \pm 1,10$) e “Senso de Coletividade” ($3,89 \pm 1,04$) se diferem significativamente dos valores médios encontrados nos fatores “Competição” ($3,45 \pm 1,06$) e “Emoção” ($3,29 \pm 1,18$).

Tabela 7 – Informações estatísticas (média \pm desvio-padrão) dos fatores de motivação para a prática de esportes em jovens atletas do estado do Paraná mediante a aplicação do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ)¹.

Fatores de Motivação	Média \pm Desvio- Padrão	
F6. Competência Técnica	$4,22 \pm 0,83^a$	Fatores Mais
F3. Aptidão Física	$4,09 \pm 1,02^a$	Importantes
F7. Afiliação	$3,90 \pm 1,10^b$	
F2. Atividade de Grupo	$3,89 \pm 1,04^b$	Fatores de Importância
F5. Competição	$3,45 \pm 1,06^c$	Intermediária
F1. Emoção	$3,29 \pm 1,18^c$	
F8. Diversão	$2,86 \pm 1,22^d$	Fatores Menos
F4. Reconhecimento Social	$2,78 \pm 1,15^d$	Importantes

¹ Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

A tabela 8 apresenta informações estatísticas equivalentes aos fatores de motivação separadamente por gênero. Os resultados da análise de covariância, controlando estatisticamente a idade e a classe econômica familiar dos jovens atletas, apontam diferenças estatísticas entre ambos os gêneros em quatro fatores de motivação considerados. Neste caso, os rapazes assinalaram oferecer significativamente maior importância para a prática de esporte nos fatores “Competição” ($F = 6,243$; $p = 0,011$) e “Competência Técnica” ($F = 7,808$; $p = 0,000$). Enquanto as moças demonstram valores médios significativamente mais elevados nos fatores “Atividade de Grupo” ($F = 4,285$; $p = 0,039$) e “Afiliação” ($F = 5,846$; $p = 0,015$). No que se refere à organização hierárquica, tendo como referência a magnitude dos valores médios de cada fator de motivação, moças e rapazes também apontaram ordem de importância diferente nos fatores de motivação para a prática de esporte. Se, por um lado, os rapazes elegeram igualmente os fatores de motivação “Competência Técnica” e “Aptidão Física” com os mais importantes para se praticar esporte, por outro, as moças apontaram como mais importantes, além desses dois fatores, os fatores de motivação “Atividade de Grupo” e “Afiliação”.

Tabela 8 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com o gênero dos jovens atletas¹.

Fatores de Motivação	Moças	Rapazes	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,76 ± 1,17 ^a	2,82 ± 1,13 ^a	0,790	ns
Atividade de Grupo	3,98 ± 1,08 ^b	3,79 ± 1,02 ^b	4,285	0,039
Aptidão Física	4,05 ± 1,07 ^b	4,14 ± 0,98 ^c	3,034	ns
Emoção	3,23 ± 1,20 ^c	3,34 ± 1,16 ^d	2,591	ns
Competição	3,29 ± 1,06 ^c	3,52 ± 1,07 ^d	6,243	0,011
Competência Técnica	4,07 ± 0,87 ^b	4,33 ± 0,78 ^c	7,808	0,000
Afiliação	4,08 ± 1,12 ^b	3,77 ± 1,09 ^b	5,846	0,015
Diversão	2,80 ± 1,23 ^a	2,92 ± 1,23 ^a	2,768	ns

¹ Análise de covariância mediante controle das informações associadas à idade e à classe econômica familiar. Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

As informações estatísticas equivalentes aos fatores de motivação tendo em conta a idade dos jovens atletas são disponibilizadas na tabela 9. Os resultados da análise de covariância, mediante controle estatístico quanto ao gênero e à classe econômica familiar, apontam diferenças significativas em quatro dos fatores

de motivação considerados. Os fatores de motivação relacionados ao “Reconhecimento Social” ($F = 3,919$; $p = 0,034$) e à “Diversão” ($F = 5,393$; $p = 0,000$) apresentaram valores médios significativamente maiores nos jovens atletas com menos idade; ao passo que os fatores de motivação identificados com a “Competição” ($F = 9,289$; $p = 0,000$) e a “Competência Técnica” ($F = 5,201$; $p = 0,006$) apresentam valores médios significativamente mais elevados com o avanço da idade. Chama atenção o fato das diferenças estatísticas mais importantes serem observadas entre os valores médios apresentados pelos jovens atletas com idades ≤ 14 anos em comparação com seus pares de mais idade. Na confrontação dos valores médios equivalentes aos jovens atletas reunidos nos grupos etários 15-16 anos e ≥ 17 anos não são identificadas diferenças que possam ser apontadas em linguagem estatística. A organização hierárquica associada à magnitude dos valores médios de cada fator de motivação é bastante semelhante nos três grupos etários definidos (≤ 14 anos; 15-16 anos; ≥ 17 anos), sugerindo, desse modo, que a ordem de importância dos fatores de motivação para a prática de esporte tende a não se alterar com a idade dos jovens atletas analisados no estudo.

Quanto à classe econômica familiar, na tabela 10 são observadas as informações estatísticas associadas à análise de covariância mediante controle do gênero e da idade dos jovens atletas. Os resultados sugerem que os valores médios dos fatores de motivação tendem a ser mais elevados nas classes econômicas familiar mais baixas. As diferenças encontradas são detectadas estatisticamente no caso dos fatores de motivação relacionados ao “Reconhecimento Social” ($F = 2,664$; $p = 0,031$), à “Emoção” ($F = 4,902$; $p = 0,001$), à “Afiliação” ($F = 3,191$; $p = 0,027$) e à “Diversão” ($F = 5,817$; $p = 0,000$), e entre os valores médios identificados somente nos jovens atletas pertencentes a classe econômica familiar mais alta (Classe A) em comparação com os jovens atletas pertencentes a classe econômica familiar mais baixa (Classe D). Por outro lado, apesar das diferenças significativas observadas entre os valores médios, constata-se que a organização hierárquica dos fatores de motivação é bastante semelhante nos quatro estratos econômicos considerados.

Tabela 9 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a idade dos jovens atletas¹.

Fatores de Motivação	≤ 14 Anos	15 – 16 Anos	≥ 17 Anos	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,91 ± 1,19 ^a	2,76 ± 1,14 ^a	2,67 ± 1,11 ^a	3,919	0,034
Atividade de Grupo	3,87 ± 1,13 ^b	3,89 ± 1,01 ^b	3,90 ± 1,02 ^b	0,566	ns
Aptidão Física	3,90 ± 1,10 ^{b,d}	4,07 ± 1,00 ^c	4,10 ± 0,95 ^c	2,007	ns
Emoção	3,24 ± 1,14 ^c	3,28 ± 1,19 ^d	3,32 ± 1,15 ^d	0,927	ns
Competição	3,26 ± 1,13 ^c	3,44 ± 1,06 ^d	3,56 ± 0,99 ^d	9,289	0,000
Competência Técnica	4,05 ± 0,86 ^d	4,22 ± 0,80 ^c	4,34 ± 0,85 ^c	5,201	0,006
Afiliação	3,84 ± 1,16 ^b	3,90 ± 1,09 ^b	3,96 ± 1,05 ^b	1,187	ns
Diversão	2,98 ± 1,11 ^a	2,75 ± 1,14 ^a	2,70 ± 1,10 ^a	5,393	0,000

¹ Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero e a classe econômica familiar.

Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

Tabela 10 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a classe econômica familiar dos jovens atletas¹.

Fatores de Motivação	Classe A (Maior)	Classe B	Classe C	Classe D (Menor)	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,75 ± 1,15 ^a	2,79 ± 1,11 ^a	2,90 ± 1,20 ^a	3,16 ± 1,21 ^a	2,664	0,031
Atividade de Grupo	3,79 ± 1,17 ^b	3,88 ± 1,01 ^b	3,96 ± 0,93 ^{b,e}	3,97 ± 0,96 ^b	1,417	ns
Aptidão Física	4,15 ± 0,99 ^c	4,19 ± 1,02 ^c	4,16 ± 1,05 ^{b,d}	4,26 ± 1,01 ^c	0,659	ns
Emoção	3,21 ± 1,22 ^d	3,30 ± 1,18 ^d	3,43 ± 1,12 ^c	3,69 ± 1,06 ^d	4,902	0,001
Competição	3,35 ± 1,06 ^d	3,48 ± 1,06 ^d	3,50 ± 1,08 ^c	3,78 ± 1,10 ^d	2,021	ns
Competência Técnica	4,15 ± 0,89 ^c	4,24 ± 0,80 ^c	4,27 ± 0,80 ^d	4,32 ± 0,87 ^c	1,122	ns
Afiliação	3,64 ± 1,06 ^b	3,90 ± 1,10 ^b	3,95 ± 1,13 ^e	4,03 ± 1,18 ^b	3,191	0,027
Diversão	2,62 ± 1,20 ^a	2,88 ± 1,19 ^a	3,02 ± 1,27 ^a	3,34 ± 1,26 ^a	5,817	0,000

¹ Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero e à idade.

Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

6.3. Impacto do histórico de treino nos componentes motivacionais relacionados à prática de esporte

O impacto que a idade de início do treino possa oferecer as dimensões e a organização hierárquica dos fatores de motivação para a prática de esporte apontados pelos jovens atletas pode ser observado na tabela 11. Em razão dos resultados encontrados anteriormente, a análise de covariância foi desenvolvida mediante controle estatístico simultâneo do gênero, da idade e da classe econômica familiar. Os fatores de motivação relacionados à “Aptidão Física” ($F = 3,405$; $p = 0,038$), à “Competição” ($F = 3,122$; $p = 0,041$) e à “Competência Técnica” ($F = 5,345$; $p = 0,000$) são os fatores de motivação que apresentam diferenças significativas entre as idades de início do treino. Neste caso, as diferenças estatísticas mais importantes são observadas entre os valores médios apresentados pelos atletas jovens que relataram ter iniciado os treinos em idades ≤ 9 anos em comparação com seus pares que relataram ter iniciado os treinos em idades ≥ 14 anos, apontando valores médios mais elevados entre aqueles que iniciaram os treinos mais precocemente. A organização hierárquica quanto à magnitude dos valores médios encontrados em cada fator de motivação não apresenta diferença que deva ser destacada. Portanto, os resultados encontrados sugerem que, independentemente da idade de início do treino, os atletas jovens analisados apontam importância semelhante no grau de importância dos fatores de motivação para a prática de esporte.

Informações estatísticas associadas aos fatores de motivação referente ao tempo em que os jovens atletas já estão envolvidos com o treino estão disponibilizadas na tabela 12. Os resultados encontrados apontam que, na medida em que aumenta o tempo de experiência de prática de esporte, os fatores de motivação relacionados à “Aptidão Física” ($F = 3,466$; $p = 0,036$), à “Competição” ($F = 3,350$; $p = 0,039$) e à “Competência Técnica” ($F = 3,528$; $p = 0,031$) demonstram valores médios significativos e proporcionalmente mais elevados. Contudo, no caso dos fatores de motivação “Afiliação” ($F = 3,317$; $p = 0,040$) e “Diversão” ($F = 4,369$; $p = 0,021$), aqueles jovens atletas com ≤ 2 anos de experiência em treino apresentam valores médios estatisticamente mais elevados

em comparação com seus pares com ≥ 7 anos de experiência em treino. Ainda, apesar das diferenças significativas observadas entre os valores médios, constata-se que a organização hierárquica dos fatores de motivação é semelhante nos estratos de tempo de treino considerados.

Indicadores associados ao volume de treino relatado pelos atletas jovens analisados no estudo também são atributos de impacto observados nas dimensões dos valores médios equivalentes aos fatores de motivação para a prática de esporte. Informações estatísticas quanto à frequência semanal e à duração das sessões de treino são mostradas nas tabelas 13 e 14, respectivamente. No caso da frequência semanal, aqueles jovens atletas que relataram estarem envolvidos em maiores quantidades de sessões/semana demonstram valores médios equivalentes aos fatores de motivação relacionado à “Aptidão Física” ($F = 4,739$; $p = 0,009$), à “Competição” ($F = 6,063$; $p = 0,002$) e à “Competência Técnica” ($F = 3,311$; $p = 0,037$) proporcional e significativamente mais elevados que seus pares que relataram estarem envolvidos em menores quantidades de sessões/semana. De maneira similar, no que se refere a duração das sessões, aqueles jovens atletas que apontaram estarem envolvidos em sessões de treino de maior duração também demonstram valores médios equivalentes aos fatores de motivação relacionado à “Aptidão Física” ($F = 4,769$; $p = 0,001$), à “Competição” ($F = 3,634$; $p = 0,020$) e à “Competência Técnica” ($F = 2,427$; $p = 0,046$) mais elevados em linguagem estatística que seus pares que relataram estarem envolvidos em menores sessões de treino de menor duração. Quanto à organização hierárquica dos fatores de motivação, independentemente da frequência semanal e da duração das sessões que esta envolvido no treino, os jovens atletas oferecem uma ordem de importância similar aos fatores de motivação para a prática de esporte.

Tabela 11 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a idade de início do treino dos jovens atletas¹.

Fatores de Motivação	≤ 9 Anos	10 – 11 Anos	12 – 13 Anos	≥ 14 Anos	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,77 ± 1,17 ^a	2,77 ± 1,17 ^a	2,80 ± 1,20 ^a	2,80 ± 1,09 ^a	0,110	ns
Atividade de Grupo	3,74 ± 1,13 ^b	3,92 ± 1,01 ^b	3,84 ± 1,05 ^b	3,73 ± 1,02 ^b	2,160	ns
Aptidão Física	4,35 ± 0,93 ^c	4,14 ± 1,02 ^c	4,07 ± 1,06 ^c	4,01 ± 1,03 ^c	3,405	0,038
Emoção	3,40 ± 1,20 ^d	3,30 ± 1,19 ^d	3,22 ± 1,20 ^d	3,24 ± 1,15 ^d	1,322	ns
Competição	3,54 ± 1,07 ^d	3,47 ± 1,06 ^d	3,37 ± 1,14 ^d	3,26 ± 1,01 ^d	3,122	0,041
Competência Técnica	4,50 ± 0,77 ^c	4,23 ± 0,84 ^c	4,12 ± 0,84 ^c	4,05 ± 0,83 ^c	5,345	0,000
Afiliação	3,84 ± 1,14 ^b	3,93 ± 1,08 ^b	3,88 ± 1,11 ^b	3,76 ± 1,09 ^b	0,451	ns
Diversão	2,86 ± 1,24 ^a	2,86 ± 1,20 ^a	2,75 ± 1,23 ^a	2,96 ± 1,23 ^a	1,534	ns

¹Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero, à idade e à classe econômica familiar. Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

Tabela 12 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com o tempo de treino dos jovens atletas¹.

Fatores de Motivação	≤ 2 Anos	3 – 4 Anos	5 – 6 Anos	≥ 7 Anos	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,79 ± 1,17 ^a	2,80 ± 1,21 ^a	2,76 ± 1,12 ^a	2,81 ± 1,07 ^a	0,126	ns
Atividade de Grupo	3,75 ± 1,09 ^b	3,90 ± 1,04 ^b	3,88 ± 1,03 ^b	3,95 ± 1,01 ^b	1,727	ns
Aptidão Física	4,02 ± 1,05 ^c	4,06 ± 0,99 ^c	4,13 ± 1,04 ^c	4,35 ± 0,99 ^c	3,466	0,036
Emoção	3,24 ± 1,20 ^d	3,25 ± 1,18 ^d	3,34 ± 1,16 ^d	3,36 ± 1,18 ^d	0,316	ns
Competição	3,29 ± 1,09 ^d	3,38 ± 1,10 ^d	3,49 ± 0,99 ^d	3,60 ± 1,05 ^e	3,350	0,039
Competência Técnica	4,02 ± 0,80 ^c	4,13 ± 0,80 ^c	4,29 ± 0,87 ^c	4,40 ± 0,86 ^c	3,528	0,031
Afiliação	4,05 ± 1,15 ^c	3,88 ± 1,07 ^b	3,84 ± 1,09 ^b	3,73 ± 1,07 ^e	3,317	0,040
Diversão	3,15 ± 1,26 ^d	2,86 ± 1,17 ^a	2,79 ± 1,20 ^a	2,76 ± 1,26 ^a	4,369	0,021

¹Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero, à idade e à classe econômica familiar. Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

Tabela 13 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a frequência semanal de treino dos jovens atletas¹.

Fatores	≤ 2 vezes/semana	3 – 4 vezes/semana	≥ 5 vezes/semana	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,73 ± 1,14 ^a	2,77 ± 1,16 ^a	2,82 ± 1,14 ^a	0,534	ns
Atividade de Grupo	3,77 ± 1,04 ^b	3,92 ± 0,99 ^b	3,91 ± 1,09 ^b	1,753	ns
Aptidão Física	3,97 ± 1,15 ^c	4,05 ± 1,05 ^c	4,18 ± 0,94 ^c	4,739	0,009
Emoção	3,24 ± 1,16 ^d	3,25 ± 1,20 ^d	3,40 ± 1,16 ^d	2,655	ns
Competição	3,31 ± 0,97 ^d	3,38 ± 1,11 ^d	3,57 ± 1,05 ^d	6,063	0,002
Competência Técnica	4,12 ± 0,94 ^c	4,19 ± 0,82 ^c	4,28 ± 0,79 ^c	3,311	0,037
Afiliação	3,82 ± 1,18 ^b	3,89 ± 1,10 ^b	3,94 ± 1,07 ^b	1,122	ns
Diversão	2,71 ± 1,21 ^a	2,86 ± 1,22 ^a	2,91 ± 1,23 ^a	1,492	ns

¹ Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero, à idade e à classe econômica familiar.

Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

Tabela 14 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a duração das sessões de treino dos jovens atletas¹.

Fatores	≤ 1 hora/treino	1 – 2 horas/treino	3 – 4 horas/treino	≥ 5 horas/treino	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,77 ± 1,15 ^a	2,75 ± 1,14 ^a	2,90 ± 1,15 ^a	2,70 ± 1,00 ^a	1,862	ns
Atividade de Grupo	3,61 ± 1,05 ^b	3,73 ± 1,01 ^b	3,90 ± 1,11 ^b	3,80 ± 1,13 ^b	2,261	ns
Aptidão Física	3,87 ± 1,16 ^c	3,90 ± 1,22 ^c	4,16 ± 0,98 ^c	4,30 ± 0,97 ^c	4,769	0,001
Emoção	3,25 ± 1,12 ^d	3,30 ± 1,09 ^d	3,33 ± 1,04 ^d	3,34 ± 1,14 ^d	0,905	ns
Competição	3,27 ± 1,03 ^d	3,31 ± 1,08 ^d	3,37 ± 1,02 ^d	3,55 ± 1,00 ^e	3,634	0,020
Competência Técnica	4,01 ± 0,95 ^c	4,13 ± 0,81 ^c	4,24 ± 0,83 ^c	4,32 ± 0,71 ^c	2,427	0,046
Afiliação	3,67 ± 1,11 ^b	3,91 ± 1,08 ^b	3,95 ± 1,07 ^b	3,73 ± 1,14 ^b	1,999	ns
Diversão	2,80 ± 1,14 ^a	2,83 ± 1,12 ^a	2,95 ± 1,13 ^a	2,95 ± 1,15 ^a	1,724	ns

¹ Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero, à idade e à classe econômica familiar.

Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

Com relação à característica da modalidade esportiva praticada, mediante informações estatísticas apresentadas na tabela 15, constata-se que os jovens atletas que praticam modalidades esportivas coletivas apresentam valores médios significativamente mais elevados que seus pares que praticam modalidades esportivas individuais nos fatores de motivação relacionados ao “Atividade de Grupo” ($F = 6,218$; $p = 0,000$), à “Competência Técnica” ($F = 3,456$; $p = 0,037$) e à “Afiliação” ($F = 4,129$; $p = 0,002$). Em contrapartida, diferenças significativas favorecendo os valores médios encontrados entre os jovens atletas que praticam modalidades esportivas individuais são observadas nos fatores de motivação relacionados à “Aptidão Física” ($F = 7,014$; $p = 0,000$) e à “Competição” ($F = 5,137$; $p = 0,000$). A organização hierárquica relacionada à magnitude dos valores médios equivalentes a característica da modalidade esportiva praticada também apresenta diferenças a serem consideradas. Enquanto os jovens atletas que praticam modalidades esportivas coletivas elegeram os fatores de motivação relacionados à “Competência Técnica”, ao “Atividade de Grupo” e à “Afiliação” como os mais importantes para se praticar esporte, os jovens atletas que praticam modalidades esportivas individuais ofereceram importância apenas intermediária aos fatores de motivação relacionados ao “Senso de Coletividade” e à “Amizade”, apontando os fatores de motivação relacionados à “Aptidão Física” e à “Competência Técnica” como os mais importantes para a prática de esporte.

Tabela 15 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com a característica da modalidade esportiva praticada¹.

Fatores de Motivação	Esportes Coletivos	Esportes Individuais	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,74 ± 1,09 ^a	2,83 ± 1,12 ^a	0,612	ns
Atividade de Grupo	4,12 ± 1,07 ^b	3,69 ± 0,97 ^b	6,218	0,000
Aptidão Física	3,71 ± 0,96 ^c	4,41 ± 1,04 ^c	7,014	0,000
Emoção	3,37 ± 1,13 ^d	3,21 ± 1,17 ^d	0,725	ns
Competição	3,24 ± 0,99 ^d	3,69 ± 1,03 ^b	5,137	0,000
Competência Técnica	4,43 ± 0,83 ^e	4,06 ± 0,96 ^e	3,456	0,039
Afiliação	4,09 ± 1,06 ^b	3,75 ± 1,11 ^b	4,129	0,002
Diversão	2,91 ± 1,16 ^a	2,82 ± 1,14 ^a	0,593	ns

¹ Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero, à idade e à classe econômica familiar.

Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

As informações estatísticas associadas aos componentes motivacionais de acordo com o melhor resultado em competição alcançado pelos jovens atletas selecionados no estudo estão disponibilizados na tabela 16. Na medida em que aumenta o nível de exigência das competições, da abrangência regional/municipal para a abrangência internacional, os fatores de motivação relacionados à “Aptidão Física” ($F = 6,105$; $p = 0,000$), à “Competição” ($F = 3,274$; $p = 0,036$) e à “Competência Técnica” ($F = 4,222$; $p = 0,001$) demonstram valores médios significativos e proporcionalmente mais elevados. Por outro lado, de maneira inversa, no caso dos fatores de motivação relacionados ao “Reconhecimento Social” ($F = 4,907$; $p = 0,000$), à “Atividade de Grupo” ($F = 4,218$; $p = 0,001$), à “Emoção” ($F = 4,301$; $p = 0,000$), à “Afiliação” ($F = 3,506$; $p = 0,029$) e à “Diversão” ($F = 5,326$; $p = 0,000$) aqueles jovens atletas que alcançaram seus melhores resultados em competições regionais/municipais apresentam valores médios estatisticamente mais elevados que seus pares que alcançaram seus melhores resultados em competições internacionais. Neste caso, diferentemente das demais situações do histórico de treino consideradas, a organização hierárquica relacionada à magnitude dos valores médios associados ao melhor resultado alcançado em competições também apresenta diferenças a serem consideradas. Enquanto os jovens atletas que alcançaram seus melhores resultados em competições internacionais elegeram os fatores de motivação “Aptidão Física” e “Competência Técnica” com os dois mais importantes a prática de esporte, os jovens atletas que alcançaram seus melhores resultados em competições regionais/municipais ofereceram importância apenas intermediária ao fator de motivação “Aptidão Física”, apontando os fatores de motivação “Atividade de Grupo”, “Competência Técnica” e “Afiliação” com os mais importantes para a prática de esporte.

Tabela 16 – Média (Md), desvio-padrão (Dp) e estatística F dos fatores de motivação para a prática de esportes de acordo com o nível de competição dos jovens atletas¹.

Fatores	Internacional	Nacional	Estadual	Regional/Municipal	Teste F	
	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp	Md ± Dp		
Reconhecimento Social	2,64 ± 1,13 ^a	2,67 ± 1,00 ^a	2,93 ± 1,13 ^a	3,04 ± 1,16 ^a	4,907	0,000
Atividade de Grupo	3,71 ± 1,00 ^b	3,77 ± 1,06 ^b	3,76 ± 1,07 ^b	4,05 ± 1,24 ^b	4,218	0,001
Aptidão Física	4,38 ± 1,22 ^c	4,15 ± 0,93 ^c	4,04 ± 0,98 ^c	3,80 ± 1,06 ^c	6,105	0,000
Emoção	3,11 ± 1,20 ^d	3,26 ± 1,15 ^d	3,41 ± 1,20 ^d	3,46 ± 1,18 ^d	4,301	0,000
Competição	3,58 ± 1,09 ^b	3,40 ± 1,06 ^d	3,36 ± 0,98 ^d	3,27 ± 1,04 ^d	3,274	0,036
Competência Técnica	4,45 ± 0,84 ^c	4,27 ± 0,80 ^c	4,11 ± 0,85 ^c	4,02 ± 0,82 ^b	4,222	0,001
Afiliação	3,72 ± 1,10 ^b	3,81 ± 0,92 ^b	3,92 ± 1,12 ^b	4,07 ± 1,13 ^b	3,506	0,029
Diversão	2,66 ± 1,28 ^a	2,73 ± 1,20 ^a	2,85 ± 1,21 ^a	3,02 ± 1,22 ^a	5,326	0,000

¹Análise de covariância mediante controle das informações associadas ao gênero, à idade e à classe econômica familiar.

Valores subscritos pelas mesmas letras indicam similaridades estatísticas entre os fatores de motivação ($p < 0,01$).

7. DISCUSSÃO

A discussão dos resultados deverá acompanhar a mesma linha de orientação adotada em sua apresentação. Em sendo assim, considerar-se-ão dois momentos distintos. O primeiro, abordará o processo de tradução, adaptação transcultural e propriedades psicométricas do PMQ, e o segundo incidirá na abordagem dos resultados direcionados à identificação dos componentes motivacionais relacionados à prática de esporte de acordo com gênero, idade, condição socioeconômica familiar e histórico de treino.

7.1. Tradução, adaptação transcultural e propriedades psicométricas do PMQ

O PMQ é um instrumento de medida freqüentemente empregado com intuito de analisar os componentes de motivação para prática de esporte. Originalmente idealizado no início da década de 1980 em idioma inglês para aplicação em jovens com idades entre 7 e 18 anos, composto por 30 itens reunidos em oito fatores, o PMQ vem sendo traduzido e adaptado para utilização em diferentes idiomas (SERPA, 1992; BUONAMANO et al, 1995; SHANG, 1997; PARK, 2003; CHADHA, KOLT, 2004; DOULIAS et al, 2005; HU, WEI, 2005; THIBORG, 2005; GÜRBUZ et al, 2007). Contudo, é importante destacar tendência que se repete nas diferentes versões traduzidas do PMQ. Neste sentido, destacam-se aumento de 3 para 5 pontos na escala de medida policotômica, redefinição da estrutura fatorial e re-organização dos itens em cada fator de motivação.

Especificamente em idioma português são identificadas duas tentativas anteriores de tradução e adaptação do PMQ para aplicação em populações jovens. Uma primeira tentativa envolveu o idioma português europeu e recebeu nova denominação: *Questionário de Motivação de Actividades Desportivas – QMAD* (SERPA, 1992). Neste caso, foram mantidos na versão traduzida os 30 itens propostos inicialmente; porém, reagrupados em somente sete fatores de

motivação e mediante disposição acentuadamente diferente da versão original. No entanto, estudos mais recentes apontam limitações metodológicas na definição do QMAD que podem comprometer sua aplicação (FONSECA, MAIA, 2001). Com relação à amostra envolvida no estudo que propôs o QMAD, foi selecionada quantidade insuficiente de sujeitos (90 moças e 85 rapazes) para que se possa alcançar ajuste do modelo fatorial estatisticamente adequado com 30 itens. Também, somado a isso, não ocorreram eventuais re-especificações na busca de melhor adequação entre itens e fatores; assim, sólidos critérios conceituais disponibilizados no campo da motivação cederam preferência aos comprometidos achados estatísticos.

Na seqüência, para utilização no Brasil, Gaya e Cardoso (1998) procuraram idealizar nova adaptação do PMQ, utilizando como referência a versão já traduzida para o idioma português do QMAD. Para tanto, baseando-se em estudo-piloto com abordagem exploratória envolvendo jovens de 7 a 14 anos de idade, em que 110 sujeitos foram convidados a descrever os cinco principais motivos que os levavam a praticar esporte, reduziram arbitrariamente a quantidade de itens de 30 para 19, excluindo itens originais e inserindo novos itens. Esta versão recebeu denominação de *Inventário de Motivação para a Prática Desportiva – IMPD* e abriga os itens em três fatores de motivação: competência esportiva, amizade/lazer e saúde. Mediante análise mais detalhada identifica-se que quantidade significativa de itens inseridos no IMPD não está presente na versão original do PMQ e seus conteúdos são claramente voltados para crianças em idades mais precoces. Logo, parece mais lógico assumir que o IMPD não seja uma tradução/adaptação do PMQ, mas sim, instrumento inédito direcionado a identificar os motivos que levam crianças ainda não envolvidas em programas sistematizados de treino a praticar esporte.

Com relação à tradução e à adaptação transcultural do PMQ realizadas no presente estudo, a efetivação das várias etapas do processo não apresentou maiores dificuldades graças à metodologia adotada e à estrutura simples e objetiva de formulação dos itens da versão original do PMQ. A tradução inicial realizada pelos dois tradutores foi pouco modificada nos processos subseqüentes

da metodologia utilizada. A retrotradução quando comparada a versão original apresentou discretas discrepâncias, geradas devido alguns ajustes realizados para atender especificidades de determinados itens. A análise das equivalências semântica, idiomática, cultural e conceitual, equivalente a adaptação transcultural, corroborou com a etapa de tradução, indicando que o instrumento foi de fácil tradução.

A análise das equivalências demonstrou que os domínios do PMQ são apropriados e o construto utilizado na versão original do questionário é igualmente válido para a cultura alvo, atendendo, desse modo, à equivalência cultural. A equivalência conceitual indicou que poucos itens necessitaram de ajustes. Em geral, os itens puderam ser considerados de maneira muito semelhante ao formato original, indicando, mais uma vez, que a estrutura de formulação dos itens do PMQ foi bem elaborada. No que se refere a equivalência idiomática, a versão traduzida para o idioma português demonstrou que 80% dos itens apresentaram “*inalterado*” e 20% apresentaram “*pouco alterado*” entre as versões original e retrotraduzida do instrumento. A equivalência semântica apontou que nenhum membro do comitê de análise considerou algum item como “*pouco alterado*”, quando da comparação entre as versões dos instrumentos original, traduzido e retrotraduzido.

Quanto à estrutura fatorial do PMQ, traduzido e adaptado no presente estudo para o idioma português, constatou-se disposição semelhante a encontrada na versão original proposta por Gill, Gross, Huddleston (1983), também sendo extraído oito fatores de motivação. Porém, observou-se que a consistência interna de cada fator de motivação, apontada pelos valores alfa de *Cronbach*, de modo geral, foram mais elevados na estrutura fatorial do PMQ traduzido para o idioma português em comparação com a versão original – tabela 19. Também, a amplitude de variação entre o escore mais elevado (0,827) e mais baixo (0,543) é inferior a apresentada pela versão original do PMQ (0,76 e 0,30), o que sugere maior equilíbrio entre os fatores de motivação do versão traduzida para o idioma português. Prováveis justificativas para esses achados possam estar associadas às diferenças nas dimensões da escala de pontuação utilizada

em ambas as versões do PMQ e às características das amostras selecionadas em um e outro estudo. Na versão original foi empregada escala de medida de três pontos, enquanto na versão traduzida do PMQ utilizou-se de escala de medida de 5 pontos; logo, com maior capacidade discriminatória em suas respostas. No que se refere às características das amostras selecionadas em um e outro estudo, originalmente o PMQ foi aplicado em jovens engajados em programas de férias de verão envolvendo esporte em um contexto de lazer (*Iowa Summer Sports School*), enquanto no presente estudo os jovens se encontravam em contexto de elevada competição, participando da etapa final dos Jogos da Juventude do Paraná, principal competição estadual para jovens atletas com ≤ 18 anos. Portanto, é possível que os contextos em que ambos os estudos foram realizados possam ter definido diferenças quanto ao perfil de interesse pela prática de esporte.

Tabela 17. Estrutura fatorial do *Participation Motivation Questionnaire* (PMQ) identificada no estudo original de Gill, Gross e Huddleston (1983) e no presente estudo.

Gill, Gross e Huddleston (1983)			Presente Estudo		
Fatores De Motivação	Itens	Alfa de Conbach	Fatores de Motivação	Itens	Alfa de Conbach
<i>Achievement/Status</i>	6	0,76	Reconhecimento Social	7	0,827
<i>Team</i>	3	0,78	Atividade de Grupo	4	0,790
<i>Fitness</i>	3	0,75	Aptidão Física	4	0,753
<i>Energy Release</i>	5	0,65	Emoção	3	0,744
<i>Miscellaneous Reasons</i>	3	0,49	Competição	2	0,722
<i>Skill Development</i>	3	0,44	Competência Técnica	3	0,693
<i>Friendship</i>	2	0,30	Afiliação	3	0,640
<i>Fun</i>	3	0,55	Diversão	4	0,543

O primeiro fator de motivação da versão traduzida para o idioma português, denominado “Reconhecimento Social”, procura atender aspectos de motivação vinculados à aprovação social, à busca de prestígio, à superação pessoal e à auto-realização. Em comparação com a versão original do PMQ, definido pela expressão “*Achievement/Status*”, este fator de motivação passa a reunir 7 itens ao invés dos 6 propostos no estudo de Gill, Gross, Huddleston (1983). Neste caso, a estrutura fatorial indicou a adição do item “*Pretexto para sair de casa*”, que originalmente atendia o fator de motivação “*Energy Release*”. Interessante

observar que, além de ser identificado em todas as demais versões traduzidas do PMQ, mesmo demonstrando diferentes composições, em todas as versões é o fator de motivação que reúne a mais elevada quantidade de itens.

O próximo fator de motivação, identificado como “Atividade de Grupo”, também pode ser considerado como tendo vínculo com motivos associados à aprovação social. Também comporta um item a mais que a versão original do PMQ, o que no idioma inglês foi denominado de “*Team-Oriented Reasons*”. O item “*Satisfazer treinado/professor*” removido para este fator de motivação originalmente se encontra no fator de motivação denominado “*Miscellaneous Reasons*”. Na versão traduzida para o idioma português do PMQ o fator de motivação “Aptidão Física” relaciona-se com motivos de ordem fisiológica e de condicionamento físico para a prática de esporte, podendo atender critérios vinculados a saúde. Além dos três itens contemplados na versão em idioma inglês, denominada “*Fitness*”, este fator de motivação abriga o item “Ter ação” que, originalmente, atende ao fator de motivação “*Fun*”.

Em comparação com a versão original do PMQ, os fatores de motivação “Emoção” e “Diversão” foram os que apresentaram as mais acentuadas diferenças na estrutura fatorial de seus componentes. No entanto, ambos os fatores de motivação abrigam importantes componentes intrínsecos potencialmente relacionados ao impulso da própria vontade, ou seja, o que induz alguém voluntariamente a fazer algo com desfrute. Na versão original o equivalente fator de motivação “Emoção”, denominado de “*Energy Release*”, abriga cinco itens, enquanto na versão traduzida a análise fatorial identificou apenas três itens, ainda assim, somente dois deles coincidentes em ambas as versões do PMQ: “Controlar tensões” e “Liberar energia”. O terceiro item identificado neste fator de motivação na versão traduzida foi “Procurar emoções fortes” que, na versão em idioma inglês, é contemplado no fator de motivação “*Fun*”.

No que se refere ao fator de motivação “Diversão”, que na versão original do PMQ recebe a denominação de “*Fun*” e engloba três itens, passou a reunir na versão traduzida para o idioma português quatro itens. No entanto, apenas um deles, “Divertir”, pertence ao agrupamento original. Neste caso, para compor a

nova estrutura fatorial, o fator de motivação “Diversão” recebeu dois itens originariamente pertencente ao fator de motivação “*Energy Release*”: “Ter algo para fazer” e “Viajar”, e um item presente na versão original no fator de motivação “*Miscellaneous Reasons*”: “Utilizar instalações e equipamentos esportivos”.

Provavelmente, diferentes concepções dos jovens selecionados em ambos os estudos quanto à componentes intrínsecos relacionados à “Emoção” e à “Diversão” possam justificar estruturas fatoriais tão divergentes entre as versões original e traduzida para o idioma português. Evidência desta possibilidade é o fato dos fatores de motivação presentes na versão original “*Energy Release*” e “*Miscellaneous Reasons*” nem sempre se repetirem em versões traduzidas para outros idiomas do PMQ, tendo seus itens excluídos da estrutura fatorial ou agrupados em outros fatores de motivação, como foi o caso da versão traduzida para o idioma português.

Fator de motivação não relacionado na versão original; porém, com importante peso fatorial na versão traduzida do PMQ foi o que recebeu a denominação de “Competição”. Este fator resultou da agregação de dois itens associados ao enfrentamento de desafios e à exposição de riscos. No entanto, na versão original do PMQ ambos os itens foram excluídos de sua estrutura fatorial por estarem representados em mais de um fator; logo, neste caso, passaram a ser utilizados tão-somente como questões-placebo. Mais uma vez, existe possibilidade das diferentes concepções quanto às ações de “Competir” e “Enfrentar desafios”, apresentadas pelos jovens reunidos no estudo de Gill, Gross, Huddleston (1983) e no presente estudo, terem contribuído para que diferentes estruturas fatoriais pudessem ser identificadas. O fator de motivação “Competência Técnica” abriga três itens em que o jovem atleta justifica a prática de esporte mediante metas de auto-realização associadas ao domínio e ao aperfeiçoamento das habilidades esportivas. Na versão original do PMQ este fator de motivação recebe a denominação de “*Skill Development*” e reúne os mesmos três itens da versão traduzida para o idioma português.

O fator de motivação “Afiliação” concentrou três itens voltados à aprovação social de extrema importância para a percepção de amizade com os pares. Na

constituição desse fator de motivação, além dos dois itens também contemplados na versão original do PMQ, mediante o fator de motivação denominado “*Friendship Items*”, o item “Influência da família/amigos”, anteriormente presente no fator de motivação “*Miscellaneous Reasons*”, também foi fatorizado em sua estrutura.

7.2. Identificação dos componentes motivacionais relacionados à prática de esporte

Nesta fase do estudo buscou-se identificar os fatores de motivação para a prática de esporte de acordo com gênero, idade, condição socioeconômica familiar e histórico de treino na amostra selecionada de jovens atletas. Esta aproximação deverá permitir que se conheçam as características motivacionais de jovens atletas e disponibilizar informações relevantes com o propósito de fomentar a prática de esportes na população jovem. Para tanto, as informações quanto aos fatores de motivação foram obtidas mediante a aplicação do PMQ traduzido e validado para o idioma português. Neste sentido, o PMQ mediante versões traduzidas e adaptadas em diferentes idiomas, provavelmente seja o instrumento mais utilizado para análise dos motivos que possam levar os jovens a praticar esporte (SERPA, 1992; VIEIRA, 1993; BUONAMANO et al, 1995; SHANG, 1997; KOIVULA, 1999; ZAHARIADIS, BIDDLE, 2000; MORUISI, 2002; DOULIAS et al, 2005; GARCIA, WEIS, VALDIVIESO, 2005; THIBORG, 2005; SIRARD et al, 2006; GÜRBUZ et al, 2007).

Os resultados encontrados revelaram que, de modo geral, a “Competência Técnica” e a “Aptidão Física” foram os principais fatores de motivação para a prática de esporte apontado pelos jovens atletas. Ou seja, os inquiridos indicaram que fundamentalmente praticavam esporte em busca de aprimoramento e manutenção de suas habilidades técnicas e condição física. Mesmo em se tratando de jovens atletas, estes achados não devem ser considerados surpreendentes, assumindo ser perfeitamente compreensível que jovens ao decidir praticar esporte privilegiem motivos que estão intimamente relacionados ao

sucesso de sua prática. Estudos disponibilizados na literatura, envolvendo jovens inseridos em diferentes contextos culturais, apresentaram resultados semelhantes (WEINBERG et al, 2000; KIM et al, 2003; CECCHINI et al, 2002; SIRARD et al, 2006).

Por outro lado, os fatores de motivação relativos à “Diversão” e ao “Reconhecimento Social” foram os considerados pelos jovens atletas como os que menos contribuem para a prática de esporte. No que concerne ao “Reconhecimento Social”, informações disponíveis na literatura revelam que, efetivamente, este fator de motivação é, via de regra, considerado como relativamente pouco importante pelos jovens atletas no que se relaciona com sua decisão de praticar esporte (ALDERMAN, WOOD, 1976; WILLIAMS, COX, 2003). No entanto, em relação à procura de “Diversão”, as indicações da literatura não são consensuais. De fato, se em alguns estudos este motivo tem sido destacado como sendo um dos mais importantes para os jovens praticarem esporte (CAMPBELL et al, 2001; WEINBERG et al, 2000), em outros estudos tal evidência não tem se confirmado (CECCHINI et al, 2002; SIRARD et al, 2006). Possível explicação para essa situação possa decorrer do significado semântico atribuído a expressão “divertir”. Para alguns jovens, divertimento e entretenimento podem não ser entendidos como fruição, mas sim como *brincadeira*, sendo, portanto, liminarmente rejeitados, já que o esporte é, para eles, algo de *muito sério*, originando-se assim, a inconsistência de resultados encontrados entre os estudos.

No que se refere aos fatores de motivação relacionados à “Afiliação”, à “Atividade de Grupo”, à “Competição” e à “Emoção”, importantes fatores com predomínio de dimensões da motivação intrínseca, verificou-se que esses foram considerados como tendo importância moderada na decisão dos jovens atletas de praticarem esporte, e em posição significativamente inferior diante de fatores classicamente representantes de dimensões da motivação extrínseca: “Competência Técnica” e “Aptidão Física”. Esses achados constituem em dado interessante, e que talvez mereça ser melhor clarificado em futuras investigações, ao se atentar para a proposição de pressupostos teóricos que procuraram

ênfatizar a maior importância de atributos vinculados a motivação intrínseca na decisão dos jovens de praticar esporte (GILL, WILLIAMS, 2008).

Ao tratar os motivos para a prática de esporte de acordo com o gênero, constatou-se que os rapazes atribuíram grau de importância aos fatores de motivação “Competição” e “Competência Técnica” significativamente mais elevado que as moças, enquanto estas valorizaram em maior grau os motivos relacionados à “Atividade de Grupo” e à “Afiliação”. Evidências disponibilizadas na literatura confirmam a tendência das moças em se identificarem mais intensamente com motivos sociais e de convivência em grupo para a prática de esporte, ao contrário dos rapazes que tendem a valorizar atributos relacionados ao desafio e à busca de excelência técnica (WEINBERG et al, 2000; CECCHINI et al, 2002; KIM et al, 2003; SIRARD et al, 2006).

Quanto à idade, apesar dos valores médios observados nos fatores de motivação “Reconhecimento Social” e “Diversão” serem os mais baixos comparativamente com os demais fatores identificados no estudo, os jovens atletas com menos idade atribuíram importância significativamente mais elevada a estes dois fatores que jovens atletas com ≥ 17 anos, o que confirma a predisposição típica dos mais jovens em valorizarem o componente lúdico do esporte, ao mesmo tempo que estabelecem expectativas de serem reconhecidos no contexto social mediante a sua prática (GILL, WILLIAMS, 2008). Aqueles jovens atletas com idades mais avançadas relataram ser significativamente mais motivados que seus pares com ≤ 14 anos para a prática de esporte por conta de atributos vinculados à “Competição” e à “Competência Técnica”. Resultados semelhantes foram identificados em estudos anteriores (HELLANDSIG, 1998; CECCHINI et al, 2002; NIGG, 2003) e podem ser justificados em razão dos jovens com mais idade oferecerem significado mais competitivo ao esporte e uma oportunidade de colocar a prova sua competência pessoal.

Aqueles jovens atletas pertencentes à classe econômica familiar menos privilegiada (Classe D) demonstraram ser significativamente mais motivados para a prática de esporte em comparação com os pertencentes a classe econômica familiar mais elevada (Classe A) por intermédio dos fatores “Reconhecimento

Social”, “Emoção”, “Afiliação” e “Diversão”. Para o nosso conhecimento, até o momento, eventuais associações entre classe econômica familiar e fatores de motivação para a prática de esporte não foram referidas na literatura; contudo, no campo especulativo, pressupõe que, entre os jovens atletas de menor nível econômico familiar, em razão do contexto sociocultural em que estão inseridos, possa existir maior interesse na eventual possibilidade de ascensão social que o esporte venha a oferecer aos seus praticantes. Também, a importância que os fatores de motivação “Emoção”, “Afiliação” e “Diversão”, em conjunto, assume entre os jovens atletas de menor nível econômico familiar, em comparação com seus pares de mais elevado nível econômico familiar, pode estar relacionada às possíveis restrições econômicas a que são submetidos, o que reflete na redução das opções de atividades disponíveis para atender suas expectativas de desfrute, convívio com amigos, lazer e entretenimento, elegendo, desse modo, a prática de esporte como importante recurso neste sentido.

Indicadores relacionados ao histórico de treino relatados pelos jovens atletas também repercutiram no grau de motivação atribuído a prática de esporte. Jovens atletas que iniciaram os treinos em idades mais precoces e que demonstraram possuir maior tempo de experiência de treino tenderam a elevar significativamente a magnitude de importância dos motivos para a prática de esporte voltados aos fatores “Aptidão Física”, “Competição” e “Competência Técnica”; enquanto jovens atletas que demonstraram possuir menor tempo de experiência de treino valorizaram significativamente mais os fatores de motivação identificados com a “Afiliação” e a “Diversão”. Esses resultados são consistentes com evidências teóricas (GILL, WILLIAMS, 2008) e empíricas (PETHERICK, WEIGAND, 2002; KIM et al, 2003) disponibilizadas na literatura e reforça a hipótese no sentido de que os praticantes iniciantes de esporte são tipicamente mais motivados por razões relacionadas à amizade e à ludicidade, ao contrário dos mais experientes que evocam preferencialmente a busca por desafios e da excelência no campo das habilidades técnicas e do condicionamento físico.

O volume de treino, evidenciado mediante informações associadas à frequência semanal e à duração das sessões de treino, também se definiu como

importante atributo vinculado ao histórico de treino que impacta de maneira significativa nos motivos atribuídos pelos jovens atletas para a prática de esporte. Neste caso, na medida em que os jovens atletas apontaram treinar mais vezes por semana e por mais tempo em cada sessão de treino maior foi a importância atribuída aos fatores de motivação vinculados à “Aptidão Física”, à “Competição” e à “Competência Técnica”. Esses resultados coincidem com evidências disponibilizadas pelos raros estudos referidos na literatura que trataram do tema (WEINBERG et al, 2000; CECCHINI et al, 2002); contudo, mediante delineamento transversal, como é o caso do presente estudo, não é possível afirmar se o traço motivacional voltado à busca por desafios e da excelência no campo das habilidades técnicas e do condicionamento físico é responsável ou consequência do maior volume de treino, salientando a possível ação de reversibilidade nessa relação.

Os resultados obtidos por característica de modalidade esportiva pressupõem que as escolhas dos esportes que os jovens atletas praticam poderão eventualmente ser influenciadas pelos fatores de motivação. Neste sentido, os jovens atletas que praticam esportes coletivos ofereceram grau de importância significativamente maior aos fatores de motivação “Atividade em Grupo”, “Competência Técnica” e “Afiliação”, enquanto os que praticam esportes individuais valorizaram mais intensa e significativamente os fatores de motivação “Aptidão Física” e “Competição”. A literatura disponibiliza razoável quantidade de estudos que procuraram identificar os motivos que levam jovens atletas a praticarem esportes coletivos (GARCIA, WEIS, VALDIVIESO, 2005; THIBORG, 2005; GÜBURZ et al, 2007; ALMAGRO et al, 2009), individuais (KLINT, WEISS, 1986; SHANG, 1997; SALGUERO et al, 2003) e de ambas as características conjuntamente (SERPA, 1992; BUONAMANO et al, 1995; KOIVULA, 1999; WEINBERG et al, 2000; ZAHARIADIS, BIDDLE, 2000; MORUISI, 2002; SIRARD et al, 2006). Contudo, até o momento, desconsiderou eventuais diferenças que possam existir entre os motivos que movem os jovens atletas a optarem pela prática de esportes coletivos ou individuais e, neste contexto, mais especificamente quanto aos esportes de quadra, campo, aquáticos, luta, raquete,

radicais, entre outros. Em vista disso, os achados encontrados no presente estudo podem ser entendidos como dados exploratórios e contribuir para o delineamento de investigações futuras direcionadas ao aprofundamento desta questão.

O nível de competição foi a estratificação que mais apontou diferenças significativas no grau de motivação apontado pelos jovens atletas para a prática de esporte. Os jovens atletas que relataram atuar, até então, somente em competições municipais/regionais atribuíram significativamente maior importância aos fatores “Reconhecimento Social”, “Atividade de Grupo”, “Emoções”, “Amizade” e “Diversão”. Por outro lado, os fatores “Aptidão Física”, “Competição” e “Competência Técnica” foram significativamente mais valorizados pelos atletas jovens que apontaram já ter atuado em competições internacionais. Estas constatações confirmam resultados de estudos anteriores quanto à preocupação e ao investimento que se deve dispensar aos motivos sociais e afetivos em estágios iniciais da carreira esportiva dos jovens atletas (GILL, WILLIAMS, 2008). Contudo, a medida que os estágios de desempenho esportivo se elevam em direção as competições internacionais, passando por competições estaduais e nacionais, as maiores exigências solicitadas fazem com que motivos associados ao desafio e à competência física e técnica passem a ser mais atraente para os jovens atletas de mais elevado desempenho atlético.

8. CONCLUSÃO

O instrumento PMQ traduzido e adaptado para o idioma português alcançou bom desempenho psicométrico frente à amostra do presente estudo, apresentando elevados coeficientes alfa de Cronbach calculados para os fatores de motivação gerados. A análise fatorial exploratória com rotação Varimax possibilitou a geração de oito fatores de motivação que, em conjunto, explicam proporção de variância próxima de 67 %. A solução fatorial gerada foi similar a apresentada originalmente no estudo de Gill, Gross e Huddleston (1983), e da maioria dos estudos publicados utilizando o mesmo delineamento experimental. Desta maneira, a versão do PMQ disponibilizada no presente estudo mostrou-se adequada para utilização em futuras intervenções com objetivo a análise de analisar os motivos para a prática de esporte em jovens atletas.

Em linhas gerais, os jovens atletas paranaenses percebem-se motivados para a prática de esporte, sobretudo por motivos vinculados à auto-realização associada ao aperfeiçoamento das habilidades esportivas e por motivos de ordem fisiológica associada ao condicionamento físico, uma vez que os fatores de motivação mais pontuados foram “Competência Técnica” e “Aptidão Física”. Também, identificou-se impacto importante de gênero, idade, classe econômica e indicadores relacionados ao histórico de treino nos fatores de motivação para a prática de esporte.

Os resultados encontrados no presente estudo estão em consonância com achados disponibilizados na literatura, sugerindo que fatores de motivação de jovens atletas de diferentes contextos culturais parecem acompanhar os mesmos comportamentos. Eventuais divergências neste sentido podem ser verificadas quando os sujeitos em questão apresentam características diferentes quanto à idade e ao nível de competição.

Na amostra selecionada no estudo, composta por jovens atletas do estado do Paraná, é notória a importância atribuída aos motivos inerentes à prática de esporte relacionados ao domínio e ao aprimoramento das habilidades esportivas,

à realização de exercício físico e manter boas condições físicas. Portanto, são motivos voltados à tarefa, relacionados com a atividade, e não, com o que a atividade pode proporcionar de desfrute, assim, motivos mais autodeterminados. Intervenções neste contexto devem ser oferecidas a fim de contemplar estas demandas motivacionais, proporcionando maior qualidade sócio-afetiva nas rotinas de treino, possibilitando, desse modo, maior chance de aderência presente e futura a prática de esporte.

Finalmente, chama-se atenção para a necessidade de futuros estudos de mesmo delineamento experimental; porém, de acompanhamento longitudinal, na tentativa de reunir subsídios para um entendimento mais efetivo quanto ao impacto de indicadores sociodemográficos e do histórico de treino nos fatores de motivação para a prática de esporte em períodos específicos na carreira esportiva de atletas jovens e na idade adulta.

9. Referências Bibliográficas

Alderman RB, Wood NL. An analysis of incentive motivation in young Canadian athletes. *Canadian Journal of Applied Sports Science* 1976; 1:169-176.

Allender S, Cowburn G, Foster C. Understanding participation in sports in physical activity among children and adults: a review of qualitative studies. *Health Education Research: Theory and Practice* 2006; 21(6): 826-835.

Almagro BJ, Conde C, Moreno JA, Sáenz-López P. Analysis and comparison of adolescent athletes motivation: basketball players vs football players. *Revista de Psicología del Deporte* 2009; 18(Suppl):353-6.

Alves JGB, Montenegro FMU, Oliveira FA, Alves RV. Prática de esportes durante a adolescência e atividade física de lazer na vida adulta. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* 2005; 11(5):291-4.

Andrade A, Salgueiro A, Márquez S. Motivos para a participação esportiva em nadadores brasileiros. *Fitness & Performance Journal* 2006; 5(6): 363-369.

Arena SS, Böhme MTS. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2004; 12(4): 45-50.

Azevedo Junior MR, Araújo CLP, Pereira FM. Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 2006; 20(1): 51-58.

Azofeifa EG. Motivos de participación y satisfacción em la actividad física, el ejercicio físico y el deporte. *Revista MHSalud* 2006; 3(1): 1-16.

Azzi RG, Polydoro SAJ. *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas: Alínea. 2006.

Bandura A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review* 1977; 84: 191-215.

Bandura A. Human agency in Social Cognitive Theory. *American Psychologist* 1989; 44(9):1175-1184.

Bandura A. Self efficacy. In: Ramachaudran VS (Ed.) *Encyclopedia of Human Behaviour*. New York: Academic Press. 1994. p.71-81.

Bara Filho MG, Ribeiro LCS. Personalidade e esporte: uma revisão. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2005; 13(2): 101-110.

Böhme MTS. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2003; 11(3): 97-104.

Breese HP. Participation motivation. In: ITFNZ Taekwon-Do: a study of a Central District region. Monografia para o título de “Bachelor of Business Studies with Honours in Management”. Massey University. 1998.

Brodkin P, Weiss MR. Developmental differences in motivation for participation in competitive swimming. *Journal of Sports and Exercise Psychology* 1990; 12: 248-263.

Buonamano A, Cei A, Mussino A. Participation motivation in Italian Youth Sport. *The Sports Psychology* 1995; 9: 265-281.

Campbell P, MacAuley D, McCrum E, Evans A. Age differences in the motivational factors for exercise. *Journal of Sport and Exercise Psychology* 2001; 23:191-199.

Carvalho T, Nóbrega ACL, Lazzoli JK, Magni JRT, Rezende L, Drummond FA, Oliveira MAB, De Rose EH, Araújo CGS, Teixeira JAC. Posição oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte* 1996; 2(4): Out/Dez.

Casal HMV. Treinamento desportivo e psicologia do esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2000; 8(4): 37-44.

Castro MG, Abramovay M. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa* 2002; 116:143-176.

Cecchini JA, Méndez A, Muñiz J. Motives for practicing sport in Spanish schoolchildren. *Psicothema* 2002; 14(3):523-531.

Chadha NK, Kolt GS. Intergenerational relationship building through participation in physical activity. *Indian Journal of Gerontology* 2004; 18:318-347.

Chantal Y, Guay F, Dobрева-Martinova T, Vallerand RJ. Motivation and elite performance: an exploratory investigation with bulgarian athletes. *International Journal of Sport Psychology* 1996; 27: 173-182.

Damatta R. O esporte e o jogo como formadores de comportamentos sociais. In: *Seminário Internacional Esporte e Sociedade 2003; Anais...* São Paulo: SESC.

Deci EL, Ryan RM. *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum. 1985.

Deschamps SR, Domingues Filho LA. Motivos e benefícios psicológicos que levam os indivíduos do sexo masculino e feminino a praticarem o ciclismo indoor. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* 2005; 13(2): 27-32.

Dobránszky IA, Machado AA. Auto-eficácia: um estudo da sua contribuição para a avaliação de desempenho de atletas. *Psico-USF* 2001; 6(2): 67-74.

Doulias E, Kosmidou E, Paulogiannis O, Patsiaouras A. Examination of participation motives in folk dance groups. *Inquiries in Sport & Physical Education* 2005; 3:107-112.

Dwyer JJM. Internal structure of participation motives questionnaire completed by undergraduates. *Psychological Reports* 1992; 70:283-290.

Fernandes HM, Vasconcelos-Raposo J. Continuum de auto-determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. *Estudos de Psicologia* 2005; 10(3): 385-395.

Fonseca AM, Maia JA. Análise factorial confirmatória à versão portuguesa do Participation Motivation Questionnaire. In: Fonseca AM. *A FCDEF-UP e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre Motivação*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade do Porto. 2001.

Freire JB. Questões psicológicas do esporte. *Revista “Nova Atenas” de Educação Tecnológica*. 2005; 8(2), jul/dez.

García FG, Weis G, Valdivieso MN. Motivos de participación deportiva de niños brasileños atendiendo a sus edades. *Apunts* 2005; 80:29-36.

Gaya A, Cardoso M. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. *Revista Perfil* 1998; 2:40-51.

Gomes AM. Programa Segundo Tempo: manifestação do esporte. (monografia) Especialização em Esporte Escolar, UNB – Universidade de Brasília, 2006.

Gouveia MJ. Tendência da investigação na psicologia do desporto, exercício e actividade física. *Análise Psicológica* 2001; 19(1): 5-14.

Guillemin F, Bombardier C, Beaton D. Cross-cultural adaptation of health-related quality of life measures: literature review and proposed guidelines. *Journal Clinical Epidemiology* 1993; 46, 14-32.

Guimarães SER, Bzuneck JA. Propriedades psicométricas de uma medida de avaliação da motivação intrínseca e extrínseca: um estudo exploratório. *Psico-USF* 2002; 7: 01-08.

Gürbüz B, Altyntas A, Asci F, Hülya A. Participation motives of 9-15 years old Turkish soccer players. *Journal of Sports Sciences and Medicine* 2007; 10(Suppl):88-91.

Guzmán Lujan JF, Carratalá Deval V. Mediadores psicológicos y motivación deportiva en judocas españoles. *Revista Internacional de Ciencias del Deporte* 2006; 5(2): 1-11.

Gill DL, Gross JB, Huddleston S. Participation motivation in youth sports. *International Journal of Sports Psychology* 1983; 14: 1-14.

Gill DL, Williams L. *Psychological Dynamics of Sport and Exercise*. Third Edition. Champaign, Illinois: Human Kinetics. 2008.

Hallal PC, Dumith SC, Bastos JP, Reichert FF, Siqueira FV, Azevedo MR. Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática. *Revista de Saúde Pública* 2007; 41(3): 453-460.

Hellandsig ET. Motivational predictors of high performance and discontinuation in different types of sports among talented teenage athletes. *International Journal of Sports Psychology* 1998; 29:27-44.

Hu WY, Wei Y. Effects on goal orientations and participation motives to university students' Physical Education and Sport. *Zhejiang Sport Science* 2005; 27:4.

Jones GW, Mackay KS, Peters DM. Participation motivation in martial artists in the west midlands region of England. *Journal of Sports Science and Medicine* 2006; (online): 28-34.

Kim MS, Chang DS, Gu H. Difference in skill levels and gender in achievement goals, perceptions of motivational atmosphere and motivation in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology* 2003; 25(Suppl):S81.

Klint KA, Weiss MR. Dropping in and dropping out: participation motives of current and former youth gymnasts. *Canadian Journal of Applied Sports Science* 1986; 11:106-114.

Koivula N. Sport participation: differences in motivation and actual participation due to gender typing. *Journal of Sport Behavior* 1999; 22:1-13.

Lawther JD. *Psicologia del deporte y del deportista*. Buenos Aires: Paidós. 1978.

Lopes P, Nunomura M. Motivação para a prática e permanência na ginástica de alto nível. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* 2007; 21(3): 177-187.

Machado AA, Gouveia FC. *Psicologia do esporte: discussões preliminares*. Psico-USF 1996; 1(1): 99-108.

Machado CS, Piccoli JCJ, Scalon RM. Fatores motivacionais que influem na aderência de adolescentes aos programas de iniciação desportiva das escolas da Universidade Luterana do Brasil. *Revista Digital EFDEportes* 2005; 10(89), www.efdeportes.com

Moruisi MA. A cross-cultural investigation of participation motivation of high school student-athletes. Thesis. Springfield College. Eugene: University of Oregon. 2002.

Munanga K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Murcia JAM, González-Cutre D. El papel de la relación con los demás en la motivación deportiva. Em A. Dias (Ed.), VI Congresso Internacional de Educação Física e Interculturalidad. 2006. Murcia: ICD.

Murcia JAM, López M, Martínez Galindo CM, Alonso N, González-Cutre D. Validación preliminar de la escala de percepción del clima motivacional de los iguales (CMI) y la escala de las orientaciones de meta en el ejercicio (GOES) con practicantes españoles de actividades físico-deportivas. Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte 2007; 1(2): 13-28.

Murcia JAM, Martínez A. Importancia de la Teoría de la Autodeterminación en la práctica físico-deportiva: Fundamentos e implicaciones prácticas. Cuadernos de Psicología del Deporte 2006; 6(2): 39-54.

Murcia JAM, Gimeno EC, Martínez A. Validación de la Escala de Medida de los Motivos para la Actividad Física-Revisada en españoles: diferencias por motivos de participación. Anales de Psicología 2007; 23(1): 167-176.

Murcia JAM, Blanco MLRS, Galindo CM, Villodre NA, Col DG. Efeitos do gênero, a idade e a frequência de prática na motivação e o desfrute do exercício físico. Fitness Performance Journal 2007; 6(3): 140-146.

Nigg CR. Do sport participation motivations add to the ability of the transtheoretical model to explain adolescent exercise behavior? International Journal of Sport Psychology 2003; 34:208-225.

Ntoumanis N. A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. British Journal of Education Psychology 2001; 71: 225-242.

Paim MCC, Pereira EF. Fatores motivacionais dos adolescentes para a prática da capoeira na escola. Motriz 2004; 10(3): 159-166.

Palma A, Ferreira DC, Bagrichevsky M, Resende HG. Dimensões epidemiológicas associativas entre indicadores socioeconômicos de vida e prática de exercícios físicos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 2006; 27(3): 103-118.

Pelletier LG, Fortier MS, Vallerand RJ, Briève NM. Associations among perceived autonomy support, forms of self-regulation, and persistence: A prospective study. *Motivation and Emotion* 2001; 25(4): 279-306.

Pelletier LG, Sèguin-Levesque C, Legault L. Pressure from above and pressure from below as determinants of teachers' motivation and teaching behaviours. *Journal of Education Psychology* 2002; 94(1): 186-192.

Pelletier LG, Fortier MS, Vallerand RJ, Tuson KM, Brière NM, Blais MR. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation, and amotivation in sports: the Sports Motivation Scale (SMS). *Journal of Sports Psychology and Exercise* 1995; 17: 35-53.

Petherick CM, Weigand DA. The relationship of dispositional goal orientations and perceived motivational climates on indices of motivation in male and female swimmers. *International Journal of Sport Psychology* 2002; 33:218-237.

Plonczynski DJ. Measurement of motivation for exercise. *Health Education Research* 2000; 15(6): 695-705.

Rangel ICA. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. *Motriz* 2006; 12(1): 73-76.

Richmond TK, Hayward RA, Gahagan S, Field AE, Heisler M. Can school income and racial/ethnic composition explain the racial/ethnic disparity in adolescent physical activity participation? *Pediatrics* 2006; 177: 2158-2166.

Rubio K, Simões AC. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. *Movimento* 1999; 11: 50-56.

Ryan RM, Deci EL. Self-Determination Theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development, and well-being. *American Psychologist* 2000; 55(1): 68-78.

Salles-Costa R, Heilborn ML, Werneck GL, Faerstein E, Lopes CS. Gênero e prática de atividade física de lazer. *Caderno de Saúde Pública* 2003; 19(2): S325-S333.

Salguero A, Gonzalez-Boto R, Tuero C. Identification of dropout reasons in young competitive swimmers. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness* 2003; 43:530-534.

Sané P. Reivindicações articuladas (e contestadas) de reparações dos crimes da história, a propósito da escravidão e do colonialismo, por ocasião da conferência de Durban. Seminário científico *Reparações e Crimes da História: O Direito em Todas as Suas Formas* (transcrição do pronunciamento). Em: <http://www.unesco.com.br> ,março/2009.

Scalon RM, Becker JRB, Brauner MRG. Fatores motivacionais que influem na aderência dos programas de iniciação desportiva pela criança. *Perfil* 1999; 3(3): 51-61.

Serpa S. Motivação para a prática desportiva: validação preliminar do questionário de motivação para as actividades desportivas (QMAD). IN: Sobral F, Marques A. *FACDEX – Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa*. 1992. p.89-97.

Shang CM. A study on the motivation of middle school students in participating in track and field competitions. *Chinese Electronic Periodical Service* 1997; 22:375-386.

Silva ML. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* 2003; 3(3): 69-76.

Sirard JR, Pfeiffer KA, Pate RR. Motivational factors associated with sports program participation in middle school students. *Journal of Adolescent Health* 2006; 38:696-703.

Souza MEV. *Culturas, realidades e preconceito racial no cotidiano escolar*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2003.

Smith SB. *The influence of performance level and settings on collegiate athletes' motivational profiles*. Tese para o título de Master of Science. Brigham Young University. 2007.

Thiborg J. Fotbollsspelares personlighet, motiv och moral I idrotten. Sektionen Lek, Fritid och Hälsa: Högskolan i Malmö. 2005. p.41-60.

Trembath EM, Szabo A, Baxter MJ. Participation motives in leisure center physical activities. *Athletic Insight: The Online Journal of Sport Psychology*. 2002.

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Políticas Públicas de/para/com Juventudes. 2ª edição, 2004, Brasília – DF.

Vallerand RJ, Fortier MS, Guay F. Self-determination and persistence in a real-life setting: toward a motivational model of high school dropout. *Journal of Personality and Social Psychology* 1997; 72(5): 1161-1176.

Vieira LF. A relação entre percepção de competência de atletas adolescentes e seus motivos para a prática esportiva. *Revista da Educação Física* 1993; 4:40-44.

Wang CKJ, Biddle SJH. Intrinsic motivation towards sports in Singaporean students: the role of sports ability beliefs. *Journal of Health Psychology* 2003; 8(5): 515-523.

Weinberg R, Tenenbaum G, McKenzie A, Jackson S, Ashel M, Grove R, Fogarty G. Motivation for youth participation in sport and physical activity: relationships to culture, self-reported activity level, and gender. *International Journal of Sport Psychology* 2000; 31:321-346.

Williams L, Cox A. The relationship among social motivational orientations, perceived social belonging and motivation-related outcomes. *Journal of Sports and Exercise Psychology* 2003; 25(Suppl):S7-S8.

World Health Organization. Adolescent health and development: a WHO regional framework 2001-2004. In: <http://www.who.in/em> março/2009.

Zahariadis PN, Greece T, Biddle SJH. Goal orientation and participation motives in physical education and sports: Their relationship in English schoolchildren. *The Online Journal of Sport Psychology* 2000; 2(1): 1-12.

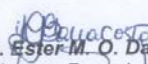
Zanetti MC, Lavoura TN, Machado AA. Motivação no esporte infanto-juvenil. *Revista Conexões* 2008; 6(especial): 444-453.

ANEXOS

ANEXO 1
APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
Universidade Estadual de Londrina/ Hospital Universitário Regional Norte do Paraná
Registro CONEP 268

PARECER CEP Nº 086/08 CAAE Nº 0163.0.268-000-08	Londrina, 16 de dezembro de 2008.
PESQUISADOR(A): JOSÉ EVARISTO SILVERIO NETTO	
Ilmo(a) Sr(a)	
<p style="text-align: center;">O "Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina/ Hospital Universitário Regional Norte do Paraná" de acordo com as orientações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS e Resoluções Complementares, APROVA a execução do projeto:</p> <p style="text-align: center;">"MOTIVAÇÃO PARA PRÁTICA DE ESPORTES EM JOVENS ATLETAS E FATORES ASSOCIADOS"</p> <p>Informamos que a Sr(a) deverá comunicar, por escrito, qualquer modificação que ocorra no desenvolvimento da pesquisa, bem como deverá apresentar ao CEP/UEL relatório final da pesquisa.</p>	
Situação do Projeto: APROVADO	
Atenciosamente,	
 Prof. Dra. Ester M. O. Dalla Costa Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UEL Coordenadora	

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DE ESPORTES EM JOVENS ATLETAS E FATORES ASSOCIADOS

Objetivo do projeto: Investigar os motivos para a prática de esportes em jovens atletas participantes dos Jogos da Juventude do Paraná e sua associação com fatores relacionados à experiência esportiva e às características do treinamento a que são submetidos. **Procedimentos:** Aplicação de questionário por uma equipe de entrevistadores treinados para utilização de seus procedimentos. Na presença dos técnicos e/ou responsáveis pelos atletas, cada entrevistador deverá expor os objetivos do estudo e a forma adequada de responder os questionários. A identidade dos jovens será mantida em sigilo, e para tal, após responderem os questionários, os atletas deverão colocá-los em envelopes iguais, não nomeados. **Desconfortos e Riscos:** O questionário a ser aplicado já foi validado para utilização na realidade brasileira. Desse modo, acredita-se que não deverão haver riscos ou desconfortos para a integridade física, mental ou social dos participantes. **Benefícios esperados:** Os resultados obtidos a partir do estudo deverão trazer a luz a situação motivacional dos jovens atletas paranaenses, além de auxiliar no desencadeamento de ações intervencionistas que favoreçam o aumento da motivação para a prática do esporte, aumentando a aderência e a possibilidade de melhores desempenhos em competições subseqüentes. **Esclarecimentos antes e durante a pesquisa:** Todos os jovens e seus treinadores envolvidos na investigação terão acesso, a qualquer tempo, às informações sobre os procedimentos, os riscos e os benefícios relacionados à pesquisa. Qualquer questão sobre a metodologia utilizada no projeto ou informações adicionais que se fizerem necessárias serão encorajadas. **Liberdade de recusar ou retirar o consentimento:** A permissão para participar do projeto é voluntária. Portanto, os responsáveis legais estarão livres para negar esse consentimento a qualquer momento, sem que isto traga qualquer tipo de constrangimento ou penalização. **Despesas decorrentes da participação no projeto de pesquisa:** Os voluntários estarão isentos de qualquer despesa ou ressarcimento decorrente do projeto de pesquisa. **Exposição dos resultados e preservação da privacidade:** Os resultados obtidos no estudo deverão ser publicados, independentemente dos resultados encontrados; contudo, sem que haja identificação dos jovens que prestaram sua contribuição como sujeitos da amostra, respeitando, assim, a privacidade dos participantes conforme rege as normas éticas.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Eu, _____, declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo professor José Evaristo Silvério Netto e ter entendido o que me foi explicado, não havendo mais dúvidas, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE em participar do projeto.

Assinatura do participante

Eu, José Evaristo Silvério Netto, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto. Em caso de qualquer dúvida, favor entrar em contato conosco na Direção do Centro de Educação Física e Esporte da Universidade Estadual de Londrina – Fones (18) 32292137 ou (11) 6280-6430 E-mail: prof.jevaristo@gmail.com

Assinatura do Pós-Graduando

Londrina, _____ de _____ de 2008.

ANEXO 3

MOTIVOS PARA A PRÁTICA DE ESPORTES

Participation Motivation Questionnaire
(Traduzido e adaptado de Gill, Gross e Huddleston, 1983)

Abaixo é apresentado um conjunto de motivos que levam as pessoas a praticar esporte. Leia com atenção cada item e marque com um "X" o quanto cada um desses motivos é importante atualmente para Você praticar sua modalidade esportiva.

Eu pratico esportes para:		Nada Importante			Muito Importante		
		↓					↓
1	Melhorar as habilidades técnicas	0	1	2	3	4	5
2	Estar com os amigos	0	1	2	3	4	5
3	Ganhar dos adversários	0	1	2	3	4	5
4	Liberar energias	0	1	2	3	4	5
5	Viajar	0	1	2	3	4	5
6	Manter a forma física	0	1	2	3	4	5
7	Ter emoções fortes	0	1	2	3	4	5
8	Trabalhar em equipe	0	1	2	3	4	5
9	Satisfazer a família ou amigos	0	1	2	3	4	5
10	Aprender novas habilidades	0	1	2	3	4	5
11	Fazer novas amizades	0	1	2	3	4	5
12	Fazer algo em que sou bom	0	1	2	3	4	5
13	Liberar tensões	0	1	2	3	4	5
14	Ganhar prêmios	0	1	2	3	4	5
15	Fazer exercício físico	0	1	2	3	4	5
16	Ter algo para fazer	0	1	2	3	4	5
17	Ter ação	0	1	2	3	4	5
18	Desenvolver espírito de equipe	0	1	2	3	4	5
19	Sair de casa	0	1	2	3	4	5
20	Competir	0	1	2	3	4	5
21	Sentir importante	0	1	2	3	4	5
22	Pertencer a um grupo	0	1	2	3	4	5
23	Superar limites	0	1	2	3	4	5
24	Estar em boas condições físicas	0	1	2	3	4	5
25	Ser conhecido	0	1	2	3	4	5
26	Vencer desafios	0	1	2	3	4	5
27	Satisfazer o professor/treinador	0	1	2	3	4	5
28	Ser reconhecido e ter prestígio	0	1	2	3	4	5
29	Divertir	0	1	2	3	4	5
30	Utilizar instalações e equipamentos esportivos	0	1	2	3	4	5

ANEXO 4

INSTRUMENTO SOCIODEMOGRÁFICO E HISTÓRICO ESPORTIVO

1. Qual cidade Você representa:	2. Qual modalidade Você pratica:
3. Qual é o seu sexo: () Feminino () Masculino	4. Como Você identifica sua etnia: () Branco () Asiático () Negro () Índio () Outra etnia, qual _____
5. Qual é a sua idade: () ≤ 14 Anos () 15 Anos () 16 Anos () 17 Anos () ≥ 18 Anos	6. Com que idade Você começou a treinar: () ≤ 7 Anos () 8 – 9 Anos () 10 – 11 Anos () 12 – 13 Anos () 14 – 15 Anos () ≥ 16 Anos
7. Quanto tempo Você está treinando: () ≤ 1 Anos () 2 Anos () 3 Anos () 4 Anos () 5 Anos () 6 Anos () ≥ 7 Anos	8. Quantas vezes Você treina por semana: () ≤ 1 vez () 2 vezes () 3 vezes () 4 vezes () 5 vezes () 6 vezes () ≥ 7 vezes
9. Qual é a duração de cada treino: () ≤ 1 hora () 1 – 2 horas () 3 – 4 horas () ≥ 5 horas	10. Seu melhor resultado foi em competição: () Internacional () Nacional () Estadual () Regional () Municipal
11. Em que série Você está estudando: () Eu não estudo () 1ª à 4ª Série do Ensino Fundamental () 5ª à 6ª Série do Ensino Fundamental () 7ª à 8ª Série do Ensino Fundamental () 1ª à 3ª Série do Ensino Médio	12. Qual é o nível de escolaridade de seu pai ou da pessoa responsável por Você: () Analfabeto/Primário incompleto () Primário completo/Ginásio incompleto () Ginásio completo/Colegial incompleto () Colegial completo/Superior incompleto () Superior completo

13. Assinale o número de itens de utensílios domésticos que possui na casa em que Você reside com a família:

	Não tem	1	2	3	≥ 4	
Televisão em cores	()	()	()	()	()	Geladeira e freezer
Videocassete ou DVD	()	()	()	()	()	() Não possui
Rádio	()	()	()	()	()	() Possui só geladeira sem freezer
Aspirador de pó	()	()	()	()	()	() Possui geladeira duplex ou freezer
Máquina de lavar roupa	()	()	()	()	()	
Banheiros	()	()	()	()	()	
Automóvel	()	()	()	()	()	
Empregada(o) mensalista	()	()	()	()	()	

ANEXO 5

PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE*(Gill, Gross e Huddleston, 1983)*

Below are some reasons that people give for participating in sports. Read each item carefully and decide if that item describes a reason why you participate in your sport. Mark an "X" to indicate if that reasons is Very Important, Somewhat Important, or Not at all Important for you.

		Very Important	Somewhat	Not at all
um	I want to improve my skills	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
dois	I want to be with my friends	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
três	I like to win	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	I want to get rid f energy	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	I like to travel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	I want to stay in shape	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	I like the excitement	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	I like the teamwork	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	My parents or close friends want me to play	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	I want to learn new skills	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	I like to meet new friends	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	I like to do something I'm good at	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	I want to release tension	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	I like the rewards	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	I like to get exercise	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	I like to have something to do	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17	I like the action	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18	I like the team spirit	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19	I like to get out of the house	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20	I like to compete	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21	I like to feel important	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22	I like being on a team	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23	I want to go an to a higher level	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24	I want to be physically fit	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25	I want to be popular	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26	I like the challenge	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27	I like the coaches or instructors	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28	I want to gain status or recognition	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29	I like to have fun	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30	I like to use the equipment or facilities	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>